



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

Arquitetura Paisagista na Câmara Municipal de Alvito

Patrícia Alexandra Nascimento Trancarruas

Orientadora: Prof. Doutora Rute Sousa Matos

Coorientador: Engenheiro Civil David Ramos

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

Arquitetura Paisagista na Câmara Municipal de Alvito

Patrícia Alexandra Nascimento Trancarruas

Orientadora: Prof. Doutora Rute Sousa Matos
Coorientador: Engenheiro Civil David Ramos

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, 2015

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Doutora Rute Sousa Matos, pela disponibilidade, orientação, amizade e paciência. Por me ter mostrado a realidade do mundo profissional e por me ter apoiado a encarar esta realidade.

À minha família:

Aos meus pais pela oportunidade de envergar no ensino superior e pela confiança que depositaram em mim ao longo destes anos.

Aos meus irmãos pela sua curiosidade pelo meu trabalho.

Aos meus avós pelo apoio que sempre me deram. E pelo orgulho que sempre mostraram sentir por mim.

À minha mãe por nunca ter permitido que desistisse dos meus sonhos. E por acreditar em mim.

À Câmara Municipal de Alvito:

Ao meu coorientador Eng.º Civil David Ramos pelo apoio e disponibilidade. Por todo o conhecimento que me transmitiu da sua área e pelas diversas realidades que me fez ver.

Em particular ao Presidente da Câmara Municipal de Alvito António João Valério, por ter aceite o estágio e pela disponibilidade.

À Arq.^a Luísa Valério pelas conversas e sugestões dadas acerca dos Projetos. Por todo o ensinamento que ao longo deste estágio me transmitiu.

Ao Técnico Bartolomeu Torres pelo fornecimento dos ficheiros dwg, e pela disponibilidade que sempre conferiu durante o estágio.

Aos meus amigos e colegas:

Ao João pela sua amizade, compreensão e paciência nos momentos de maior aperto. Pela força e apoio que me deu ao longo destes anos.

À Mariana pela nossa amizade. Por sempre me ajudar quando precisei.

A todas as minhas amigas que me apoiaram ao longo da minha vida, e que sempre acreditaram em mim.

ARQUITECTURA PAISAGISTA NA CÂMARA MUNICIPAL DE ALVITO

O presente relatório de estágio ambiciona dar a conhecer todos os trabalhos realizados ao longo do estágio no Gabinete Técnico da Unidade Municipal de Obras e Serviços Urbanos (UMOSU) na Câmara Municipal de Alvito. No decorrer do estágio desenvolveram-se vários trabalhos a nível da Arquitetura Paisagista sendo estes solicitados pela Câmara Municipal. Tendo como base todos os conhecimentos académicos adquiridos ao longo da licenciatura e mestrado em Arquitetura Paisagista ambos doutrinados na Universidade de Évora. Em suma o presente relatório incide sobre o estudo, caracterização e avaliação da paisagem do concelho de Alvito, bem como a análise e proposta de intervenção sobre diversos espaços abertos das freguesias de Alvito. Pretende ainda dar a conhecer à Câmara Municipal as funções de um Arquiteto Paisagista.

Palavras-Chave: Arquitetura Paisagista, Paisagem, Estrutura Ecológica, Requalificação.

ABSTRACT

LANDSCAPE ARCHITECTURE IN THE MUNICIPAL COUNCIL OF ALVITO

The Present internship Report aims to raise awareness of all the Work Accomplished Along Stage not Technical Office of the Municipal Unit of Works and Urban Services (UMOSU) in the Municipal council of Alvito. During intership developed various works at the level of Landscape Architecture being these requested for the City Council. Having bases in how knowledge all academic bought along the undergraduate and master's degree in Landscape Architecture, both indoctrinated in University of Évora. In short the present report covers the study characterization and evaluation of the county of Alvito landscape , as well as the analysis and proposal of on intervention Several Open Spaces of the parishes of Alvito . Also responsible to inform the City Council the functions of a Landscape Architect.

Keyword: Landscape Architecture, Landscape, Ecological Structure, Requalification.

ACRÓNIMOS

CMA – Câmara Municipal de Alvito

ERPVA - Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental

GAP – Gabinete de Apoio ao Presidente

GADE - Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico

PULA – Parque Urbano de Lazer Ativo

PROTA – Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo

UMOSU – Unidade Municipal de Obras e Serviços Urbanos

UMAF — Unidade Municipal de Administração e Finanças.

UMOSU — Unidade Municipal de Obras e Serviços Urbanos

UMASC — Unidade Municipal de Ação Sociocultural.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
ACRÓNIMOS	X
ÍNDICE GERAL	XII
ÍNDICE DE FIGURAS	XV
ÍNDICE DE TABELAS	XXIII
ÍNDICE DE ANEXOS	XXIV
INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 – Contextualização sobre a Arquitetura Paisagista.....	8
1.1 – Origem e história da Arquitetura Paisagista.....	9
1.2 - O conceito de “ <i>Paisagem</i> ” e de “ <i>Continuum naturale</i> ”	11
Capítulo 2 – Contexto histórico, Caracterização e Avaliação da Paisagem do Concelho de Alvito... ..	14
2.1 - Síntese de Caracterização da Paisagem do Concelho.....	17
2.2 - Unidades de Paisagem.....	23
2.3 - Estrutura Ecológica Municipal (EEM).....	29
Capítulo 3 – Levantamentos dos Espaços Abertos.....	33
Capítulo 4 – Projetos Trabalhos Experiências	62
4.1 – Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio	64
4.1.1 – Análise e Caracterização... ..	65
4.1.2 – Propostas.....	71
4.1.2.1 – Proposta 1... ..	71
4.1.2.2 – Proposta 2... ..	73
4.1.2.3 – Proposta 3... ..	75
4.1.2.4 – Proposta 4... ..	76

4.1.3 – Proposta Final.....	77
4.1.4 – Reflexão Crítica.....	78
4.2 – Intervenção Paisagística no Campo de Futebol José Joaquim Branquinho “O Professor” – Estudo Prévio.....	82
4.2.1 – Análise e Caracterização... ..	83
4.2.2 – Propostas.....	84
4.2.2.1 – Proposta 1... ..	85
4.2.2.2 – Proposta 2... ..	86
4.2.2.3 – Proposta 3... ..	87
4.2.3 – Proposta Final.....	88
4.2.4 – Reflexão Crítica.....	89
4.3 - Intervenção Paisagística no espaço aberto que acolhe o nicho de Nossa Senhora de Fátima localizado à entrada de Alvito – Estudo Prévio	90
4.3.1 – Análise e Caracterização... ..	91
4.3.2 – Propostas.....	93
4.3.2.1 – Proposta 1... ..	93
4.3.2.2 – Proposta 2... ..	94
4.3.3 – Proposta Final.....	95
4.3.4 – Reflexão Crítica.....	97
4.4 – Proposta de Intervenção no espaço aberto situado num gaveto que cruza a Rua Professor Egaz Moniz e a Rua Dr. Ernesto Góis – Estudo Prévio	98
4.4.1 – Análise e Caracterização... ..	99
4.4.2 – Propostas.....	100
4.4.2.1 – Proposta 1... ..	101
4.4.2.2 – Proposta 2... ..	102
4.4.2.3 – Proposta 3... ..	103
4.4.2.4 – Proposta 4... ..	104
4.4.3 – Proposta Final.....	111
4.4.4 – Reflexão Crítica... ..	112

4.5 - Proposta de Requalificação no Jardim da Casa do Povo de Vila Nova da Baronia – Plano de Plantação	113
4.5.1 – Análise e Caracterização... ..	114
4.5.2 – Proposta	116
4.5.3 – Proposta Final.....	117
4.5.4 – Reflexão Crítica... ..	118
4.6 - Proposta de Intervenção junto ao mercado de Vila Nova da Baronia – Plano de Plantação.	119
4.6.1 – Análise e Caracterização... ..	120
4.6.2 – Proposta	121
4.6.3 – Proposta Final.....	122
4.6.4 – Reflexão Crítica.....	123
4.7 - Intervenção Paisagística no jardim do PULA em Alvito – Estudo Prévio	124
4.7.1 – Análise e Caracterização... ..	125
4.7.2 – Propostas.....	126
4.7.2.1 – Proposta 1... ..	127
4.7.2.2 – Proposta 2.	128
4.7.3 – Proposta Final.....	128
4.8 - Intervenção Paisagística junto ao cemitério de Vila Nova da Baronia – Estudo Prévio	129
4.8.1 – Análise e Caracterização... ..	130
4.8.2 – Propostas.....	131
4.8.2.1 – Proposta 1... ..	131
4.8.2.2 – Proposta 2.	132
4.8.3 – Proposta Final.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	138
ANEXOS	140

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 – Organograma da Câmara Municipal de Alvito
- Figura 2 – Localização da Área de intervenção
- Figura 3 – Localização das áreas de intervenção - Alvito
- Figura 4 – Localização das áreas de intervenção – Vila Nova da Baronia
- Figura 5 - Mapa de Hipsometria do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito
- Figura 6 - Mapa de Declivas do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito
- Figura 7 - Mapa de Exposição Solar do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito
- Figura 8 - Carta de Capacidade de uso do solo, sem escala, Fonte: PDM de Alvito
- Figura 9 - Mapa de uso e ocupação do solo do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito
- Figura 10 – Mapa dos Povoamentos Florestais do Município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito
- Figura 11 – Q – Terras do Sado, sem escala
- Figura 12 - Unidade 97, sem escala
- Figura 13 - R - Alentejo Central, sem escala
- Figura 14 – S – Baixo Alentejo, sem escala
- Figura 15 – Unidade 110, sem escala
- Figura 16 – Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental e do Litoral, sem escala, PROTA (2010)
- Figura 17 - Fotografia aérea de Alvito
- Figura 18 – Fotografia aérea do PULA
- Figura 19 – Entrada Principal
- Figura 20 – Equipamento Infantil
- Figura 21 – Elemento de água
- Figura 22 – Elemento de água – Repuxo inativo
- Figura 23 – Estrutura de Ensobramento
- Figura 24 – Campos de Futebol
- Figura 25 – Fotografia aérea do Jardim do Lar da 3º idade
- Figura 26 – Interior do Jardim

Figura 27 – Entrada Secundária do Jardim

Figura 28 - Oliveira

Figura 29 – Couve de Santa Terezinha

Figura 30 – Elemento central

Figura 31 – Agapanto

Figura 32 – Fotografia aérea do Largo da Trindade e Adro

Figura 33 – Largo da Trindade

Figura 34 – Variedade de espécies

Figura 35 – Tipo de iluminação

Figura 36 – Elemento central – Busto

Figura 37 – Efeito da espécie – Kochia

Figura 38 – Homenagem a Dr. Ernesto Góis

Figura 39 – Adro nos inícios da década de 60

Figura 40 – Fotografia aérea da Praça da Republica

Figura 41 – Sul da Praça da Republica

Figura 42 – Anfiteatro

Figura 43 – Norte da Praça da Republica

Figura 44 – Pelourinho a Norte da Praça

Figura 45 – Praça da Republica nos Anos 40, Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

Figura 46 – Tourada na Praça da Republica, Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

Figura 47 - Fotografia aérea do Largo da Fundação da casa de Bragança

Figura 48 – Corações de Alvito, (Zinias)

Figura 49 – Homenagem a Ernesto Magno

Figura 50 – Largo (estacionamento)

Figura 51 – Largo nos finais dos anos 40

Figura 52 – Fotografia aérea da Pousada / Castelo de Alvito

Figura 53 – Pátio do Castelo de Alvito

Figura 54 – Interior do Pátio

Figura 55 – Elemento de água (espelho de água)

Figura 56 – Zona íntima do jardim

Figura 57 – Piscina do Castelo de Alvito

Figura 58 – Pátio do Castelo de Alvito, primeiras décadas do século XX, Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

Figura 59 – Fotografia aérea do Rossio

Figura 60 – Aspeto visual a norte do espaço

Figura 61 – Aspeto visual a sul do espaço

Figura 62 – Elemento central do espaço - Mó

Figura 63 – Ermida de São Sebastião

Figura 64 – Miradouro junto à Ermida de São Sebastião

Figura 65 – Vista para a Paisagem Alentejana

Figura 66 - Rossio nos anos 50, Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

Figura 67 - Fotografia aérea do parque das exposições e feiras

Figura 68 - Entrada do parque das Feiras

Figura 69 - Estacionamento na envolvente do parque

Figura 70 – Estado atual do Parque das feiras

Figura 71 – Proposta de Requalificação do parque da feira

Figura 72 – Fotografia aérea do Nicho de Nossa Senhora de Fátima

Figura 73 – Corações de Alvito

Figura 74 – *Felícia amelloides*

Figura 75 – Nicho de Nossa Senhora de Fátima

Figura 76 – 4 Corações com Felícias

Figura 77 – Entrada de Alvito, requalificada

Figura 78 – Fotografia aérea da paragem de Autocarro

Figura 79 – Paragem de Autocarro da entrada de Alvito

Figura 80 – Fotografia aérea dos Largos do Roque e do Castelo

Figura 81 – Zona de estadia junto à pousada

Figura 82 – Chafariz

Figura 83 – Símbolo religioso junto à entrada secundária da pousada

Figura 84 – Largo do Castelo

Figura 85 – Entrada da Pousada de Alvito

Figura 86 – Fotografia aérea do edifício da câmara

Figura 87 – Torre do Relógio

Figura 88 – Mercado Municipal, ao fundo

Figura 89 – Fotografia aérea do espaço aberto junto à Porta Nova

Figura 90 – Espaço aberto junto à Porta Nova

Figura 91 – Acesso ao espaço

Figura 92 - Fotografia aérea de Vila Nova da Baronia

Figura 93 – Fotografia aérea do Espaço aberto a norte de Vila Nova da Baronia

Figura 94 – Espaço aberto em Vila Nova da Baronia

Figura 95 – Acesso ao espaço

Figura 96 – Fotografia aérea do Jardim da Casa do Povo

Figura 97 – Entrada do Jardim

Figura 98 – Equipamento infantil

Figura 99 – Zona de estadia

Figura 100 – Campo de Futebol

Figura 101 – Fotografia aérea do espaço aberto do mercado

Figura 102 – homenagem aos soldados

Figura 103 – Utilização de diferentes tipos de pavimento

Figura 104 - Estacionamento

Figura 105 – Canteiros

Figura 106 – Fotografia aérea do espaço aberto junto ao Pelourinho

Figura 107 – Espaço aberto junto ao Pelourinho

Figura 108 -Pelourinho

Figura 109 – Utilizadores do espaço repousando

Figura 110 – Fotografia aérea da Igreja Matriz

Figura 111 - Topografia do espaço, sem escala

Figura 112 – Adro

Figura 113 – Esquema de identificação de espécies

Figura 114 – Esquema de caminhos do Largo da Santíssima Trindade

Figura 115 – Esquema de localização dos utilizadores do espaço

Figura 116 – Espaço a sul

Figura 117 – Mobiliário urbano a sul do espaço

Figura 118 – Adro

Figura 119 – Elemento central do espaço, Cruz

Figura 120 – Relação do elemento central e a Igreja Matriz

Figura 121 – Esquema de Percursos principais e secundários

Figura 122 – Esquema da Vegetação

Figura 123 – Percursos mais utilizados

Figura 124 – Criação dos centros da proposta

Figura 125 – Plano Geral, proposta 1, sem escala, - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Figura 126 – Corte A – A´

Figura 127 – Plano Geral, proposta 2, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Figura 128 – Plano Geral, proposta 2 a), sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Figura 129 – Plano Geral, proposta 3, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Figura 130 – Plano Geral, proposta 4, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Figura 131 – Plano Geral, proposta final, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Figura 132 - Como deveria de ser abordada a proposta

Figura 133 – Canteiro de relva

Figura 134 – Plantações do Largo

Figura 135 – Entrada Principal do Largo

Figura 136 – Localização da proposta

Figura 137 – Estrada do Campo de Futebol

Figura 138 – Alinhamento arbóreo

Figura 139 – Portão existente

Figura 140 – Placar informativo

Figura 141 – Vedação do campo de futebol

Figura 142 – Alinhamento de Loendros/Parque de estacionamento

Figura 143 – Vista para o campo de Futebol

Figura 144 – Ilustração do Muro de pedra

Figura 145 – Proposta 1
Figura 146 – Proposta 2
Figura 147 – Proposta 2
Figura 148 – Proposta 3
Figura 149 – Alçado Frontal
Figura 150 – Planta
Figura 151 – Localização do nicho
Figura 152 – Nicho antes da intervenção
Figura 153 – Estrada Nacional antes de ser intervencionada
Figura 154 – Estrada Nacional requalificada
Figura 155 – Plano Geral, proposta 1
Figura 156 – Ilustração da Proposta 1
Figura 157 – Plano Geral, proposta 2, sem escala
Figura 158 – Implantação dos corações
Figura 159 – Proposta final aprovada em reunião
Figura 160 – Pormenor construtivo, Dimensões do coração
Figura 161 – Corações recortados no relvado
Figura 162 – Nicho
Figura 163 – Resultado final
Figura 164 – Localização do espaço
Figura 165 – Presença do Poço
Figura 166 – Muro em alvenaria
Figura 167 – Carros estacionados no espaço
Figura 168 – Esquema de usos do espaço/circulação
Figura 169 – Plano geral, proposta 1, sem escala
Figura 170 – Plano Geral, proposta 2, sem escala
Figura 171 – Plano Geral, Proposta 3, sem escala
Figura 172 – Plano Geral, Proposta 4, sem escala
Figura 173 - Esquema das linhas base do projeto, sem escala
Figura 174 - Representação esquemática do jogo Quebra-cabeças
Figura 175 - Esquema do estrato arbustivo, herbáceo e revestimento

Figura 176 - Esquema da localização das árvores

Figura 177 – Esquema da localização dos arbustos

Figura 178 - Esquema da localização das herbáceas

Figura 179 – Esquema da localização do relvado

Figura 180 - Esquema da localização do pavimento – pedra irregular de granito

Figura 181 - Esquema da localização do pavimento – calçada de granito azul Évora

Figura 182 - Esquema da localização do mobiliário urbano

Figura 183 – vista 1, proposta 4

Figura 184 – vista 2, proposta 4

Figura 185 – vista 3, proposta 4

Figura 186 – vista 4, proposta 4

Figura 187 – Plano Geral, proposta final, sem escala

Figura 188 – Localização do jardim da casa do povo

Figura 189 – Zona de estadia

Figura 190 – Localização dos wc´s

Figura 200 – Bancada do Campo

Figura 201 – Bebedouro em inox

Figura 202 – Equipamento infantil

Figura 203 – Percurso do Jardim

Figura 204 – Campo de Futebol

Figura 205 – Estado dos canteiros

Figura 206 – Zona de estadia com mesas e bancos

Figura 207 – Estrutura de ensombramento

Figura 208 – Plano de Plantação, sem escala

Figura 209 - Esquema das cores da vegetação

Figura 210 – Plano de Plantação Final, sem escala

Figura 211 – Localização do espaço de intervenção

Figura 212 – Plano de Plantação (Anexo 10)

Figura 213 – Espaço anterior à instalação da escultura

Figura 214 – Proposta da instalação da escultura, sem escala

Figura 215 – Proposta final, sem escala

Figura 216 – Estacionamento a Norte

Figura 217 – Implantação da escultura

Figura 218 – Canteiros floridos

Figura 219 – Estacionamento

Figura 220 - Escultura

Figura 221 – Calçada

Figura 222 – Pavimento em mármore

Figura 223 – Aspeto visual

Figura 224 – Localização do Jardim do PULA

Figura 225 – Plano Geral do Jardim do PULA, sem escala (anexo 12)

Figura 226 – Elemento de água inactivo

Figura 227 – Envolvente do elemento de água

Figura 228 – Estrutura de Ensombramento

Figura 229 - *Wisteria sinensis*

Figura 230 – Proposta 1, estrutura de ensombramento

Figura 231 – Proposta 1, Elemento de água, sem escala

Figura 232 – Proposta 2, sem escala

Figura 233 – Proposta final, estrutura de ensombramento

Figura 234 - Localização do estacionamento no cemitério de Vila Nova da Baronia

Figura 235 – Estrada Nacional 383

Figura 236 – Limite do passeio vindo da Vila

Figura 237 – Espaço de intervenção

Figura 238 – Entrada principal do cemitério

Figura 239 – Proposta 1, estacionamento junto ao cemitério, sem escala

Figura 240 – Proposta 2, estacionamento junto ao cemitério, sem escala

Figura 241 – Proposta final, estacionamento junto ao cemitério, sem escala

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de Síntese de Distribuição taxonómica das ordens de solos

Tabela 2 - Tabela de Síntese de Distribuição taxonómica das “Subordens de Solos”

Tabela 3 – Espécies sugeridas

Tabela 4 – Mobiliário urbano sugerido

Tabela 5 – Espécies sugeridas

Tabela 6 – Vegetação final aprovada

Tabela 7 – Proposta da Vegetação

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo 1 – Planta de Ordenamento
- Anexo 2 – Planta de Condicionantes, Reserva Ecológica Nacional
- Anexo 3 – Planta de Condicionantes Reserva Agrícola Nacional
- Anexo 4 – Planta de Condicionantes: Outras condicionantes
- Anexo 5 – Planta de Condicionantes: Outras condicionantes - Aglomerados
- Anexo 6 – Planta de Equipamentos – Aglomerados Urbanos
- Anexo 7 – Planta de Estrutura Ecológica Nacional
- Anexo 8 – Regulamento do plano de urbanização da vila de Alvito, Secção VIII - Artigo 40º e Artigo 41º
- Anexo 9 - Adaptação ao PROTA, recitado no Diário da República, 2.ª série — N.º 219 — 11 de Novembro de 2010, o regulamento no Capítulo IX
- Anexo 10 - Outras disposições - Secção I. O Regulamento do Plano Diretor Municipal de Alvito, de Julho de 2014, - Secção V. – Espaços Verdes – Artigo 66º; Artigo 67; Artigo 68
- Anexo 11 – Proposta de Requalificação do Espaço Aberto Adjacente à Casa do Povo de Vila Nova da Baronia, Plano de Plantação
- Anexo 12 – Projecto da Câmara Municipal de Alvito: Largo do Mercado de Vila Nova da Baronia, Plano de Plantação
- Anexo 13 – Projecto da Câmara Municipal de Alvito: Parque Urbano de Lazer ativo (PULA),

INTRODUÇÃO

“Na Bíblia, quando se fala do jardim, é um lugar concreto, circunscrito. Os hebreus não andavam à procura do jardim, andavam à procura do Éden, o vale fértil onde estava o jardim. Depois vem a casa do Homem. A certa altura a casa do Homem é tão grande que começa a ser necessário o jardim público, o parque, a ligação de parques e de jardins, os espaços verdes. Não chega, porque 84% da população mundial vai viver para as cidades, que ficam desmesuradas, ou então são todas torres, o que é desumano. Temos de criar um Éden para esta cidade, e temos que criar dentro do Éden o paraíso, que é o jardim”

Gonçalo Ribeiro Telles

Abril de 2009

De modo a completar a componente prática do curso de Mestrado em Arquitetura Paisagista, optámos pela realização de um estágio curricular e posterior relatório de estágio como trabalho final para adquirir o grau de Mestre. Para além do motivo mencionado anteriormente, a escolha da realização do estágio deveu-se ao facto de, no domínio profissional da Arquitetura Paisagista, o projeto, ter sido sempre a área para a qual nos sentíamos mais atraídos.

A decisão da realização do estágio foi logo tomada desde uma fase inicial, pois pretendíamos a aquisição de novas competências profissionais, que facilitaríamos a iniciação da prática profissional.

Desde modo optámos pelo estágio na Câmara Municipal de Alvito (CMA), tanto pela sua disponibilidade de receber um estagiário como pela preferência no sector público. A Câmara apresentou-nos vários desafios interessantes relacionados com a área de trabalho, o que foi visto por nós como uma oportunidade de adquirir conhecimento e experiência profissional.

A duração do estágio foi de 6 meses, com início em meados de Dezembro de 2014 e terminando em meados de Maio de 2015. O trabalho incidiu fundamentalmente sobre a requalificação de Espaços Verdes do Concelho de Alvito.

A realização do estágio e a elaboração do presente relatório reflete o culminar da formação académica na área da Arquitetura Paisagista e o início da atividade profissional.

O Estágio

A Câmara Municipal de Alvito é a segunda câmara mais pequena do país, sendo a primeira Mértola que partilha o mesmo distrito – Beja. Por se inserir num contexto predominantemente rural, por apresentar um vasto património cultural, histórico, arquitetónico e paisagístico, e por ser um concelho pequeno e acolhedor, este estágio tornou-se uma oportunidade única e promissora.

O estágio desenvolveu-se no Gabinete Técnico da Unidade Municipal de Obras e Serviços Urbanos (UMOS), sob orientação do dirigente intermédio de 3º grau da respetiva Unidade Municipal, Engenheiro Civil David Ramos. Sob a orientação académica da Arquitecta Paisagista Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos.

Em termos de carga horária foram estabelecidas, logo de início, a entrada às 9 horas e saída às 17 horas e 30 minutos, com uma hora e meia para almoço.

Tomou-se conhecimento da equipa de trabalho bem como as suas funções, assim como da constituição orgânica do município. No despacho n.º 1154/2015A vem vinculada a reestruturação dos serviços da Câmara Municipal de Alvito. De um modo geral, a estrutura municipal dos serviços municipais compreende três Unidades Municipais, as quais obedecem ao princípio da agregação por atividade, processos ou funções, tendencialmente de acordo com a sua similaridade ou complementaridade. A unidade orgânica de suporte dá apoio à gestão e à organização, em sentido transversal, e caracteriza-se pelas relações de cooperação e de integração, definindo-se por Unidade Municipal de Administração e Finanças (UMAF). As unidades orgânicas operacionais caracterizam-se por se direcionarem para o cidadão, definindo-se nesta categoria duas unidades a Unidade Municipal de Obras e Serviços Urbanos (UMOSU) e a Unidade Municipal de Ação Sociocultural (UMASC). O Gabinete de Apoio ao Presidente (GAP) é um serviço enquadrado na legislação — nos termos do artigo 42.º da Lei n.º 75/2013,

de 12 de setembro. Na dependência direta do Presidente da Câmara funciona o Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico a quem compete genericamente promover e ou apoiar ações para o desenvolvimento económico do concelho e para captação de novos investimentos e apoiar a instalação de novas empresas.

O Organograma da figura 1 mostra o modelo de estrutura orgânica da Câmara Municipal de Alvito, o qual entrou em vigor no dia 1 de janeiro de 2015, como. (*Diário da República, 2.ª série — N.º 23 — 3 de fevereiro de 2015*)



Figura 1 – Organograma da Câmara Municipal de Alvito

Ainda numa primeira fase foram apresentados todos os trabalhos a desenvolver no período de estágio, situados na freguesia de Alvito e na freguesia de Vila Nova da Baronia.

Pelo facto da entidade pública ter uma dimensão pequena relativamente a outros municípios, tem sido dispensada a contratação de um Arquiteto Paisagista, sendo o próprio presidente da câmara a gerir a organização dos espaços abertos, bem como a proceder ao desenvolvimento de novos espaços abertos.

A Metodologia de Trabalho

A metodologia de trabalho neste estágio foi bastante organizada e coerente. Uma vez que foi a primeira vez que a Câmara de Alvito teve um Arquiteto Paisagista, considerou-se que seria pertinente tornar clara a importância e o papel do Arquiteto Paisagista e da Arquitetura Paisagista. Assim numa 1ª fase procedeu-se a esta contextualização tanto em Portugal como no estrangeiro.

A segunda parte do trabalho incidiu sobre o Concelho de Alvito, onde se analisou e Caracterizou a uma escala mais geral o concelho, quer ao nível da história quer de evolução social. Através desta análise obtivemos um conhecimento maior e mais profundo do Concelho.

De seguida, procedeu-se a uma análise a uma escala de maior pormenor sendo a partir desta que este relatório se desenvolve.

Foram ainda feitas várias visitas de campo e com base nestas e na análise efetuada, e nos problemas detetados, elaboraram-se várias propostas base. Estas foram sendo desenvolvidas e atualizadas consoante as novas problemáticas que iam surgindo e as questões que o cliente, neste caso o Presidente, ia levantando ao longo de cada apresentação dos projetos. Por último, elaboramos uma reflexão crítica sobre cada proposta final.

O presente relatório reflete todo o processo e o produto final resultado deste estágio.

O Relatório

Este relatório está organizado em 4 capítulos. Na introdução faz-se referência ao trabalho do Arquiteto Paisagista, do trabalho multidisciplinar que a profissão exerce e como a profissão é abordada em Portugal.

Na primeira parte aborda-se o trabalho desenvolvido no estágio. Numa primeira fase estuda-se e analisa-se a paisagem, nomeadamente a relação entre o espaço edificado e os espaços abertos que constroem ambas as freguesias. Nesta análise deparámo-nos com a grande importância que o sistema de espaços abertos tem na estrutura do tecido urbano, no seu equilíbrio, na sua identidade e na sua vivência. À medida que se analisava cada espaço, em particular, fomos confrontando com a presença de diferentes espaços tipologicamente categorizados e espaços sem qualquer definição tipológica. Mas não é por isso que deixam de ter importância. Os espaços intersticiais existentes entre o edificado, como é exemplo “O espaço aberto situado num gaveto que cruza a Rua Professor Egaz Moniz e a Rua Dr. Ernesto Góis”, permitem a circulação de ar, de água e de matéria, conjuntamente com a passagem de moradores e de utilizadores ocasionais. Muitas vezes estes espaços são apropriados por parte dos que ali passam usualmente ou pelos próprios moradores enquanto espaço de passagem/atravessamento e também de estacionamento. Noutras situações estes espaços são até utilizados enquanto espaço de brincadeira, de jogos e de convívio (Matos,2011).

O Arquiteto Paisagista deve envolver-se com a comunidade. Para tal assimila a história, assim como a evolução dos locais onde vai intervir. Esta questão é muito importante para o projetista uma vez que as propostas elaboradas são destinadas a um público determinado, seja o espaço de intervenção privado ou público. Por isso é importante tentarmos aproximar dos usos e costumes da população para o futuro projeto ter sucesso.

Depois de adquirir todo o conhecimento necessário, e finalizada a análise, parte-se para a proposta dos espaços abertos da freguesia de Alvito e da Freguesia de Vila Nova da Baronia, inicialmente solicitada. É então desenvolvido o projeto de requalificação e/ou de intervenção paisagística. Para cada espaço aberto optou-se por desenvolver várias hipóteses de proposta para cada espaço. O modo como são apresentados tem uma sequência lógica: primeiramente são apresentadas as várias propostas que se desenvolveram para cada espaço, acompanhadas da respetiva memória descritiva. Apresenta-se, por fim, a proposta final com as alterações solicitadas pelo cliente, neste caso o Presidente da Câmara Municipal de Alvito. Conclui-se cada proposta com uma reflexão crítica.

As propostas realizadas foram:

- Proposta de requalificação do Adro a sul da igreja Matriz de Alvito;
- Intervenção paisagística no Campo de Futebol José Joaquim Branquinho “O Professor”;
- Intervenção paisagística no espaço aberto que acolhe o Nicho de Nossa Senhora de Fátima, localizado à entrada de Alvito;
- Proposta de intervenção no espaço aberto situado num gaveto que cruza a Rua Professor Egas Moniz e a Rua Dr. Ernesto Góis, Vila Nova da Baronia;
- Proposta de requalificação do espaço aberto Adjacente à Casa do Povo de Vila Nova da Baronia;
- Proposta de intervenção junto ao mercado de Vila Nova da Baronia;
- Intervenção paisagística no Jardim do PULA em Alvito;
- Intervenção Paisagística no cemitério de Vila Nova da Baronia;

Conclui-se o relatório com algumas considerações sobre a experiência vivida ao longo do estágio curricular na Câmara Municipal de Alvito, fazendo uma reflexão crítica a todos os trabalhos desenvolvidos.

O Programa e os Objetivos

É intenção do atual Presidente da Câmara Municipal de Alvito reabilitar todos os espaços abertos da Vila de Alvito e de Vila Nova da Baronia de forma a agradar à população do concelho. É ainda do seu agrado, e devido ao conhecimento que tem acerca da Arquitetura Paisagista e da Jardinagem, indicar o que tem idealizado para cada espaço em particular. Nesta sequência foram pedidas sugestões, opiniões e criatividade da nossa parte. Uma outra preocupação assente neste trabalho incide em incluir todos estes espaços na Estrutura Ecológica do Município de Alvito. Uma vez que é importante fazer prevalecer estas áreas pela sua multifuncionalidade e continuidade.

Assim sendo, e no contexto das intenções apresentadas pelo Presidente da Câmara Municipal, surge este trabalho cujo objetivo é a Requalificação Paisagística dos Espaços Abertos do concelho de Alvito bem como a sua integração na estrutura ecológica. Para executar tal objetivo foram desenvolvidos vários projetos, ao nível do Estudo Prévio.

A Área de Intervenção

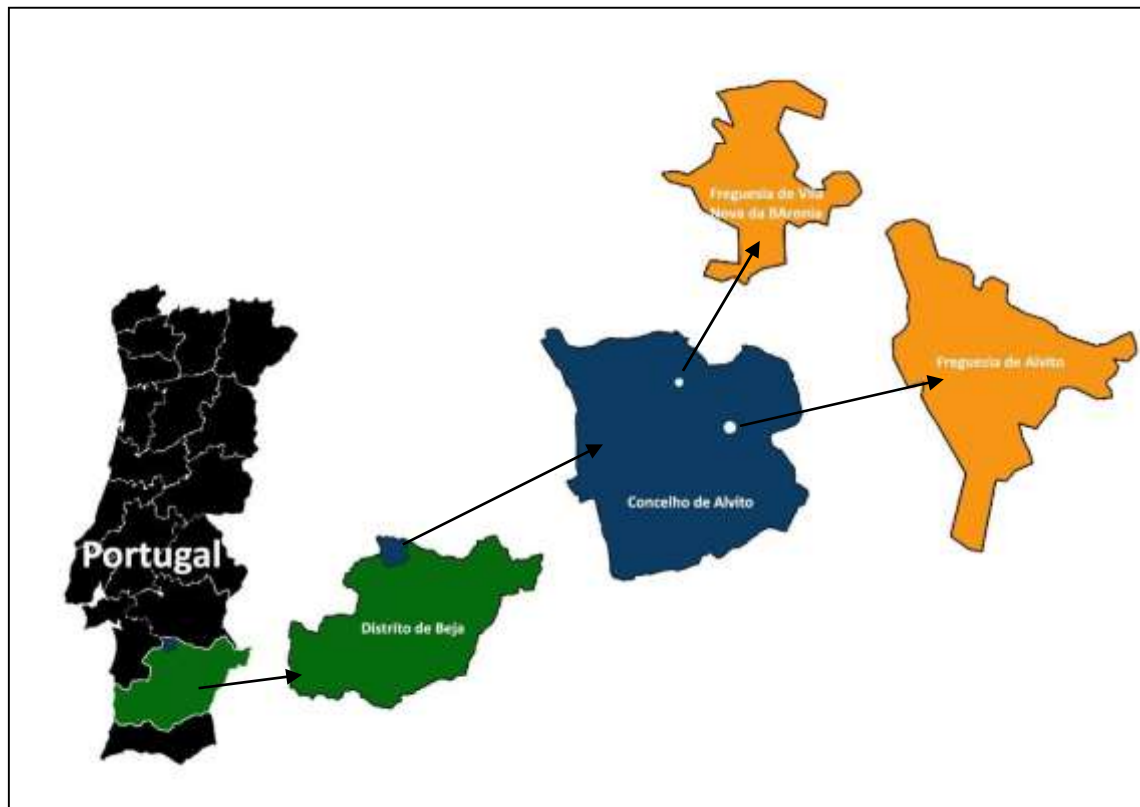


Figura 2 – Localização da Área de intervenção

Foram realizados 4 projetos na freguesia de Alvito, e 4 projetos na freguesia de Vila Nova da Baronia. Portanto foram desenvolvidos, no total, 8 projetos no concelho de Alvito, distrito de Beja, durante o Estágio de 6 meses na Câmara Municipal de Alvito, pela estagiária de Arquitetura Paisagista. Na figura 3 e 4 identificamos a localização das áreas de intervenção em ambas as freguesias.



Figura 3 – Localização das áreas de intervenção - Alvito



Figura 4 – Localização das áreas de intervenção – Vila Nova da Baronia

Capítulo 1 – Contextualização sobre a Arquitetura Paisagista

1.1 – Origem e história da Arquitetura Paisagista

É sempre difícil definir arquitetura paisagista com exatidão, pois trata-se de uma área com um campo de ação muito alargado e em constante evolução. De um modo geral a arquitetura paisagista engloba duas grandes áreas a Ciência e a Arte, que por sua vez se difundem criando uma área complexa e multidisciplinar. Para clarificar esta vertente de ensino recorreu-se ao livro “*Fundamentos de Arquitetura Paisagista*”, de Francisco Caldeira Cabral. O próprio apresentou uma definição de Eliot, “Universidade de Harvard” que diz:

“Em primeiro lugar um ramo das Belas – Artes, e como tal a sua função mais importante é criar e conservar a beleza em torno das habitações humanas e na paisagem; e, além disso, procurar o conforto, as conveniências e a saúde das populações urbanas.”, Caldeira Cabral,1993

Vê-lo para demonstrar que mesmo numa definição clara e inteligível por vezes pode ser incompleta assim que o campo de atividade do objeto definido se alargue. Então Caldeira Cabral define:

“Arquitetura Paisagista é a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem”, Caldeira Cabral,1993

Esta é a definição que a própria APAP (Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas) emprega. A arquitetura paisagista é uma arte pois a conceção das suas obras é fundamentalmente intuitiva, e pertence ao grupo das belas-artes porque a criação de beleza é uma das suas finalidades.

Neste sentido se entende aqui a palavra ordenar, visto a beleza ser na definição augustiniana o “esplendor da ordem” (Caldeira Cabral,1993). Mas a nossa arte não se limita a uma folha de papel como a pintura, pois trata-se de uma arte a três dimensões, e no espaço. Já Caldeira Cabral relaciona a arquitetura como tendo um espaço exterior e interior na sua obra, a escultura apenas se centra num aspeto exterior e a arquitetura paisagista, por sua vez no espaço que circunda o homem sendo, por isso, o espaço exterior.

Na história da humanidade, sempre houve uma curiosidade forte pela natureza, por parte do homem. O primeiro homem que vedou o seu jardim criou, sem saber, um espaço exterior que lhe estava diretamente ligado, e assim foi progredindo até ordenar a maioria dos espaços naturais para os seus próprios fins e necessidades. Até grande parte da Amazônia, um dos grandes “pulmões” do mundo o Homem está a explorar.

A arquitetura e arquitetura paisagista sempre tiveram grande afinidade, mas trabalham com diferentes materiais. A primeira trabalha apenas com materiais inertes e imutáveis; já a segunda trabalha essencialmente com materiais vivos. Por isso, a arquitetura paisagista trata da conceção de uma obra no espaço e no tempo, o que dificulta o seu autor a poder ver a sua obra concluída, pois nunca o estará. Por exemplo se pensarmos no tempo que uma árvore leva a atingir o estado maduro, o homem não consegue lá chegar. Assim os materiais com que o arquiteto paisagista trabalha são essencialmente três o relevo, as plantas e a água.

Apesar de serem três elementos importantes, a vegetação apresenta inúmeras formas, variadíssimos portes, cores e texturas. São elas que tornam viva, a obra do arquiteto paisagista.

A arquitetura paisagista é um dos ramos mais recentes das belas-artes. Com pouco mais de 200 anos de existência, a arquitetura paisagista é uma profissão que em Portugal não é reconhecida como a profissão de um Médico ou Advogado.

“A arquitetura paisagista procura realizar, em cada momento, com a maior perfeição, a paisagem humanizada”, Caldeira Cabral, 1993

A expansão das grandes cidades e a fortíssima concentração industrial, fizeram reconhecer em todo o mundo a urgência de evitar que as cidades expulsassem de uma vez por todas a natureza. Os parques e jardins públicos passaram a ser os pulmões da cidade e, por consequência a arquitetura paisagista passou a ter importância decisiva no planeamento urbano. A função do espaço aberto era purificar o ar, pelo seu enriquecimento em oxigénio e também pela sua ação de defesa do vento, por ser promotora de correntes de ar e para o efeito filtrante de poeiras e microrganismos junto aos aglomerados urbanos, onde a poluição do ar ameaçava os seus habitantes.

Na América do Norte e na Alemanha a arquitetura paisagista tem também um papel fundamental no traçado das grandes estradas na paisagem, mas também chamando à atenção e evitando prejuízos tremendos como a alteração da drenagem atmosférica.

Em Portugal, Caldeira Cabral lutou contra vários problemas ambientais entre os quais a erosão do solo, a regularização dos cursos de água, a defesa dos estuários, a proteção do equilíbrio biológico da paisagem e o emparcelamento do solo.

Outras das funções do Arquiteto Paisagista é o Ordenamento do Território em todas as suas dimensões: Continental, Nacional, Regional e Local. Trabalha em equipas multidisciplinares na elaboração de planos diretores e municipais e planos de urbanização. Projeta e dirige a execução dos espaços abertos, desde o pequeno jardim até ao parque nacional. Colabora e coordena as diferentes atividades nos trabalhos de modificações, adaptações e criação de paisagens rurais.

1.2 – O conceito de “Paisagem” e de “Continuum naturale”

Para abordar o conceito de “Paisagem”, recorreu-se a um artigo de Manuela Raposo Magalhães, de 2007, - Paisagem – Perspetiva de Arquitetura Paisagista. Para definir Paisagem a Arquiteta Paisagista recorre aos primórdios do seu surgimento até aos dias de hoje. Assim a noção de Paisagem é uma entidade resultante da interação entre a Natureza e o Homem.

O termo *Landscape* provém da palavra holandesa *Landscape*, de *Land* que significa caminho ou área proveniente da palavra *landa* que significa terra trabalhada. Também no termo de origem latina, a etimologia remete-nos para *pays*, no sentido de região, parte de país habitada.

A partir do século XVI, até ao século XIX, o conceito de Paisagem é influenciado pela aceção pictórica ou cenográfica que lhe foi atribuída pelos pintores de paisagens, ditos paisagistas, dos quais os holandeses foram os primeiros mestres. Nesta aceção, o termo Paisagem significava o espaço que o olhar abrange e estava conotado com a paisagem pastoril.

Nos séculos XVIII e XIX a Paisagem adquiriu o significado de representação da natureza perdida pelo homem da sociedade industrial, na perspetiva do "paraíso perdido" de Milton (1664). Da representação da Paisagem passou-se à criação de Paisagens que constituíam um cenário de estética naturalista, no qual os artefactos humanos se localizavam sob a forma de evocações dos mundos redescobertos nessa época. Este estilo de construção de Paisagens-romântico –foi caracterizado por jardins e parques designados de Paisagistas, que tiveram grande expressão nos EUA, em Inglaterra e na Alemanha.

A descoberta da Fotossíntese, a Teoria Biogenética de Pasteur, a descoberta do Bacilo de Kock e do Bacilo Bubônico, criaram as bases da sensibilidade higienista que também marcou a construção de Paisagens, através de modelos de cidade como os da Cidade Linear, e da Cidade Jardim. A constante que caracterizava estes modelos era o reconhecimento da necessidade de introduzir vegetação na cidade, como modo de sanear a atmosfera poluída pelas emissões da combustão do carvão. As tipologias da introdução de vegetação na cidade, como o pulmão verde e o greenbelt, resultam daquelas descobertas científicas.

Caldeira Cabral introduziu em Portugal o conceito de Contínuo Natural que está na base de toda a intervenção de base ecológica e foi vertido na Lei de Bases do Ambiente como "*o sistema contínuo de ocorrências naturais que constituem o suporte da vida silvestre e da manutenção do potencial genético e que contribui para o equilíbrio e estabilidade do território*".

“Continuum naturale é o sistema contínuo de ocorrências naturais que constituem o suporte da vida silvestre e da manutenção do potencial genético e que contribui para o equilíbrio e estabilidade do território¹.”

A Paisagem é constituída assim por tudo o que existe à superfície da terra, com significados profundos e complexos, de índole ecológica e cultural, podendo ser predominantemente constituída por elementos vivos e então designa-se por Paisagem Rural, ou por elementos inertes, construídos pelo homem, o que se designa por Paisagem Urbana ou, no caso da exclusivamente destinada à indústria, Paisagem Industrial. A designação de Paisagem Natural, corresponderia à

¹ Lei de Bases do Ambiente – Lei nº 11/87 de 7 de Abril, Art.5º,2d

Paisagem intocada pelo homem, o que os especialistas afirmam que já não existe, mesmo em sítios recônditos da Amazônia. A Paisagem Rural abrange todas as atividades agrárias (de produção), de conservação da natureza (matas, matos, sebes, pousios, etc) e de recreio.

No entanto, as fronteiras entre Paisagem Urbana e Rural têm-se diluído, desde o crescimento edificado verificado no pós-II Guerra, sobretudo nos países sem tradição na prática do planeamento ou na capacidade de aplicação das diretrizes de planeamento, como Portugal. Também no que toca à Paisagem Rural, o abandono pelos camponeses e agricultores, por várias razões, uma delas pelo fascínio exercido pela cidade, tem alterado profundamente o conteúdo deste tipo de Paisagem.

O conceito de Paisagem Global de Ribeiro Telles (1994) pretende, que esta segregação entre Urbano e Rural seja ultrapassada, com vista a uma interligação entre elementos vivos e inertes, entre modos de vida campestres e urbanos. As profundas alterações que se estão a verificar na Paisagem contemporânea terão que dar lugar a novos conceitos, distintos dos tradicionais Cidade e Campo.

O grande dilema que envolve este conceito é que existem diferentes significados e entendimentos para diferentes áreas que trabalham na Paisagem ou simplesmente a apreciam. Por exemplo para o pintor, a Paisagem é aquilo que se vê, sem significados ocultos, em que a fruição estética não é contaminada por aquilo que se sabe mas não se vê. Para o Arquiteto Civil, que normalmente não dispõe de formação ecológica, a Paisagem costuma designar o espaço que não é edificado, por contraposição à cidade, à vila ou à aldeia que designam o espaço edificado. Para os Arquitetos Paisagistas e todas as formações que dispõem de formação ecológica, a Paisagem é uma entidade "horizontal" que se situa entre o subsolo e a atmosfera.

A relação entre o homem e a natureza manifestou-se desde sempre nos modos de construção e de representação das Paisagens, patente ao longo da História da Arte dos Jardins. As grandes tipologias de representação alternaram, entre uma relação de controlo da natureza pelo homem e outra de inclusão e aceitação.

Na primeira, são impostas à Paisagem pré-existente, formas de geometria euclidiana com conteúdo fortemente simbólico, ao passo que na segunda, a conceção assume formas orgânicas, tal como surgem na natureza. A primeira, reproduz antigas formas de representação do mundo como o quadrado que representava a terra e o círculo que o envolvia e representava o céu, na geomancia japonesa. A segunda forma de representação, assume uma estética naturalista, ou próxima da imagem da natureza que esteve presente na Arcádia grega. Mais tarde, no período romântico (naturalista) a Arcádia é retomada como inspiração e no modernismo (ecologista-funcionalista) a recreação da natureza é baseada no conhecimento ecológico.

Ao longo da história e considerando que os modos de representação da Paisagem correspondiam a diferentes paradigmas, é agora possível tentar identificar os que marcaram a conceção e construção da Paisagem:

1. Paradigma clássico - em que a conceção obedecia a leis das geometrias euclidiana e da perspetiva.
2. Paradigma pitoresco - em que a Paisagem correspondia à representação dos pintores paisagistas, como um cenário que evocava a natureza.
3. Paradigma ecologista – em que a Paisagem requeria o conhecimento da ecologia como base preferencial para a sua compreensão e conceção.

4. Paradigma da Complexidade e da Inclusão – em que se reconhecem as três componentes da Paisagem (ecológica, cultural e simbólica) e se procuram metodologias de integração de todas estas perspectivas.

Concluindo, o Arquiteto Paisagista não é apenas um *jardineiro*, nem trata apenas do *arranjo* de espaços exteriores, como tão vulgarmente é denominado o seu trabalho. Não desenvolve apenas projetos de estradas, rotundas e jardins, como a maioria das pessoas pensa.

O Arquiteto Paisagista concebe espaços para usufruto de outrem, cuja composição não *arranja* as formas criadas por outros, sendo o seu campo de intervenção *todo o espaço exterior ao Homem*. A composição de um lugar está sujeita a princípios e filosofias próprias, da mesma maneira que está a conceção de um espaço edificado. Desde o início do projeto que cabe ao Arquiteto Paisagista a integração de todos dos fatores intervenientes, dando forma ao espaço. Entre estes encontra-se a vegetação, a qual deve conhecer do ponto de vista ecológico, mas também como material plástico, integrante da composição, nas suas características formais e espaciais, suscetíveis de variarem ao longo do tempo e do espaço.

A Arquitetura Paisagista, sendo uma área multidisciplinar, que se situa entre a arte e a ciência natural, tecnológica e humana, transforma o Arquiteto Paisagista num profissional sensível aos problemas ambientais e ecológicos, tendo a capacidade de equilibrar fatores não só ecológicos – como o clima, o solo, a flora, a fauna, os sistemas hídricos superficiais e subterrâneos ou a drenagem – mas sim todos os fatores atuantes na paisagem, incluindo elementos culturais, económicos e sociais, assim como o seu impacto ambiental e visual.

De entre as suas diversas funções, o Arquiteto Paisagista, ao valorizar os vários critérios ecológicos e ambientais, atua ao nível da construção e conservação de espaços verdes, áreas de alto valor ecológico, melhoria da qualidade de vida, reconversão de espaços para lazer e recreio da população, redução da densidade urbana, conforto no espaço público, proteção do património cultural e qualidade ambiental, entre outros.

Ao lidar com a mais diversa gama de fatores, o Arquiteto Paisagista, enquanto produtor de espaços vivenciáveis por indivíduos comuns, confronta-se com o mais difícil elemento de trabalho existente – a passagem do tempo. A criação de lugares não estáticos no tempo e em permanente mutação, exige do Arquiteto Paisagista a formulação de possíveis cenários futuros, desde a evolução da vegetação às alterações nos agentes sociais, económicos e culturais que atuam sobre a paisagem. Este facto advém de, tal como já referido, o material mais frequentemente utilizado pelo Arquiteto Paisagista ser predominantemente vivo, o que faz com que o projeto evolua por tempo indeterminado, tornando por vezes impossível o acompanhamento do desenvolvimento total do projeto (ao contrário do Arquiteto civil, que vê o seu projeto concluído após a finalização da construção da obra edificada).

O Arquiteto Paisagista tem também um papel preponderante no Ordenamento do Território. Desde a Revolução Industrial que a ocupação do território pelas atividades humanas provoca profundas alterações na paisagem, gerando a necessidade de se controlar essa ocupação através do planeamento. Desta forma, a Arquitetura Paisagista participa na modelação da paisagem, no que toca à elaboração de Planos de Ordenamento do Território, tanto Regionais como Municipais.

**Capítulo 2 – Contexto histórico, Caracterização e avaliação da
Paisagem do Concelho de Alvito**

Como já foi referido, o estágio foi desenvolvido no Concelho de Alvito, Distrito de Beja, região do Alentejo e sub-região do Baixo Alentejo. A vila de Alvito é sede do município com 260,93 km² de área e 2 708 habitantes (2004), subdividido em 2 freguesias. O município é limitado a norte pelo município de Viana do Alentejo, a leste por Cuba, a sul e oeste por Ferreira do Alentejo e a oeste por Alcácer do Sal.

Alvito tem uma área aproximada de 136,39 Km² e 1 630 habitantes (2001). As estradas nacionais 257 e 258 que atravessam a vila, para além do papel importante na organização estrutural do agregado urbano, fazem a ligação aos concelhos limítrofes. Alvito situa-se localizado a 173Km de Lisboa, a 37Km de Beja, a 43Km de Évora, a 198Km de Faro, a 147Km de Badajoz (Espanha).

Vila Nova da Baronia, com 124,54 km² de área e 1 328 habitantes (2001), é a outra freguesia do concelho. Outrora foi chamada Vila Nova de Alvito, Vila Nova a par de Alvito e Vila Nova a par de Viana, tendo recebido o atual nome no século XVIII, por fazer parte dos domínios do barão de Alvito. Foi vila e sede de concelho entre 1280 e 1836, sendo constituída apenas pela freguesia da sede. É servida pela EN n° 383, que assegura as ligações às vilas limítrofes de Alvito, Viana do Alentejo, Torrão e Odivelas. A estação ferroviária de Vila Nova da Baronia desempenha um papel importante como fator de desenvolvimento, sendo uma das poucas a ser servida por comboios intercidades.

Todas as propostas aqui apresentadas foram desenvolvidas em ambas as freguesias. O seguimento das propostas está aqui apresentado por ordem cronológica, consoante o pedido e a urgência por parte da Câmara Municipal de Alvito. Optou-se por conhecer um pouco mais o concelho de Alvito e para tal estudou-se parte da história do concelho. Fez-se também um estudo com base na psicologia ambiental de modo a perceber o contexto social da comunidade e a sua evolução ao longo dos anos. Depois desta análise contextual de ambas as freguesias elaboraram-se então as propostas. Nesta fase mostra-se toda a evolução projetual desde os esboços até a proposta final que ficou acordada com a Câmara. Todas as ideias são acompanhadas de uma breve descrição de como foram idealizadas e projetadas. Também se apresentam todos os materiais propostos e definidos na fase final. Cada proposta é constituída por um plano geral, cortes, alçados e vistas.

Relativamente a uma contextualização histórica, os testemunhos mais antigos que se conhecem da presença humana no concelho remontam ao neolítico, existindo vários vestígios que nos asseguram a presença do Homem durante a idade do cobre, a idade do bronze e a idade do ferro.

A ocupação intensa levada a cabo pelos romanos fez-se sentir logo no início do século I, subsistindo ainda vários testemunhos desta presença, de que são exemplos as villae de S. Romão, de S. Francisco e Malk Abraão. Também visigodos e muçulmanos ocuparam estas antigas villae, dando continuidade à ocupação romana.

Alvito foi conquistada pelos portugueses em 1234. Em 1251 a povoação é doada a D. Estevão Anes, chanceler-mor do reino de D. Afonso III e pelos Pestanas de Évora. A partir desta data, procedeu-se ao repovoamento, passando Alvito a ser uma povoação com dimensões consideráveis para a época. Com a morte de D. Estevão Anes em 1279, a vila ficou em testamento para a Ordem da Santíssima Trindade, a qual lhe concede carta de foral, a 1 de Agosto de 1280. Tal foral viria a ser confirmado por D. Dinis em 1283. D. João I, em 1387 doa Alvito a D. Diogo Lobo, em troca

dos bons serviços prestados na batalha de Aljubarrota, em 1385 e na conquista de Évora aos espanhóis em 1387, ficando a vila ligada à história ao longo de todo o período que durou o regime monárquico.

(<http://www.cm-alvito.pt>)

A Lenda

“Ora certo dia...

Alguém terá passado por ali, e não foi pequeno o seu pasmo perante a fertilidade da terra e as fontes, regatos e regatinhos, tudo a dar mostras de solo fecundo. Depois devem ter aparecido os zagais com os gados, e a infinita criação rústica. (...) Para se apropriar de tudo em roda e dizer «isto é meu»! O facto é que cerca de 1250 havia neste sitio uma herdade chamada S. Romão que, segundo alguns, era propriedade do Senado de Évora e da família dos Pestanas da mesma cidade, gente que Pinho Leal faz passar por descendentes do Giraldo Giraldes, dito o «Sem Pavor». Enfim, cada qual canta os hinos que pode à lenda (...). Assim conforme vontade de D. Afonso III em 1251 o chanceler e valido deste rei, Estevão Aries alcançou a herdade da vila de Alvito e em 1257, conseguiu ampliar os seus domínios. Em 1279 na certeza de apoio real, o chanceler fundou a população e em 1 de Agosto de 1280, Alvito recebe a sua primeira carta foral. Ao cabo de anos de reticência com os forais que apresentam direitos e liberdades aos moradores, outros tantos nem tanto. Alvito beneficia finalmente da reforma de D. Manuel I, conseguindo o respectivo foral em 1516. Uns após outros desfilam na história da vila os factos notáveis, os instrumentos de regulamentação da vida agrícola, a arrecadação de impostos, os negócios e património das Ordens Religiosas e a criação da baronia de Alvito, mas faltava-lhe a exaltação da lenda acima da braçada de tanta história. Pinho Leal apoiado a uma memória que diz ter existido no cartório dos frades Capuchos de Xabregas, conta-nos a inverosível e fabulosa história: «Em uma festividade em que havia corrida de touros, fugiu um deles. Alguns indivíduos mais animosos, foram atrás dele e o agarraram, trazendo-o para a praça e gritando: Alvitre! Alvitre! (por alviçaras...). Da tal palavra alvitre, pretendem alguns sonhadores derivar-se Alvito (...). Alvito cresceu em importância, chegando a ter votos na corte, «com assento no banco 18º». Enfim, a vila tomou posse da sua existência e os barões do seu senhorio... As armas da vila de Alvito são: em campo de sangue o escudo das quinas, entre dois troncos de árvore, que rematam em duas folhas somente (cada uma) e firmados sobre um arco de ponte. Segundo o autor acima citado «Outros querem que seja um touro rompente, entre duas árvores, (...).»

(Silva, 2000)

O clima desta zona interior Sul do País apresenta forte feição mediterrânea. Esta traduz-se nomeadamente em precipitações relativamente baixas e concentradas no Inverno, temperaturas médias altas, amplitudes térmicas elevadas, humidade relativamente baixa, nebulosidade baixa e insolação e radiações elevadas no Verão.

Geologicamente, o Concelho de Alvito situa-se no limite entre os terrenos antigos ante mesozoicos, pertencentes ao bordo ocidental do Maciço Hespérico, na parte Sudoeste da zona de Ossa-Morena, e os terrenos mais modernos mesocenozóicos que constituem a orla ocidental, localmente representados pelas formações cenozóicas da bacia do Sado.

Devido ao clima da região pode-se também verificar a existência de uma grande extensão de área com boas pastagens para a criação de ovinos, caprinos, bovinos e equinos. Outros usos do solo verificados no concelho: Agricultura, vitivinicultura, pecuária, olivicultura, comércio e serviços, fabrico e comércio de pão, salsicharia de características artesanais, restauração, construção civil, serralharia e reparação de automóveis, produção de licores, compotas, frutas, ervas aromáticas e nozes.

Visto que se trata de uma área da paisagem e do território português que não foi alvo de estudo da Arquitetura Paisagista, fez-se uma caracterização e avaliação da Paisagem do Concelho de Alvito. Para tal consultou-se a Legislação nomeadamente o Plano Diretor Municipal de Alvito, que se trata de um instrumento de planeamento / ordenamento territorial de natureza regulamentar, que vincula a administração e os particulares. Foram então analisadas as seguintes plantas, do município:

- Planta de Ordenamento (Anexo 1);
- Planta de Condicionantes, Reserva Ecológica Nacional (Anexo 2);
- Planta de Condicionantes Reserva Agrícola Nacional (Anexo 3);
- Planta de Condicionantes: Outras condicionantes (Anexo 4);
- Planta de Condicionantes: Outras condicionantes - Aglomerados (Anexo 5);
- Planta de Equipamentos – Aglomerados Urbanos (Anexo 6);
- Planta de Estrutura Ecológica Nacional (Anexo 7).

No Relatório 2: Caracterização socioterritorial, Base para o desenvolvimento sustentável e propostas de plano, - Ambiente, do PDM de Alvito analisou-se igualmente:

- Mapa de Hipsometria do município de Alvito (figura 5);
- Mapa de Declives do município de Alvito (figura 6);
- Mapa de Exposição Solar do município de Alvito (figura 7);
- Carta de Capacidade de uso do solo (figura 8);
- Tabela de Síntese de Distribuição taxonomica das ordens de solos (tabela 1);
- Tabela de Síntese de Distribuição taxonomica das “Subordens de Solos” (tabela2).

Para além destes elementos consultaram-se também as Unidades de Paisagem 97, 108 e 110, pertencentes ao Concelho de Alvito.

A 29-10-1999 no DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-B, o mais recente regulamento do plano de urbanização da vila de Alvito, na Secção VIII refere-se aos espaços verdes no Artigo 40º, Espaços verdes urbanos, bem como no Artigo 41º, Espaços verdes de enquadramento. Na adaptação ao prota, recitado no Diário da República, 2.ª série — N.º 219 — 11 de Novembro de 2010, o regulamento no Capítulo IX, - Outras disposições - Secção I. O Regulamento do Plano Director Municipal de Alvito, de Julho de 2014, - Secção V. – Espaços Verdes – Artigo 66º ; Artigo 67 ; Artigo 68. Todos estes artigos podem ser consultados no Anexo 8.

2.1 - Síntese de Caracterização da Paisagem do Concelho

Hipsometria

O relevo é um fator essencial na definição de unidades territoriais, uma vez que a sua variação provoca a alteração de vários elementos climáticos e, conseqüentemente, a mudança na composição da cobertura vegetal, sendo um importante contributo direto e indireto as características deste para determinar aptidões, capacidades e potencialidades para todas as utilizações e funções úteis ao homem.

A mais evidente característica do concelho, em termos de morfologia, resulta do facto de se localizar na transição da peneplanície do Baixo Alentejo, para a bacia sedimentar do Sado e para a zona de planície de Évora. Este facto origina uma diferença importante entre o relevo da parte norte do concelho e da parte sul.

A altitude varia entre 87 metros no vale do Barranco de Pegões, na freguesia de Vila Nova da Baronia, e 315 metros na Serra de São Miguel, na freguesia de Alvito. No entanto, a maior parte do concelho desenvolve-se abaixo dos 200 metros. O que quer dizer que não terá grande influência no clima

Em termos fisiográficos distinguem-se, no concelho, três grandes áreas:

- A zona **nordeste**, com cotas superiores a 200 metros, em formações sedimentares e metamórficas do maciço antigo, apresentando extensas áreas com declives acentuados a muito acentuados, em particular nas encostas da Serra de S. Miguel;
- A área a **sul** da ribeira de Odivelas, praticamente plana, onde ocorrem algumas zonas endorreicas, entre os 120 e 150 metros de altitude. Corresponde na maior parte, às formações eruptivas do maciço de Beja, mas também a formações sedimentares detríticas;
- Na zona **noroeste** do concelho, a altitude varia entre os 140 e os 200 metros. Os declives variam de suaves a moderados, apenas se acentuando junto ao limite oeste do concelho e em alguns relevos residuais de altitude moderada que se elevam, isolados, sobre a planície.

A disposição do relevo determina a orientação dominante das linhas de água, de Nordeste/Este para sudoeste/oeste. A mais importante é a ribeira de Odivelas, em cuja bacia se situa a maior parte do concelho.

Também, como consequência desta disposição geral do relevo, as orientações dominantes das encostas são a sul, sudoeste e oeste.

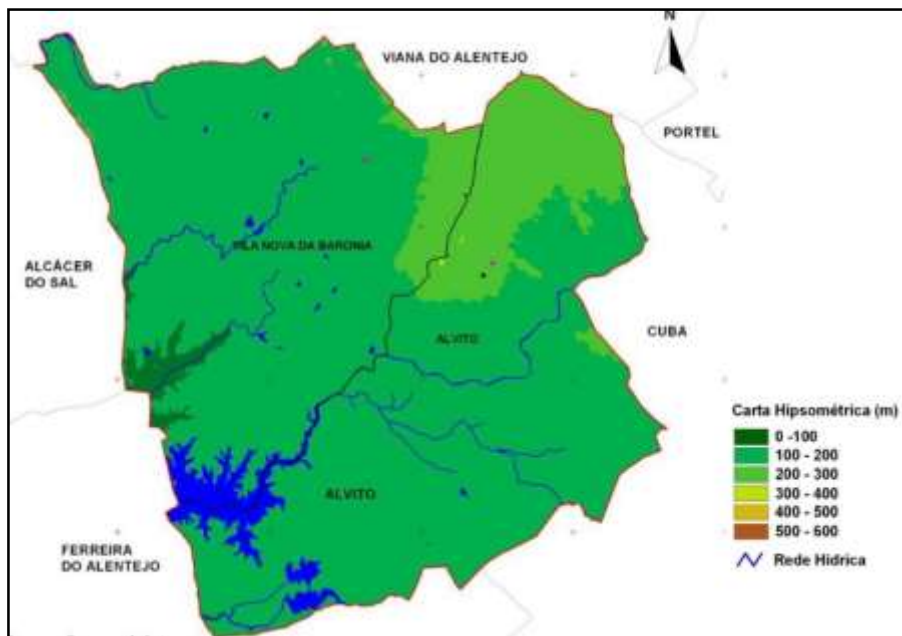


Figura 5 - Mapa de Hipsometria do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito

Declives

O declive tem uma influência significativa na infiltração das águas, no processo de erosão e no ângulo de incidência dos raios solares.

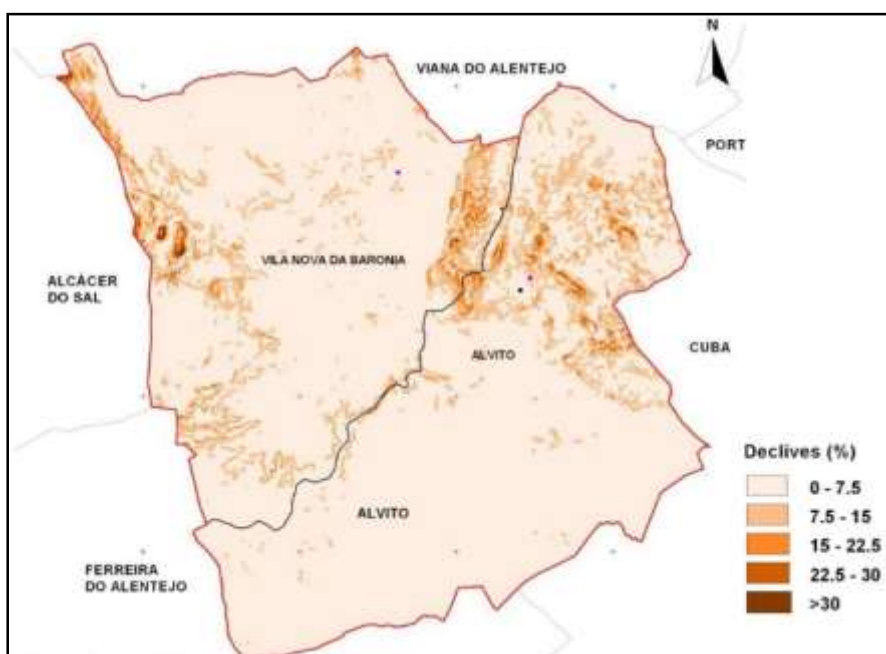


Figura 6 - Mapa de Declivas do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito

Verifica-se que não existe uma grande irregularidade na distribuição geográfica das diversas classes de declive sendo, na maior parte da área do Município, pouco acentuados, maioritariamente inferiores a 7,5%. Porém, na proximidade da Fonte das Perdizes a Noroeste da Lagoa de Ferreira, a Oeste na zona envolvente da herdade de São Pedro; herdade do Conde; herdade de Santa Luzia e a Nordeste do Município tornam-se mais pronunciados variando entre os 15% e os superiores a 30%.

Orientação de Encostas

A exposição de um terreno corresponde à sua orientação geográfica, estando relacionada com o grau de insolação. Parâmetros como a temperatura, humidade relativa do ar, velocidade e direção dos ventos locais estão diretamente relacionados com esta variável fisiográfica.

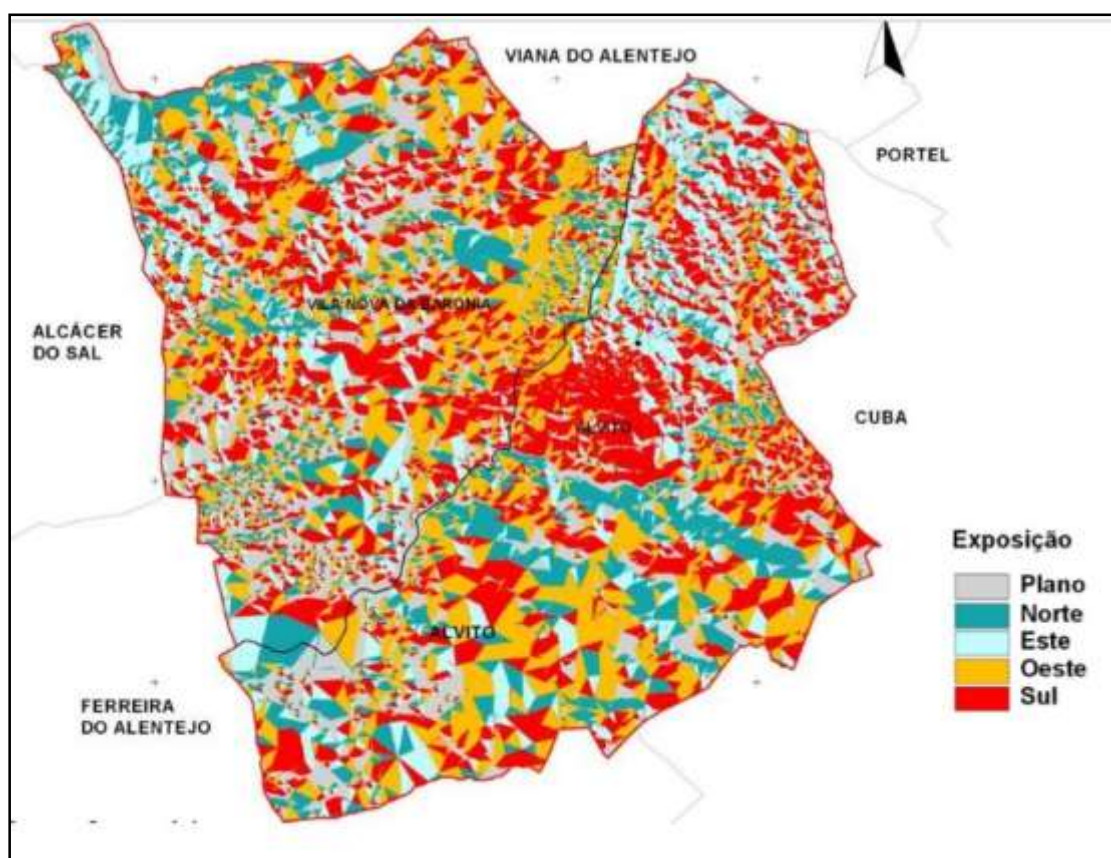


Figura 7 - Mapa de Exposição Solar do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito

Constata-se que predominam as exposições viradas a Oeste, representando 36,4%, assim como as vertentes planas, que representam 22,4% da área do Município. Também com alguma expressividade referem-se as exposições viradas a Sul, com 19,7%, seguida das viradas a Norte e Este com 10,9% e 10,6%, respetivamente.

Solos

O solo forma-se a uma taxa de 0,3 a 1,5 mm por ano e pode ser considerado, à escala humana, como um recurso não renovável. O conhecimento dos solos num dado território é um dos elementos fundamentais essenciais para fundamentar opções de distribuição de usos e funções, particularmente os que envolvem qualquer tipo de produção agrícola, florestal, pastoril e suas combinações, sendo também bastante importante quanto a quase todos os usos urbanos, industriais e recreativos, bem como às funções de proteção, recuperação e regulação. Ou seja, impõe-se a sua análise e caracterização na sua dupla condição de recurso essencial à vida e de suporte a estruturas e infraestruturas.

Ecologicamente, o Alentejo localiza-se numa das zonas mais difíceis de arborizar do país, nas quais se conjugam um período de secura estival intensa e prolongada com solos de baixa qualidade.

No caso de Alvito os solos dominantes acompanham a variação do substrato geológico. Assim, nas rochas sedimentares xisto-grauváquicas e séries metamórficas derivadas, predominam os solos mediterrânicos, pardos, vermelhos ou amarelos, frequentemente em fases delgadas e os litossolos.

Neste ponto sintetiza-se a informação relativa à caracterização dos solos existentes no concelho com o objetivo de propor sistemas de uso da terra compatíveis com as suas capacidades e limitações.

Caracterização dos solos - Elementos Base e Metodologia

No desenvolvimento deste estudo foram utilizados como elementos base a "Carta Complementar de Solos de Portugal" e a "Carta Complementar de Capacidade de Uso do Solo", à escala 1:25.000, assim como as suas respetivas memórias descritivas, da responsabilidade do então Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (SROA).

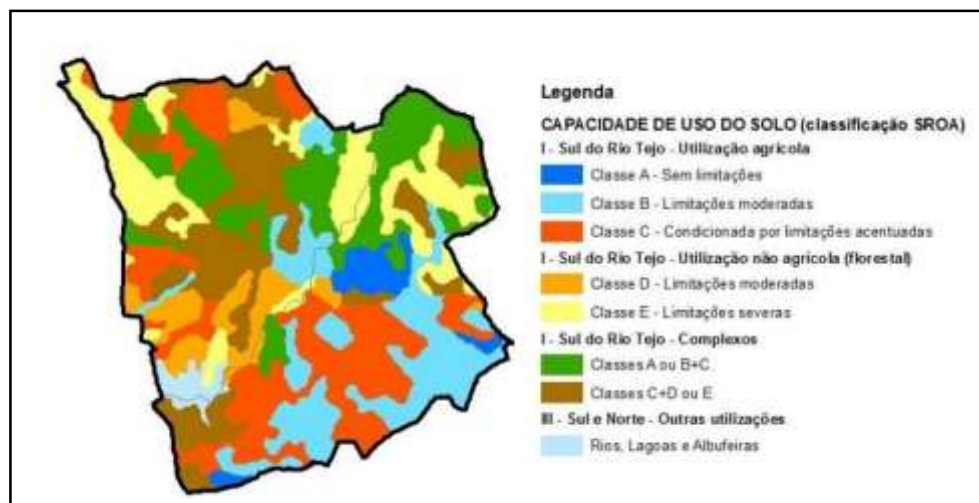


Figura 8 - Carta de Capacidade de uso do solo, sem escala, Fonte: PDM de Alvito

Estes elementos são hoje considerados, em grande parte, ultrapassados, sendo necessária a sua reformulação segundo parâmetros mais atualizados. Em particular, no que se refere à Carta de Capacidade de Uso do Solo, existem fortíssimas críticas aos critérios que presidiram à sua elaboração. Neste trabalho, tal carta, é utilizada como elemento de informação complementar, dado fornecer alguma informação não disponível em qualquer outra fonte. Não se quer, no entanto, deixar de alertar para o perigo da sua utilização para fins muito específicos, caso em que se aconselha o recurso a apoio técnico especializado.

As percentagens das áreas obtidas e apresentadas neste capítulo (excetuando os casos em que se mencione outra forma de cálculo) foram calculadas tomando como base a área total do concelho menos as “áreas sociais”, equivalendo a uma superfície aproximada de 26.100 ha, a qual será designada, ao longo do capítulo, como Superfície Livre ou (SL). Com este critério pretendeu-se obter um compromisso entre a Superfície Agrícola útil (SAU) e a superfície total do concelho já que, para efeitos de apuramentos das áreas das unidades pedológicas e suas limitações, era necessário ter como base toda a área com qualquer possibilidade de ocupação agrícola ou com revestimento natural.

É de salientar, ainda, como base metodológica, o trabalho realizado para o M.P.A.T / Gabinete Coordenador do Alqueva¹.

Para efeito de apuramento dos solos ocorrentes no concelho foi medida a área das suas manchas, criando-se uma pequena base de dados de que constam:

- Identificação numérica;
- Unidade pedológica simples e suas fases (nos casos de complexos foram desdobradas);
- Grupos de solos afins;
- Declives;
- Classe e subclasse de capacidade de uso simples (nos casos de complexos foram desdobradas);
- Classe de excesso de água no solo;
- Classe de risco de erosão;
- Área em ha;
- Unidade (s) de tratamento preconizada (s).

Também foi elaborado um ficheiro com as “áreas sociais”, cartografadas com base nas fontes atrás enumeradas, tendo-se verificado um aumento significativo do seu valor, que é agora de aproximadamente 1.100 ha, contra os 365 ha do PDM anterior. Este aumento de área deve-se à existência de albufeiras que não existiam à data de elaboração das cartas.

¹ Atualização e Complemento do Estudo Inerente à Determinação da Mais-valia Agrícola Provocada pelo Aproveitamento Hidroagrícola do Alqueva. Volume 2. Estudos Agronómicos. Tomo 1. Pedologia e Agrologia”, pela Hidrotécnica Portuguesa (1988).

Tabela 1 - Tabela de Síntese de Distribuição taxonómica das ordens de solos

Ordens de Solos	Área (ha)	% na SL
Solos Incipientes	827	3,2
Solos Litólicos	6545	25,1
Solos Calcários	440	1,7
Solos de Barros	184	0,7
Solos Argiluvitados	16325	62,5
Solos Hidromórficos	1433	5,5
Afloramentos Rochosos	365	1,4
Total	26117	

Tabela 2 - Tabela de Síntese de Distribuição taxonómica das “Subordens de Solos”

Subordens de Solos	Área (ha)	% na SL
Litossolos	61	0,2
Aluviosolos	672	2,6
Coluviosolos	94	0,4
Solos Litólicos não Húmicos	6545	25,1
Solos Calcários Pardos	236	0,9
Solos Calcários Vermelhos	203	0,8
Barros Pretos	120	0,5
Barros Castanho-Avermelhados	64	0,2
Mediterrâneos Pardos	14058	53,8
Mediterrâneos Vermelhos ou Amarelos	2267	8,7
Solos Hidromórficos sem Horizonte Eluvial	1148	4,4
Solos Hidromórficos com Horizonte Eluvial	285	1,1
Afloramentos Rochosos	365	1,4
Total	26117	

Regiões Naturais e Ecológicas - Vegetação e uso do solo

As culturas arvenses de sequeiro e o montado de azinho são largamente dominantes no interior desta região. O montado de sobre predomina na zona litoral e em toda a bacia do Sado. O olival preenche manchas significativas no interior e o eucaliptal abrange áreas crescentes. Embora mais localizada, a vinha tem também alguma importância. Nas áreas não cultivadas surgem os matos típicos da degradação do azinhal. Aí dominam as cistáceas, de um modo geral.

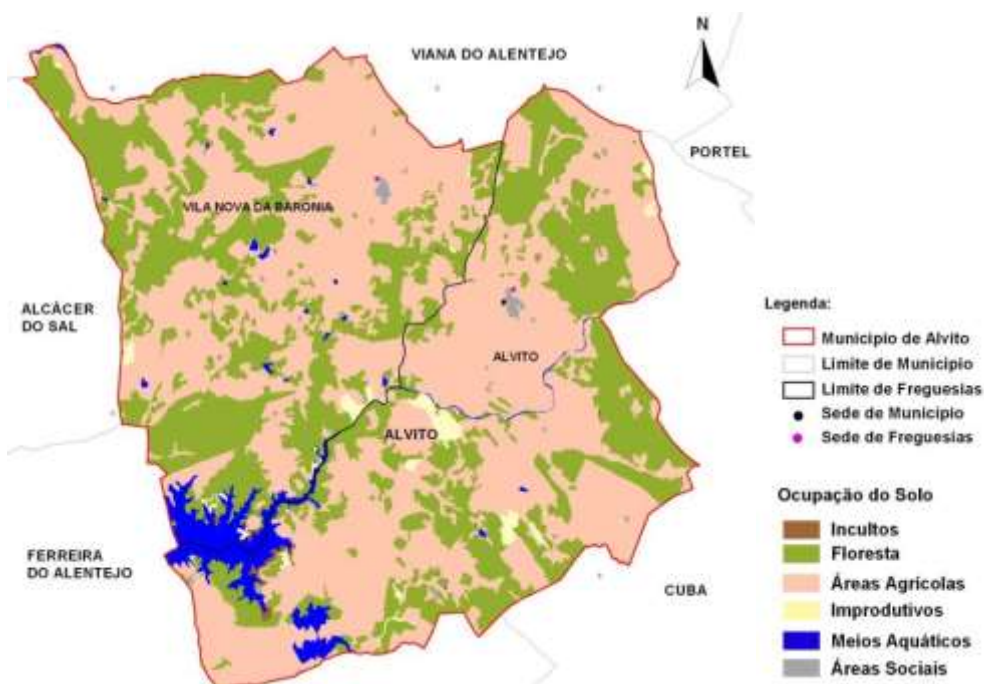


Figura 9 - Mapa de uso e ocupação do solo do município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito

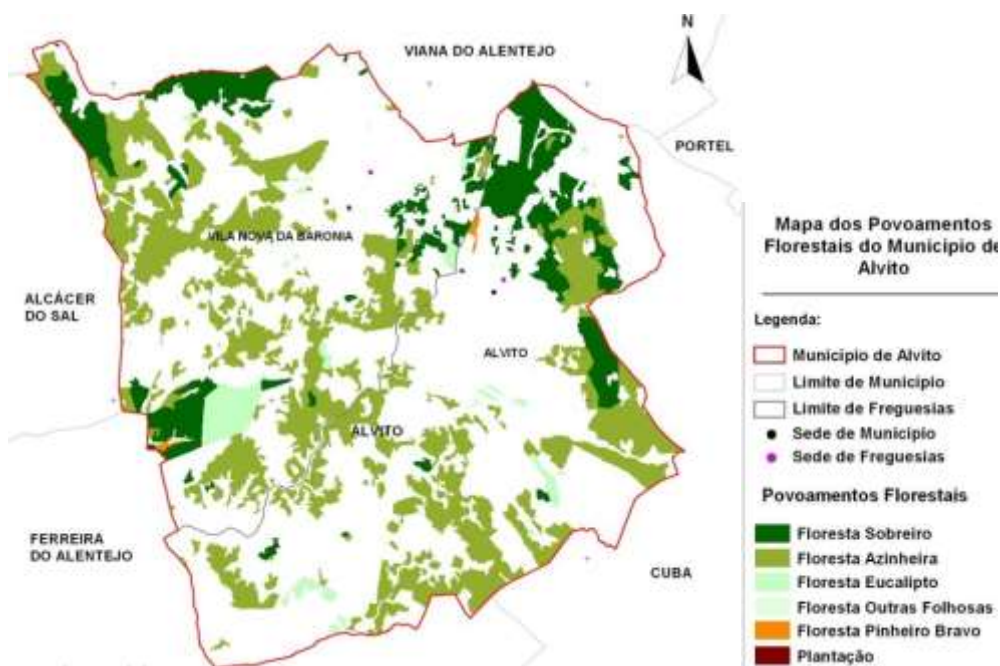


Figura 10 – Mapa dos Povoamentos Florestais do Município de Alvito, sem escala, Fonte: PDM de Alvito

2.2 - Unidades de Paisagem

A definição e delimitação destas unidades permitem uma aproximação integrada ao sistema biofísico, com vista ao ordenamento do território. Para esta caracterização utilizou-se o modelo do estudo, “Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental”, publicado pela DGOT/DU, Cancela d’Abreu (2004).

De acordo com este estudo, o Concelho de Alvito localiza-se numa zona com influência geográfica de três regiões distintas:

- Q – Terras do Sado (Unidade 97 – Montados da Bacia do Sado);
- R – Alentejo Central (Unidade 108 – Terras de Viana - Alvito);
- S – Baixo Alentejo (Unidade 110 – Terras Fortes do Baixo Alentejo).

Unidade 97 – Montados da Bacia do Sado

Esta unidade é caracterizada pelo domínio dos montados de azinho, sobre e mistos, com densidades variáveis. Estes aparecem associados a um relevo ondulado e a sua densidade varia das zonas declivosas e vales encaixados, onde o montado surge mais fechado (com matos) até às zonas menos declivosas, onde este surge mais aberto.

Nas zonas menos declivosas, geralmente em situações de planalto, surgem os sistemas arvenses de sequeiro e pastagens, por vezes com sobreiros ou azinheiras dispersas, pequenas manchas de regadio, e por último, associados aos aglomerados urbanos aparecem pequenas manchas de olival e policultura. Pontualmente, surgem também algumas manchas, não muito significativas, de eucaliptos.

O Alentejo Central é caracterizado por uma extensa planície ondulada, onde pontualmente surgem pequenas “serras”, nomeadamente, a Serra de Ossa, de Portel, de Monfurado e de Viana. Pela sua fisiografia, os vales não surgem muito evidentes nesta paisagem, não fosse a vegetação ripícola que acompanha as linhas de água.

Todavia, os vales encaixados do Guadiana e os seus afluentes, constituem uma exceção. Estes vales pelo seu encaixe, pelo relevo vigoroso das suas encostas, pela vegetação vigorosa, constituem marcas bem conhecidas na paisagem regional.

As serras representam o relevo com maior expressão na paisagem e associados a estes particulares contextos de clima local aos quais se associam significativos valores de fauna e flora.

Esta paisagem é caracterizada pelo domínio da grande propriedade, associada a usos extensivos, de onde se destacam a produção de cereais (que tem vindo a ser substituída por forragens e pastagens), o montado de azinho predominantemente, as pastagens naturais, e as vinhas e os eucaliptais que apareceram mais recentemente. A presença de gado nestas paisagens é quase uma constante, a componente pecuária nestes sistemas de produção, é evidenciada não só pela existência de gado mas também pelos sinais que a sua presença deixa na paisagem, assim como, vedações, bebedouros e maciços arbóreos dispersos, para abrigo.

O clima característico do Alentejo Central é essencialmente do tipo continental do Alentejo Oriental, ocorrendo algumas exceções com clima diferenciado, correspondendo às serras referidas anteriormente.

O clima apresenta fortes características mediterrâneas e continentais, evidenciadas pela prolongada estação seca, Invernos moderados a frescos, e verões quentes a muito quentes, assim como fortes amplitudes diárias de temperatura.

Os valores médios da temperatura do ar, situam-se entre os 15 °C e os 16 °C e a precipitação entre os 600 e os 700 mm, sendo por sua vez, a pluviosidade média anual mais elevada nos principais acidentes orográficos.

Esta zona “inscreve-se no maciço antigo e, em termos morfológicos, corresponde à peneplanície conservada do Alto Alentejo de onde se destacam os relevos das serras, o maciço calcário de Estremoz – Borba – Vila Viçosa, os terrenos fluviais ao longo do Guadiana, e afluentes e a peneplanície degradada da zona de Montemor-o-Novo e Arraiolos”.

Os cursos de água mais importantes desta “região”, apresentam um regime irregular ao longo do ano, com caudais muito significativos no Outono/Inverno, e praticamente inexistentes no período seco.

“Em termos litológicos, predominam as rochas sedimentares xisto-grauvácicas e séries metamórficas associadas, surgindo ainda as extensas manchas de granito alcalinos e quartzodioritos do maciço de Évora, bem como as rochas carbonatadas de Estremoz e suas envolventes³”.

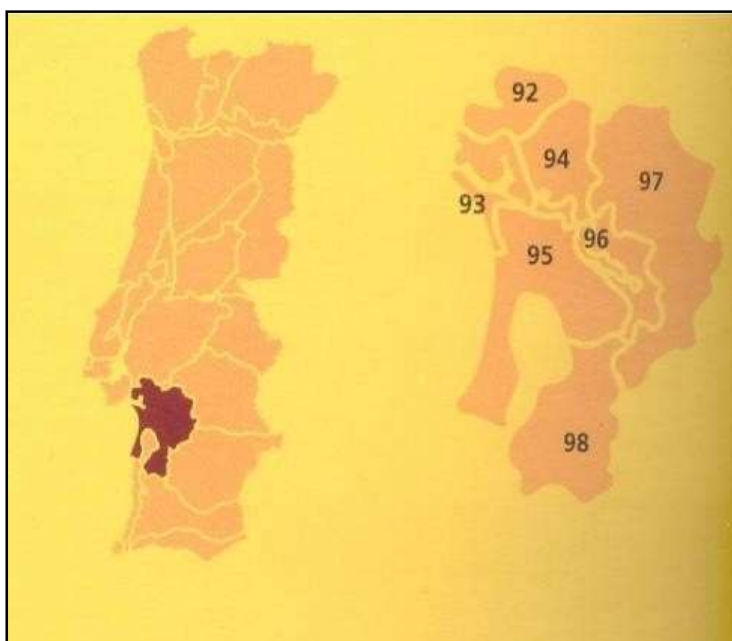


Figura 11 – Q – Terras do Sado, sem escala

³ Contributo para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental”, publicado pela DGOT/DU, Cancela D’Abreu, A; Correia, T.P.; Oliveira, R. (2004)

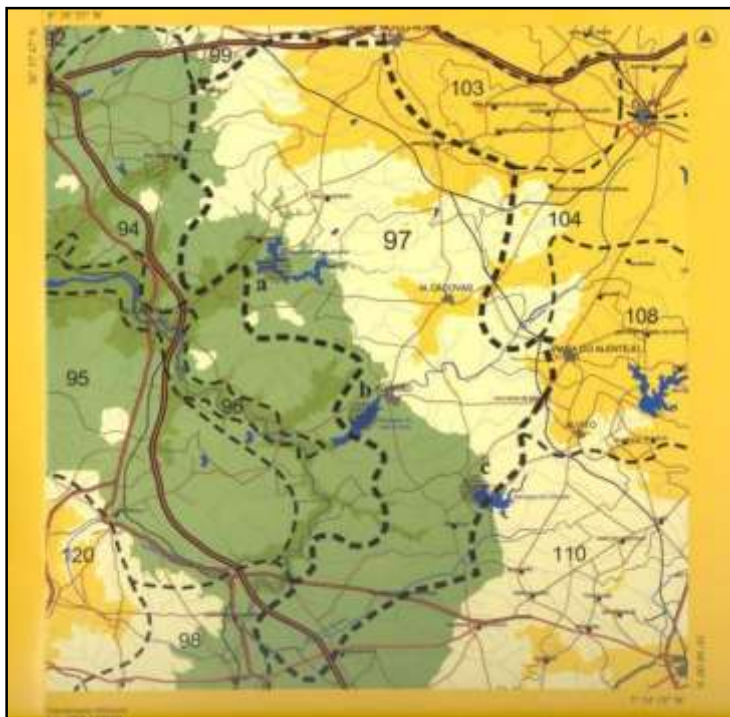


Figura 12 - Unidade 97, sem escala

Unidade 108 – Terras de Viana – Alvito

A unidade de paisagem “Terras de Viana – Alvito”, na qual está incluída a zona Nordeste do concelho de Alvito é caracterizada por um montado de azinho geralmente denso, contrariamente ao que acontece na envolvente. Contudo, ainda que o montado seja dominante, encontram-se também algumas áreas onde a vegetação arbórea desaparece ou surge muito dispersa em sistemas arvenses ou pastagens de sequeiro.

Na envolvente dos aglomerados surgem olivais com alguma expressão, como é o caso de Alvito, onde a vinha também tem uma presença marcante. Este mosaico cultural de malha mais reduzida, contribui para uma paisagem mais diversificada.

Apesar do Concelho de Alvito ter características de três “regiões”, é o Baixo Alentejo que mais influencia o Concelho em causa. Esta grande “região” abarca o centro e sul do território do Concelho.

A paisagem do Baixo Alentejo está associada à vasta planície, aos campos abertos associados a grandes extensões de cereal geralmente pouco arborizadas. Esta homogeneidade da paisagem deve-se também, a um relevo pouco acidentado em que dominam as zonas aplanadas. Esta monotonia é contudo, quebrada ocasionalmente pelas serras (Ficalho, Adiça e Alcaria Ruiva) e pelo vale encaixado do rio Guadiana e seus afluentes. “O Vale do Guadiana pode mesmo considerar -se o principal acidente físico do Baixo Alentejo”.

As variações do relevo, determinam condições climáticas particulares, que são também muito importantes para a biodiversidade.

Quanto aos solos, estes variam ao longo desta região, desde os “barros de Beja”, aos calcários de Moura e Serpa até aos solos esqueléticos de xisto.

Relativamente ao clima, este é marcadamente mediterrâneo, apresentando nítidas características de continentalidade. O Baixo Alentejo é o exemplo das grandes amplitudes térmicas entre o dia e a noite, assim como dos verões tórridos e os Invernos rigorosos. A precipitação, ronda os 500 a 600 mm, ocorrendo com mais intensidade nas zonas de influência dos principais acidentes orográficos. “Geologicamente o conjunto inscreve-se no maciço antigo (...). A peneplanície é intercetada por cursos de água e marcada também por alguns relevos residuais em rocha dura. Predominam rochas sedimentares xisto-grauváquicas e séries metamórficas associadas. Na envolvente de Beja, Serpa e Cuba devem ser destacadas as rochas básicas e ultrabásicas que dão origem aos barros. (...) Na faixa de Serpa, Beja e Ferreira do Alentejo ocorrem manchas extensas de barros e solos calcários para barros.

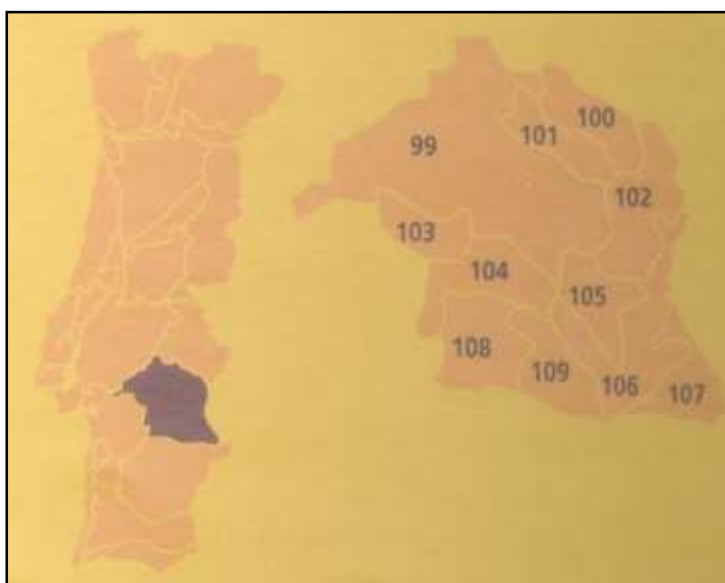


Figura 13 - R - Alentejo Central, sem escala

Unidade 110 – Terras Fortes do Baixo Alentejo

Mais uma vez, aqui domina a horizontalidade, definida pelas extensas áreas de arvenses de sequeiro, associadas por vezes a um coberto arbóreo pouco denso. Esta paisagem é caracterizada pela homogeneidade e planura, onde predomina a grande propriedade.

Surgindo como que para quebrar esta horizontalidade, os olivais também têm uma importante representação nesta paisagem, associados aos povoamentos concentrados, aparecem associados a diferentes usos de solo. Para além da presença do olival, também a vinha e os pomares têm uma presença significativa.

Os aglomerados urbanos são elementos que se destacam sempre na paisagem, pela sua localização definida em função de uma lógica agrícola, de defesa ou em função das principais vias de comunicação. Por outro lado, mas não menos marcantes, surgem os “montes”, correspondentes aos assentos de lavoura de grandes propriedades.

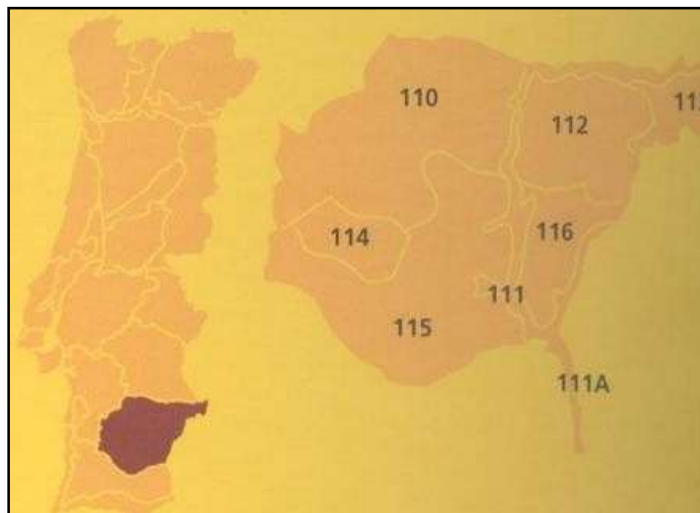


Figura 14 – S – Baixo Alentejo, sem escala

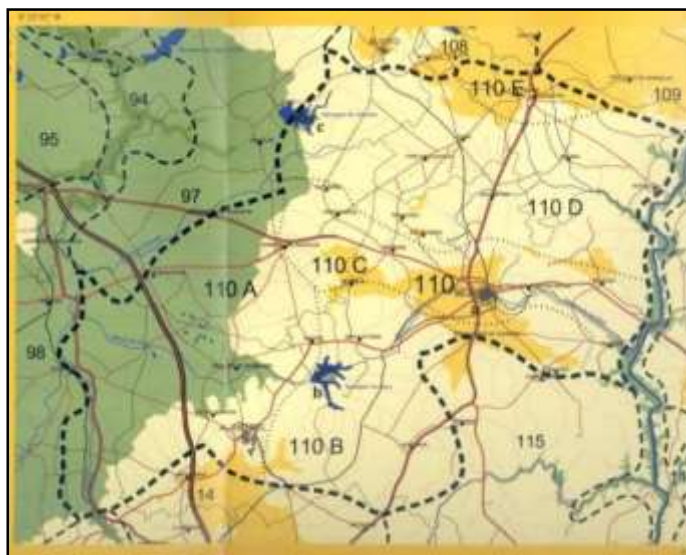


Figura 15 – Unidade 110, sem escala

2.3 - Estrutura Ecológica Municipal (EEM)

A EEM constitui uma figura de ordenamento do território que:

- i. Determina quais os sistemas ecológicos fundamentais à sustentabilidade do território, estabelecendo, deste modo, uma diferenciação entre recursos que não deverão ser destruídos, daqueles cuja apropriação não condiciona o funcionamento do território;
- ii . Equaciona as ocupações possíveis através da definição de novas paisagens, concebidas de acordo com critérios de sustentabilidade, critérios formais e critérios de utilidade social;
- iii. Integra as áreas ecologicamente sensíveis (como é o caso das linhas de água e das áreas com riscos de erosão) e áreas que pelo seu coberto vegetal e ocupação constituem valores naturais e/ou

patrimoniais, cuja preservação se justifica para a manutenção da integridade, regeneração e identidade do território;

iv . Concretiza-se através de um conjunto diversificado de usos, definidos de acordo com as características e localização de cada uma das áreas consideradas, estabelecendo-se alguns deles em continuidade com a ocupação atual (salientam-se, entre os usos possíveis, as atividades agrícolas e florestais, os espaços naturais e os espaços de recreio e lazer);

v . Constitui o suporte de atividades complementares às que são proporcionadas pelo tecido edificado e atua como uma forma de controlar a edificação dispersa e de afirmar um processo de requalificação e reestruturação urbana, e intensificando o contacto entre o espaço edificado e a estrutura ecológica através da sua definição no interior e no limite dos perímetros urbanos. (Magalhães,2002)

Tendo em conta as características biofísicas e naturais do município podemos esboçar critérios para a delimitação da Estrutura Ecológica Municipal.

No âmbito da delimitação física da EEM esta enquadra as áreas, valores e sistemas fundamentais para a proteção e valorização ambiental dos espaços, quer se tratem dos espaços rurais, quer dos espaços urbanos, assegurando a compatibilização das funções de proteção, regulação e enquadramento com os usos produtivos, o recreio e o bem-estar das populações.

Dentro das suas várias valências e componentes integradas, a estrutura ecológica municipal inclui elementos tão variados como as áreas que, pelas suas características orográficas, implicam a necessidade de proteção dos solos e da rede hidrográfica, de terrenos arborizados ou cuja arborização é conveniente ou necessária para o bom regime das águas, ou para a fixação e conservação do solo, de áreas sensíveis, de áreas que são constituídas por solos de maiores potencialidades agrícolas, ou que tenham sido objeto de investimentos para aumentarem a sua capacidade produtiva, bem como por áreas de valor ecológico e paisagístico de proteção e conservação dos habitats.

A EEM tem também como objetivo a preservação e a promoção dos valores ecológicos e ambientais do território, assegurando a defesa e a valorização dos elementos patrimoniais e paisagísticos relevantes, a proteção das zonas de maior sensibilidade biofísica e a promoção dos sistemas de lazer e recreio.

As áreas definidas como Rede Urbana, caracterizam-se por serem espaços abertos integrados no tecido urbano, maioritariamente na sede do Concelho. Adicionalmente, a proposta da estrutura ecológica municipal contempla ainda um vasto conjunto de áreas constituídas por espaços complementares, cuja ocupação é condicionada (ainda que algumas áreas não integrem condicionantes dos regimes previstos na legislação), dedicados sobretudo às atividades agrícolas, silvícolas e florestais, bem como a outras ações compatíveis com a salvaguarda e valorização do património natural.

Para além de englobar áreas, valores e sistemas fundamentais para a proteção e valorização ambiental, esta estrutura é constituída ainda por elementos resultantes da humanização do território que representam a cultura e identidade locais.

Na sua definição tem de ser ter em conta os Planos de Hierarquia Superior como o caso do Plano de Regional de Ordenamento do Alentejo (PROTA) e do Plano Regional de Ordenamento Florestal do Baixo Alentejo (PROF BA).

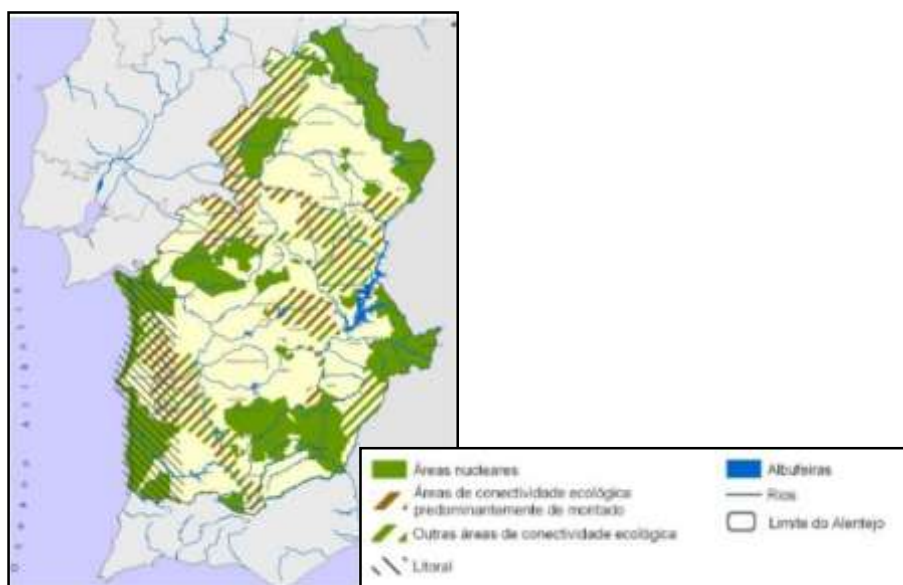


Figura 16 – Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental e do Litoral, sem escala, PROTA (2010)

Segundo o PROTA o objetivo da estrutura regional de proteção e valorização ambiental (ERPVA) é o de garantir a manutenção, a funcionalidade e a sustentabilidade dos sistemas biofísicos (ciclo da água, do carbono, do azoto), assegurando, desta forma, a qualidade e a diversidade das espécies, dos habitats, dos ecossistemas e das paisagens.

A ERPVA deve contribuir para o estabelecimento de conexões funcionais e estruturais entre as áreas consideradas nucleares do ponto de vista da conservação dos recursos para, desta forma, contrariar e prevenir os efeitos da fragmentação e artificialização dos sistemas ecológicos e garantir a continuidade dos serviços providenciados pelos mesmos, nomeadamente: o aproveitamento (água, alimento), a regulação (clima, qualidade do ar), os culturais (recreio, educação) e o suporte (fotossíntese, formação de solo).

Neste sentido, a ERPVA deve garantir a existência de uma rede de conectividade entre os ecossistemas, contribuindo para uma maior resiliência dos habitats e das espécies face às previsíveis alterações climáticas, e possibilitando as adaptações necessárias aos sistemas biológicos para assegurar as suas funções. Na região do Alentejo, o seu traçado deve ainda atender ao facto do espaço rural ser marcante na identidade e na Paisagem Regional, pelo que esta estrutura deve assegurar também a perenidade de sistemas humanizados que são um bom exemplo de uma gestão coerente e compatível com a preservação do património natural e cultural.

Este modelo assenta, pois, nas áreas classificadas para a conservação da natureza e da biodiversidade de importância nacional e internacional – áreas nucleares. A conectividade entre as áreas nucleares é estabelecida através de áreas de conectividade ecológica/corredores ecológicos, onde se pretende assegurar a continuidade dos processos ecológicos, onde as áreas

nucleares com os territórios das regiões envolventes garantem a proteção de valores naturais não representados nessas áreas.

No ERPVA foram também foram identificados os sistemas florestais e silvo-pastoris com representatividade espacial significativa à escala regional, que são sistemas ecológicos de elevada riqueza e diversidade biológica (montados, florestas de quercíneas), os habitats de pinhal manso, coincidentes com a área sob influência marítima, em substrato arenoso, com funções determinantes de fixação do solo e de proteção das culturas. Nestas áreas poderão ainda ser mantidas ou desenvolvidas atividades agrícolas ou florestais que, não constituindo sistemas essenciais de suporte da biodiversidade, contribuem para a manutenção do mosaico de paisagens rurais, como sejam, por exemplo, as manchas de regadios consolidados ou previstos ou as culturas extensivas de cereais de sequeiro ou as culturas permanentes.

Nas áreas da ERPVA deverá ser dada prioridade à preservação das áreas naturais, determinantes para os padrões processos da paisagem, à manutenção dos sistemas agrícolas ou florestais e, de uma forma geral, dos sistemas mediterrâneos tradicionais, e ao restabelecimento ecológico (linhas de água, montados, sistemas dunares, zonas húmidas) que favoreça a funcionalidade dos sistemas naturais e seminaturais e que compense e torne mais permeável a existência de obstáculos como os sistemas de monoculturas extensivas, as redes de infraestruturas ou os aglomerados urbanos.

Tal como se pretende definir, esta estrutura inclui as áreas de relevância para a proteção e valorização ambiental à escala regional, sem prejuízo do contributo que a incorporação de áreas degradadas a recuperar e a valorizar e das orientações que, a outra escala, nomeadamente em planos de maior detalhe, como sejam os planos municipais ou os sectoriais, irão assegurar a intensificação das funções ecológicas nas áreas de maior artificialização (áreas urbanas, regadios de maior extensão e sistemas florestais intensivos).

(Fonte: PROTA – Relatório Fundamental, 2010)

Capítulo 3 - Levantamento dos Espaços Abertos

Para o trabalho desenvolvido no estágio surgiu a necessidade de proceder-se ao levantamento de todos os espaços abertos no concelho de Alvito. Verificou-se que existem poucos espaços denominados abertos e com tipologia reconhecida mas, em contrapartida, existem muitos espaços sem tipologia atribuída, os quais a população, maioritariamente idosa, usufrui deles para convívio. Para uma forma mais clara de compreender o que nos dão estes espaços considerados por muitos moradores “recantos”, recorreremos ao estudo de Matos (2011). O estudo trata da relação entre o espaço edificado e o espaço aberto que constrói o tecido urbano. Muitas vezes não se dá importância a espaços abertos que fisicamente aparentam estar “abandonados”, e para os municípios são mais um problema que eles tem de resolver.

Estes espaços abertos, interstícios que existem entre o tecido edificado da cidade, que apresentam uma certa continuidade e que permitem a circulação do ar, água e matéria, são usados muitas vezes pelos moradores. Os espaços são utilizados para circulação, apropriação ocasional enquanto espaço de brincadeira, de jogos ou convívio, ressaltando o enorme potencial que apresentam na estrutura e coesão da cidade enquanto recetáculo e comunidade. *“Levantam-se muitas questões no âmbito da qualidade e diversidade destes espaços pela falta de integração numa tipologia urbana reconhecida. Os municípios têm de reconhecer estes espaços não de forma negativa mas sim como uma realidade distinta determinada pelo ritmo das mudanças tecnológicas, económicas, sociais, culturais e demográficas”* (Matos, 2011).

Matos, (2011) refere que a descontinuidade característica das periferias foi resultado de um novo modelo urbano que, a partir dos anos 60, deu origem a um novo conceito de cidade e que, num processo de crescimento desordenado, permitiu que uma paisagem de periferias algo conflituosas surgisse, de forma anárquica, num território degradado. Os espaços intersticiais são então consequência desse crescimento extensivo da cidade e das suas periferias. A par da existência destes espaços sem nome, na cidade o espaço aberto continua a ser chamado de “verde” e a desempenhar, um papel acessório na construção do espaço urbano.

Portanto, os espaços intersticiais devem ser uma expressão atual do “continuum” da paisagem, uma vez que permitem a ocorrência dos processos ecológicos fundamentais para o crescimento e desenvolvimento sustentável da cidade.

Fez-se então um levantamento de todos os espaços abertos de modo a compreender o que procuram os moradores e o município. Este levantamento serve também de análise e caracterização da vila tendo em conta os espaços de recreio e lazer. Deste modo, avaliam-se os aspetos negativos e positivos destes espaços.

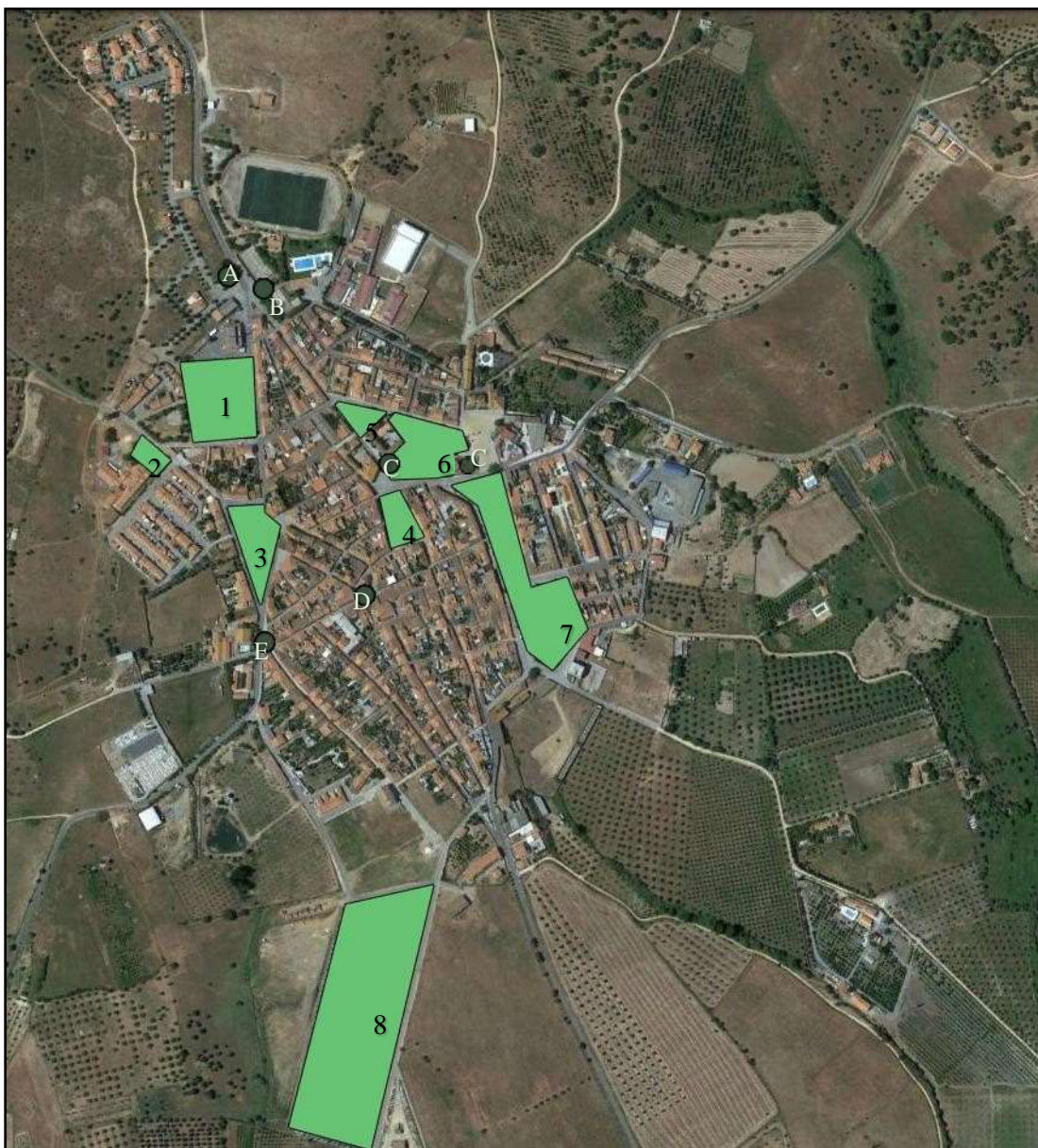
Espaços abertos da Vila de Alvito

Figura 17 - Fotografia aérea de Alvito

- 1- Parque Urbano Lazer Ativo
- 2- Espaço aberto em frente ao Lar de 3º idade
- 3- Largo da Trindade e Adro na envolvente da Igreja Matriz
- 4- Praça da República
- 5- Largo da Fundação da Casa de Bragança
- 6- Jardim da Pousada / Castelo de Alvito
- 7- Rossio de São Sebastião
- 8- Parque de exposições e Feiras

A. Nicho de Nossa Senhora de Fátima

B. Espaço aberto junto à Paragem de Autocarro

- C. Largo do Roque e Largo do Castelo
- D. Espaço aberto junto à torre do relógio
- E. Espaço aberto junto à Porta Nova

Fez-se a distinção entre dois tipos de espaço tendo em conta a sua função e dimensão, ou seja de 1 a 8 consideram-se todos os espaços com um desenho e função definida a partir de um projeto de Arquitetura Paisagista. Em relação aos espaços de A a E consideraram-se todos os espaços “abertos” de pequena dimensão, ou seja os que são utilizados preferencialmente pelos residentes para convívio, espaços esses que são preenchidos por mesas e cadeiras e constituem os “espaços intersticiais” da vila.

1 – Parque Urbano de Lazer Ativo (PULA)

O PULA é um espaço que se localiza a Oeste de Alvito. Inclui diferentes equipamentos, tais como um elemento de água, equipamento infantil e 2 campos de futebol e uma estrutura de ensombramento que proporciona sombra e realça o caminho principal; também inclui variadas espécies arbóreas arbustivas e herbáceas. Todo o espaço é vedado com um muro de betão pintado a branco. Trata-se de um espaço retangular com 102 m de comprimento e 56 m de largura. O espaço em si é bastante ensombrado não só pela estrutura de ensombramento mas também pelas várias espécies arbóreas.

O espaço é resultado de um projeto de Arquitetura Paisagista feito no exterior. Os residentes utilizam o espaço com pouca regularidade. Os jovens usam os campos de futebol durante o fim-de-semana com mais frequência. Durante a semana o espaço é frequentado por idosos que permanecem por ali durante um curto período de tempo a repousar. Mas poucos são os que por ali ficam.

Para este espaço o município apresentou a intenção de substituir a estrutura de ensombramento e requalificar o elemento de água, atualmente degradados.



Figura 18 – Fotografia aérea do PULA

Análise Fotográfica:



Figura 19 – Entrada Principal



Figura 20 – Equipamento Infantil



Figura 21 – Elemento de água



Figura 22 – Elemento de água – Repuxo inativo



Figura 23 – Estrutura de Ensombramento



Figura 24 – Campos de Futebol

2 – Espaço aberto em frente ao Lar de 3º idade

O espaço resulta de um projeto que surgiu de uma intenção do presidente da Câmara, juntamente com a Arquiteta da Câmara, e localiza-se a oeste de Alvito. Trata-se de um espaço de forma quadrangular com 40x26 metros de dimensão. O espaço foi criado para servir de apoio ao Lar de 3º idade que se encontra a oeste. Tem um elemento central de carácter religioso, importante para os residentes da vila: o Sagrado Coração de Maria. Este espaço inclui vegetação arbórea (oliveira) vegetação arbustiva (lavanda) e herbácea (couve de Santa Terezinha). Consideramos no entanto que tem pouca variedade de espécies para a dimensão dos canteiros em questão. Conseguem preencher um canteiro de 10 metros por 2 metros de comprimento com apenas “*Agapanthus africanus*”.



Figura 25 – Fotografia aérea do Jardim do Lar da 3º idade

Análise Fotográfica:



Figura 26 – Interior do Jardim



Figura 27 – Entrada Secundária do Jardim



Figura 28 - Oliveira

Figura 29 – Couve de Santa Terezinha

Figura 30 – elemento central



Figura 31 - Agapanto

3 – Largo da Trindade e Adro na envolvente da Igreja Matriz

Os dois espaços estão separados pela Igreja Matriz. O largo da Trindade foi recentemente requalificado e o Adro encontra-se em processo de análise e proposta a nível de estudo prévio. Por este motivo debruçar-nos-emos apenas no Largo da Trindade. O desenho do largo foi da autoria do próprio presidente da Câmara que propôs à Arquiteta da Câmara que o desenhasse com as mesmas linhas e formas originais. Desta forma não resultou de um Projecto de Arquitetura Paisagista. A única diferença do projeto original para o atual foi a substituição das espécies vegetais. A proposta baseou-se então nas linhas existentes do espaço com a introdução de espécies arbustivas e herbáceas de diferente cor, textura e dimensões.



Figura 32 – Fotografia aérea do Largo da Trindade e Adro

Análise Fotográfica:



Figura 33 – Largo da Trindade



Figura 34 – Variedade de espécies



Figura 35 – Tipo de iluminação



Figura 36 – Elemento central – Busto



Figura 37 – Efeito da espécie – Kochia



Figura 38 – Homenagem a Dr. Ernesto Góis



Figura 39 – Adro nos inícios da década de 60

4 - Praça da República

A Praça da República de Alvito, como todas as praças de cidades, vilas e aldeias são elementos centrais que servem/serviam de ponto de encontro para os seus habitantes. O espaço é retangular com 70x30 metros de dimensão. A praça em questão apresenta uma geometria que privilegia a forma circular contrariando a retilinearidade da envolvente, e localiza-se a sul da Pousada / Castelo de Alvito. A escola de hotelaria da região situa-se a este da praça e o edifício da câmara a oeste. O espaço tem um pequeno anfiteatro, um quiosque e um coreto, mobiliário urbano e vegetação arbórea e herbácea, nomeadamente o *Prunus nigra* e os *Viola tricolor* em vasos de aço inox. Quando se aproxima o verão, a escola de hotelaria explora o quiosque da praça tornando o espaço mais movimentado.



Figura 40 – Fotografia aérea da Praça da República

Análise Fotográfica:



Figura 41 – Sul da Praça da Republica



Figura 42 – Anfiteatro



Figura 43 – Norte da Praça da Republica



Figura 44 – Pelourinho a Norte da Praça



Figura 45 – Praça da Republica nos Anos 40,
Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)



Figura 46 – Tourada na Praça da Republica
Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

5 – Largo da Fundação da casa de Bragança

O Largo localiza-se a Norte da Pousada / Castelo de Alvito. É constituído por um estacionamento com cerca de 10 lugares. Trata-se um espaço bastante ensombrado e tem um elemento de pedra de granito com um busto a homenagear o antigo presidente de Câmara Ernesto Magno. Atualmente, o presidente da Câmara de Alvito optou por plantar espécies anuais em forma de coração junto ao muro (figura 48).



Figura 47 - Fotografia aérea do Largo da Fundação da casa de Bragança

Análise Fotográfica:



Figura 48 – Corações de Alvito, (Zinias)



Figura 49 – Homenagem a Ernesto Magno



Figura 50 – Largo (estacionamento)

Figura 51 – Largo nos finais dos anos 40
Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)6 – Jardim da Pousada / Castelo de Alvito

O jardim da Pousada / Castelo de Alvito localiza-se a este da vila de Alvito. As fotografias abaixo ilustram partes do interior do Castelo, atualmente. Em 1993 foi aprovado e executado um projecto de enquadramento paisagístico do espaço aberto pelo Professor Gonçalo Ribeiro Telles sendo em Setembro, do mesmo ano inaugurada a Pousada.



Figura 52 – Fotografia aérea da Pousada / Castelo de Alvito

Análise Fotográfica:



Figura 53 – Pátio do Castelo de Alvito



Figura 54 – Interior do Pátio



Figura 55 – Elemento de água (espelho de água)



Figura 56 – Zona íntima do jardim



Figura 57 – Piscina do Castelo de Alvito



Figura 58 – Pátio do Castelo de Alvito, primeiras décadas do século XX, Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

7 – Rossio de São Sebastião

O Rossio de Alvito compreende um comprimento de 270 metros, aproximadamente, com um miradouro para sul de Alvito onde se pode apreciar a grandiosa Paisagem Alentejana de olivais e campos de produção de cereais.

Inclui também, a Ermida de São Sebastião e as Grutas do Rossio - túneis subterrâneos - que recentemente foram destruídos pela degradação ao longo do tempo e que eram o grande foco de turismo de Alvito. Neste momento, e pela destruição que sofreram, foram vedadas, até à sua recuperação sem data prevista, uma vez que se trata de uma obra com grande custos envolvidos.

As espécies arbóreas que se encontram neste espaço, de forma pontual são maioritariamente Mélias (*Melia azedarach*), e Jacarandás (*Jacaranda mimosifolia*). É aqui que decorre o mercado quinzenal, aos domingos, onde os produtores hortícolas e frutícolas da região vendem os seus produtos.



Figura 59 – Fotografia aérea do Rossio

Análise Fotográfica:



Figura 60 – Aspeto visual a norte do espaço



Figura 61 – Aspeto visual a sul do espaço



Figura 62 – Elemento central do espaço - Mó



Figura 63 – Ermida de São Sebastião



Figura 64 – Miradouro junto à Ermida de São Sebastião



Figura 65 – Vista para a Paisagem Alentejana

Figura 66 - Rossio nos anos 50,
Fonte: “100 anos de Memórias”, Silva (2000)

8 - Parque de exposições e feiras

O Parque de exposições e feiras localiza-se a sul da vila de Alvito. Apesar de ser um espaço que apenas é utilizado para esse fim, e não para permanência foi proposta, em Julho de 2014, a sua requalificação como ilustra a Figura 71. O projeto é da autoria de uma Arquiteta Paisagista de um Ateliê particular, a pedido do Presidente da Câmara Municipal. O projeto define usos e funções diferentes para os vendedores ambulantes. O conceito que dá forma ao projeto, segundo o Presidente, é a feira dos frutos secos que acontece anualmente neste espaço.



Figura 67 - Fotografia aérea do parque das exposições e feiras

Análise Fotográfica:



Figura 68 - Entrada do parque das Feiras



Figura 69 - Estacionamento na envolvente do parque



Figura 70 – Estado atual do Parque das feiras



Figura 71 – Proposta de Requalificação do parque da feira

A – Nicho de Nossa Senhora de Fátima

Este Nicho foi implantado na entrada de Alvito quando o Papa Paulo VI, em 1967, visitou Portugal; a imagem que nele se encontra é de Nossa Senhora de Fátima. Neste relatório está apresentada a requalificação deste espaço com as várias propostas apresentadas ao Presidente da Câmara.



Figura 72 – Fotografia aérea do Nicho de Nossa Senhora de Fátima

As fotografias que se seguem pertencem à proposta final aprovada.

Análise Fotográfica:



Figura 73 – Corações de Alvito



Figura 74 – *Felícia amelloides*



Figura 75 – Nicho de Nossa Senhora de Fátima



Figura 76 – 4 Corações com Felícias



Figura 77 – Entrada de Alvito, requalificada

B – Espaço aberto junto à Paragem de Autocarro

A eleição deste espaço como espaço aberto público deveu-se ao facto de muitos idosos se juntarem nele para conversar e “ver passar os carros”. Apesar do nome “Paragem de autocarro” este espaço não tem função de paragem de autocarro é um espaço de encontro.



Figura 78 – Fotografia aérea da paragem de Autocarro

Análise Fotográfica:



Figura 79 – Paragem de Autocarro da entrada de Alvito

C – Largo do Roque e Largo do Castelo

Estes espaços, para os residentes da vila mais idosos, servem de ponto de encontro e de convívio diário, durante o ano inteiro. Com o mobiliário urbano (bancos e mesas), bem como com a vegetação arbórea que lhes proporciona sombra, os idosos conversam e jogam às cartas durante horas. O porquê de não se juntarem em outros espaços públicos fica entre a história dos seus antepassados. “*Quando era criança via o meu avô e o meu pai a virem para aqui jogar com os amigos*” – revela um dos utilizadores dos espaços.

Por serem espaços de apropriação da população residente, sem tipologia reconhecida, não deixam de ter importância ecológica e paisagística. A pedido dos residentes o município colocou mobiliário urbano adequado para a permanência. É frequente criarem-se espaços abertos ignorando à apropriação de determinados espaços pelos próprios utilizadores. No entanto, o que se verifica muitas vezes é que estes novos espaços não são apropriados, prevalecendo os existentes. Assim pode ser preferível melhorar as condições dos espaços existentes do que criar outros, pois que fiquem ao abandono.

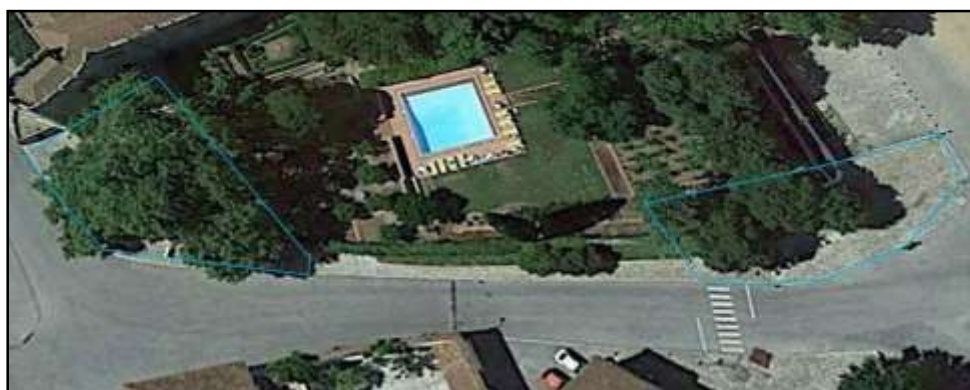


Figura 80 – Fotografia aérea dos Largos do Roque e do Castelo

Análise Fotográfica:



Figura 81 – Zona de estadia junto à pousada



Figura 82 – Chafariz



Figura 83 – Símbolo religioso junto à entrada secundária da pousada



Figura 84 – Largo do Castelo



Figura 85 – Entrada da Pousada de Alvito

D – Espaço aberto junto à torre do relógio

O espaço aberto junto à torre do relógio foi também selecionado pelo facto de ser frequentado por muitos residentes que nele permanecem. Apesar de não apresentar condições favoráveis para estadia, os idosos apropriaram-se dele e ali ficam, encostados ao edifício, à conversa.



Figura 86 – Fotografia aérea do edifício da câmara

Análise Fotográfica:



Figura 87 – Torre do Relógio



Figura 88 – Mercado Municipal, ao fundo

E – Espaço aberto junto à Porta Nova

A Porta nova localiza-se a Sudoeste da Vila de Alvito. Trata-se de um recanto com equipamento de estadia onde permanecem os jovens em época escolar, pois o espaço encontra-se perto da escola profissional. Fora das aulas é aqui que os alunos se reúnem.



Figura 89 – Fotografia aérea do espaço aberto junto à Porta Nova

Análise Fotográfica:



Figura 90 – Espaço aberto junto à Porta Nova



Figura 91 – Acesso ao espaço

Espaços Abertos de Vila Nova da Baronia



Figura 92 - Fotografia aérea de Vila Nova da Baronia

1. Espaço aberto a Norte de Vila Nova da Baronia
2. Jardim da Casa do Povo
3. Espaço aberto do mercado
4. Espaço aberto junto ao Pelourinho

1 – Espaço Aberto a Norte de Vila Nova da Baronia

O espaço localiza-se tal como o nome indica a norte de Vila Nova da Baronia. Baseado em linhas retas, tem um elemento de água central e em volta alinhamento de Palmeiras. Não se sabe ao certo o conceito do projeto nem a sua idade. A Câmara não tem informação sobre o projeto.



Figura 93 – Fotografia aérea do Espaço aberto a norte de Vila Nova da Baronia

Análise Fotográfica:



Figura 94 – Espaço aberto em Vila Nova da Baronia



Figura 95 – Acesso ao espaço

2 – Jardim da Casa do Povo

O jardim da casa do Povo é um dos espaços abertos mais frequentados em Vila Nova da Baronia, pois situa-se em frente ao lar de 3^o idade. É neste espaço que os idosos se reúnem para jogar e conversar uns com os outros. O espaço tem um campo de futebol, várias zonas de estadia, equipamento infantil e alguma variedade de vegetação em mau estado fitossanitário. Por esta razão foi desenvolvido um plano de plantação que se apresenta neste relatório. Para este plano de plantação o Presidente da Câmara pediu que tanto a cor da flor como a textura das plantas fosse alterada.



Figura 96 – Fotografia aérea do Jardim da Casa do Povo

Análise Fotográfica:



Figura 97 – Entrada do Jardim



Figura 98 – Equipamento infantil



Figura 99 – Zona de estadia



Figura 100 – Campo de Futebol

3 – Espaço aberto do mercado

Este espaço aberto localiza-se a oeste de Vila Nova da Baronia. Foi recentemente reinaugurado, a 10 de Junho de 2015, por altura das comemorações do dia de Portugal, devido à construção do muro em pedra com soldados esculpidos em sua homenagem. Também para o desenvolvimento do seu projeto de execução foi pedida a nossa colaboração, que mais adiante se apresenta.



Figura 101 – Fotografia aérea do espaço aberto do mercado

Análise Fotográfica:



Figura 102 – homenagem aos soldados



Figura 103 – Utilização de diferentes tipos de pavimento



Figura 104 - Estacionamento



Figura 105 - Canteiros

4 – Espaço Aberto junto ao Pelourinho

O espaço localiza-se numa zona central da vila. Tem apenas vegetação arbórea e mobiliário urbano (bancos e mesas). Neste local os idosos têm o hábito de conviverem uns com os outros.



Figura 106 – Fotografia aérea do espaço aberto junto ao Pelourinho



Figura 107 – Espaço aberto junto ao Pelourinho



Figura 108 -Pelourinho



Figura 109 – Utilizadores do espaço repousando

Capítulo 4 - Projetos | Trabalhos | Experiências



A possibilidade de contacto com a componente prática no decorrer da formação académica é fundamental para se vivenciar a realidade do mundo profissional. Ter contacto com esta realidade, no sector público, é uma grande responsabilidade e desafio, uma vez que muitos municípios acham desnecessária a presença de um profissional de Arquiteto Paisagista. Deste modo, cabe ao estagiário demonstrar todas as capacidades e potencialidades do Arquiteto Paisagista à entidade que possibilita o contacto com a realidade. Adquire-se experiência profissional e, ao mesmo tempo, põe-se em prática a componente teórica e prática adquirida ao longo da Licenciatura e Mestrado em Arquitetura Paisagista.

As propostas aqui apresentadas demonstram todo o trabalho solicitado pela Câmara Municipal de Alvito. Cada Proposta é acompanhada de uma memória descritiva e justificativa onde se expressa toda a conceção do projeto, desde a ideia até à proposta final, pronta para uma intervenção futura já discutida com o cliente. Por fim, e sempre que se considera necessário, apresenta-se uma reflexão crítica sobre a proposta desenvolvida.

4.1 – Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

4.1.1 - Análise e Caracterização



Figura 110 – Fotografia aérea da Igreja Matriz

O espaço localiza-se a Oeste da Câmara Municipal de Alvito, a Nordeste da Escola Profissional, adjacente à estrada Nacional 257, Évora – Beja. O edifício central que separa os dois jardins é a Igreja Matriz, obra de Monges Trinitários e legado ao Chanceler Estevão Anes. Não se sabe ao certo a data da origem destes espaços. Sabe-se, apenas, que no início da década de 60, o Adro e o Largo da Santíssima Trindade ainda não tinham sido construídos.

Em 2004 foi implementado um busto no Largo da Santíssima Trindade, em homenagem ao Dr. Ernesto Góis, médico da vila de Alvito.

Ambos os espaços são utilizados atualmente por moradores e por estudantes da escola profissional (Figura 112). Quando há casamentos na igreja matriz, o espaço é utilizado para cenário fotográfico. A topografia do espaço é plana, como podemos ver na figura seguinte, tendo uma ligeira inclinação de Oeste para Este.

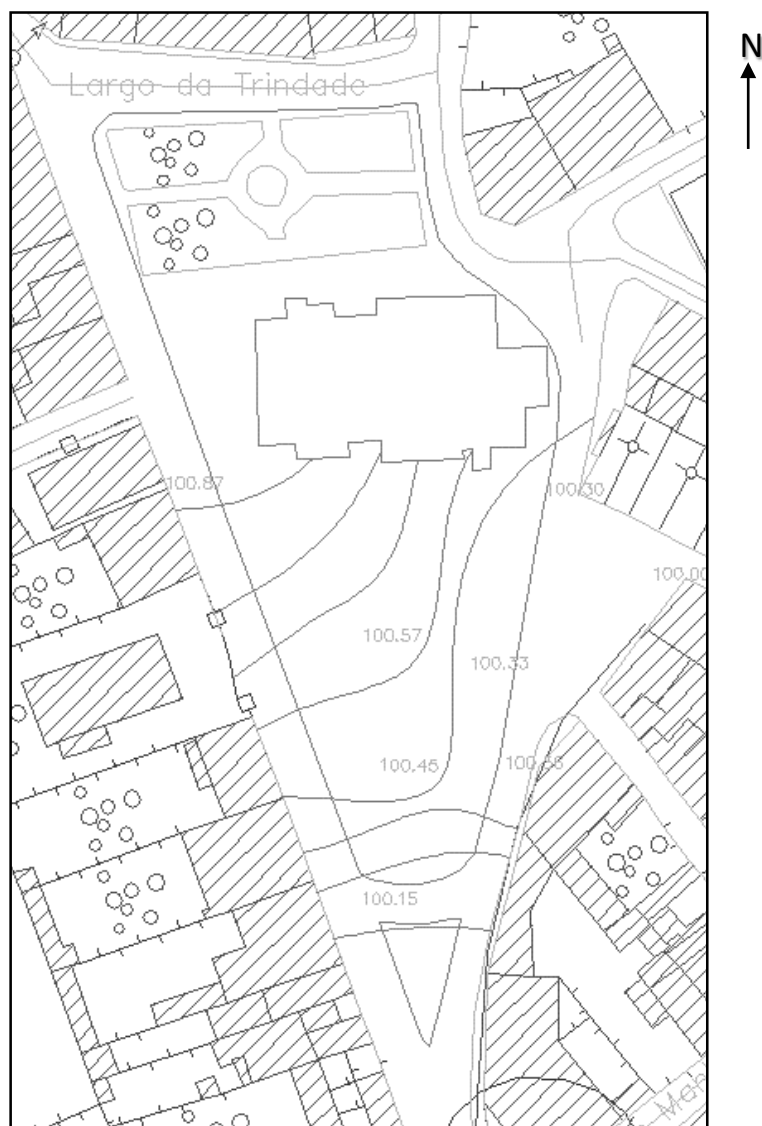


Figura 111 - Topografia do espaço, sem escala



Figura 112 – Adro

O Largo da Santíssima Trindade foi recentemente requalificado. Como já foi referido, o projeto foi pensado pelo Presidente da Câmara de Alvito e desenhado pela Arquiteta da Câmara Municipal de Alvito. Foram mantidas as linhas do projeto existente mas modificaram-se as espécies arbustivas e herbáceas, mantendo-se as espécies arbóreas. A escolha das espécies foi, também, feita pelo Presidente, assim como a sua distribuição pelo espaço.

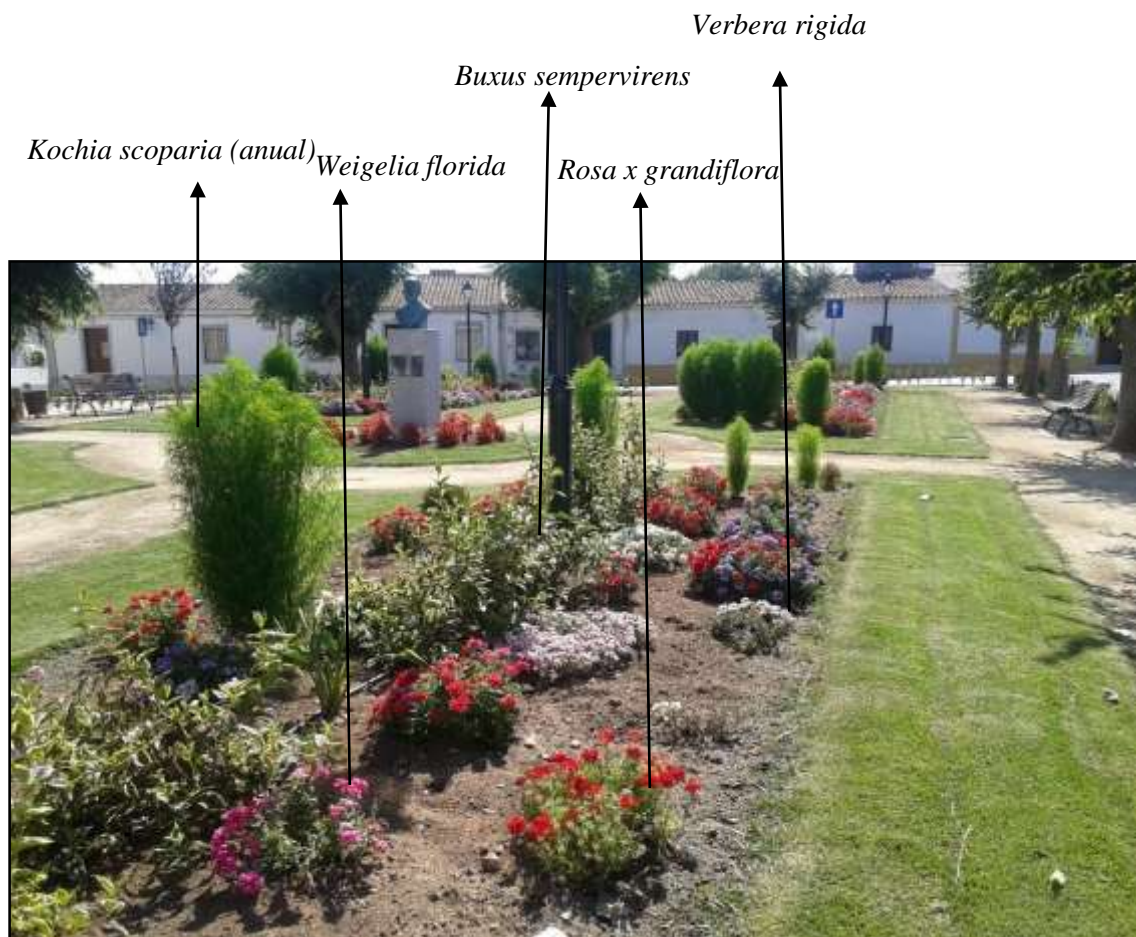


Figura 113 – Esquema de identificação de espécies



Figura 114 – Esquema de caminhos do Largo da Santíssima Trindade

Assim sendo, o espaço alvo de intervenção será apenas o Adro. O Presidente pretendia que o Adro se tornasse um espaço onde a população mais jovem pudesse conviver, brincar e jogar. Para tal era seu desejo que o espaço seja maioritariamente em relvado, que se mantivesse o elemento central (cruzeiro), e que houvesse variedade de espécies arbustivas e herbáceas, à semelhança do que acontece no espaço a norte.

Durante a primeira visita ao espaço verificámos que este era utilizado pelos estudantes, como referido anteriormente, e que estes se concentravam na zona mais central junto ao cruzeiro. A utilização do espaço fez-se mais (durante o tempo de observação; Janeiro - Fevereiro) entre as 11h e as 11h30. Os utilizadores procuravam aquecer-se ao sol pois a temperatura estava baixa. O esquema abaixo mostra onde os alunos e os idosos se localizam preferencialmente.

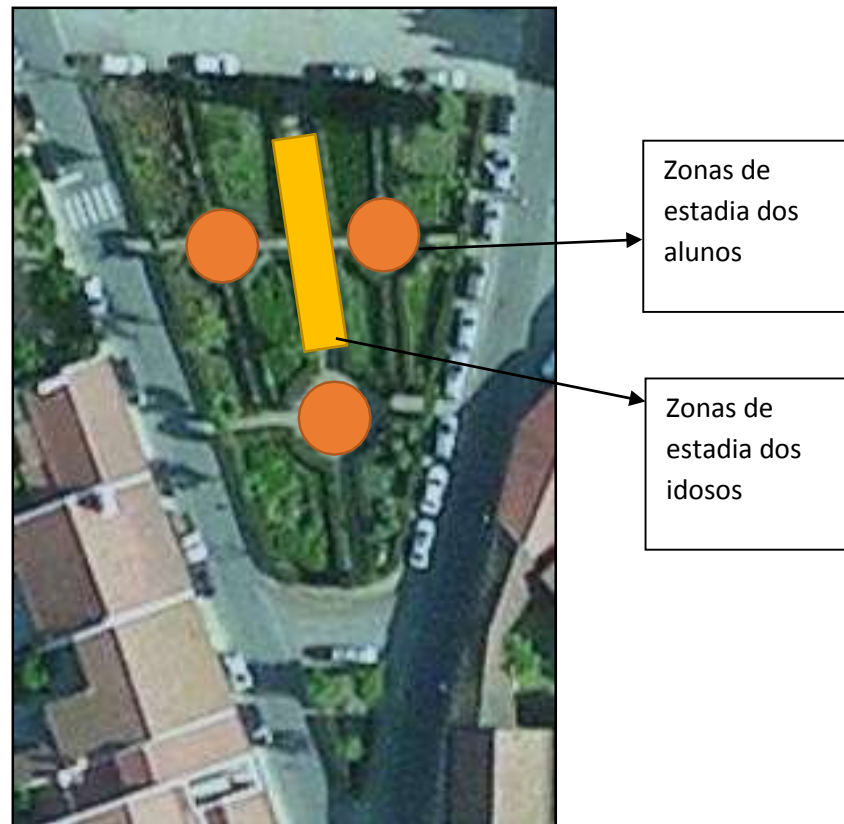


Figura 115 – Esquema de localização dos utilizadores do espaço

Em meados de Maio foi feita outra visita ao espaço e aí confirmou-se o esperado. Com a temperatura um pouco mais elevada e com o final do ano letivo, o espaço encontrava-se sem utilizadores. Nem mesmo os idosos, que frequentavam a esplanada do café junto ao edifício da Câmara Municipal de Alvito, próxima deste espaço.

Como se pode ver em todos os esquemas, a sul do espaço existe um pequeno espaço triangular, isolado, com arbustos à volta, árvores no seu interior e uns bancos e mesas. Mais uma vez, como era de prever ninguém utiliza este espaço pois é como uma ilha no meio da via rodoviária, o que torna o espaço perigoso e sem funcionalidade (Figura 116).



Figura 116 – Espaço a sul



Figura 117 – Mobiliário urbano a sul do espaço

O espaço a Norte é também equipado com mobiliário urbano (bancos) e plantado com vegetação arbórea, arbustiva e herbácea. Todo o espaço é vedado com material vivo, mais precisamente “*Buxus sempervirens*” como se confirma na fotografia abaixo (figura 118).



Figura 118 – Adro



Figura 119 – Elemento central do espaço, Cruz

Como já foi referido, o elemento central é um cruzeiro. A sua localização não foi ao acaso: está voltada para a igreja Matriz em direção à entrada lateral, como demonstra o esquema abaixo, na Figura 120.



Figura 120 – Relação do elemento central e a Igreja Matriz

Em relação aos percursos pode-se dizer que existe apenas um principal (a azul no esquema abaixo, figura 121) que atravessa todo o espaço desde a Igreja Matriz até a Sul do espaço em direção à escola profissional. Existem 4 percursos secundários (a laranja no esquema abaixo, figura 121), 2 deles atravessam o espaço transversalmente e os outros dois atravessam longitudinalmente, segundo as linhas do esquema, mas apenas até ao caminho onde está localizado o cruzeiro.

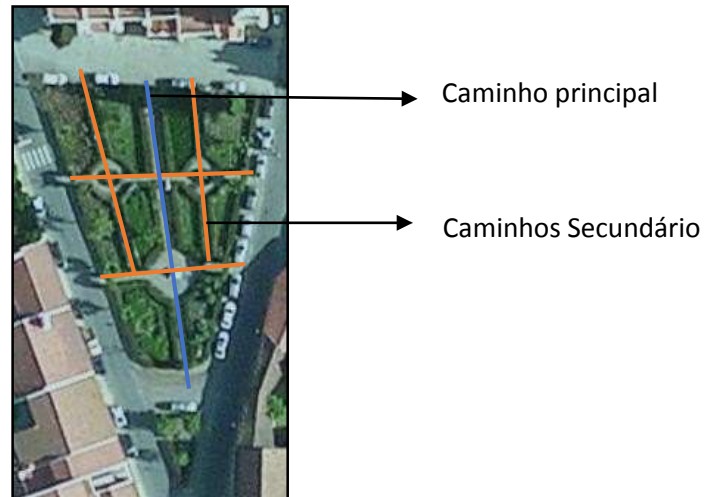


Figura 121 – Esquema de Percursos principais e secundários

A vegetação existente no espaço é o *Buxus sempervirens*, o *Agapanthus africanus*, *Bergenia crassifolia*, *Rosa grandiflora*, *Jacaranda mimosifolia*, *Cupressus sempervirens*. Os canteiros são delimitados pelo buxo e, no seu interior, a preencher toda a área como podemos ver no esquema abaixo (figura 122).

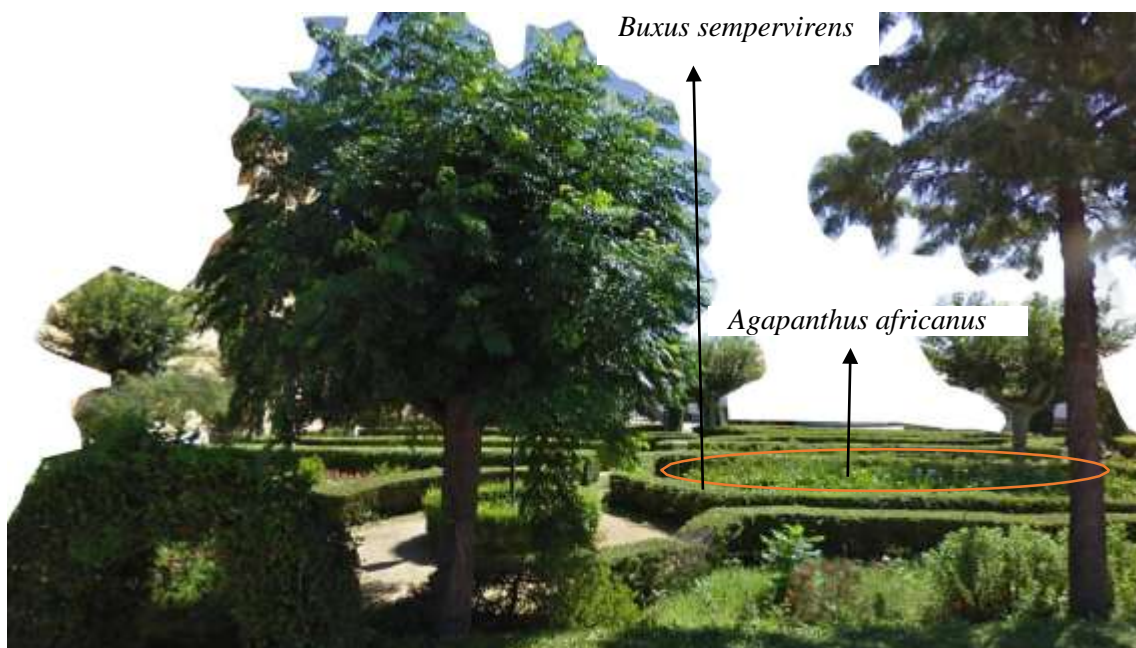


Figura 122 – Esquema da Vegetação

Com base na análise e programa apresentados desenvolvemos quatro propostas de intervenção para o espaço. A proposta final é a que resulta da concordância do Presidente da Câmara, após incluídas as alterações por ele sugeridas.

4.1.2 - Propostas

As Propostas fundamentam-se nos interesses dos utilizadores do espaço, nas pré - existências do espaço e nas exigências do Dono da Obra.

4.1.2.1 - Proposta 1

Começou por traçar-se as linhas no espaço, consoante os percursos mais utilizados pelos residentes. Denotou-se que atravessam o espaço de Norte a Sul e de Este para Oeste e vice-versa, como indica a figura abaixo (figura 123).



Figura 123 – Percursos mais utilizados

Dada a necessidade de serem criados locais de estadia distintos para os utilizadores com diferentes faixas etária criaram-se dois centros de estadia: um mais a Norte junto ao bebedouro existente e outro junto ao cruzeiro, no alinhamento do qual se introduziram bancos para ter mais possibilidades de estadia (figura 124). Ambos os espaços foram pensados tendo em conta a análise feita anteriormente. Verificou-se que os utilizadores do espaço permaneciam junto ao bebedouro e junto ao cruzeiro o que justifica os dois centros de estadia.

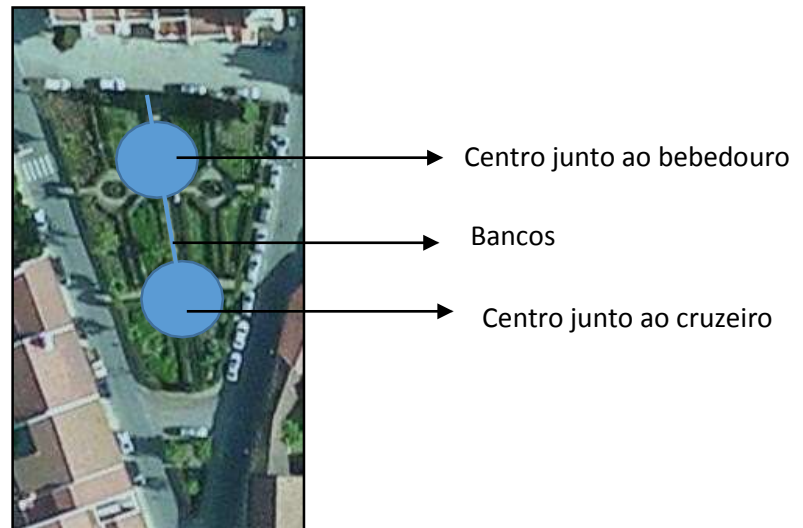


Figura 124 – Criação dos centros da proposta

Uma vez que o espaço é ruidoso, devido à proximidade de uma via nacional com tráfego intenso, propuseram-se pequenas modelações junto das extremidades do espaço, de forma a atenuar o ruído mas também para funcionarem como barreiras de proteção (figura 125).

Foi proposta vegetação arbórea – *Jacaranda mimosifolia* na continuidade do existente e, na vegetação arbustiva, o *Rosmarinus officinalis*, pelo odor que traz ao espaço. O revestimento da superfície será em relvado.

O mobiliário urbano será personalizado: bancos em betão junto dos dois centros de estadia, de forma circular, e bancos retangulares, do mesmo material, no alinhamento do cruzeiro. O saibro será o único tipo de pavimento a ser utilizado nos percursos.

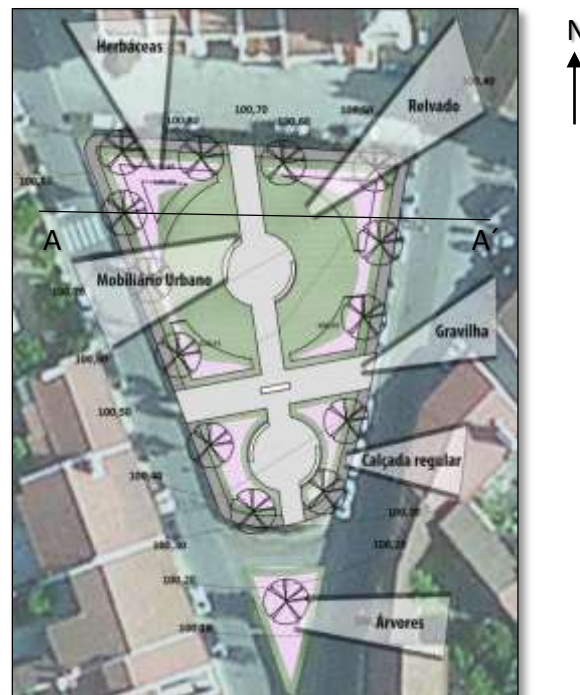


Figura 125 – Plano Geral, proposta 1, sem escala, - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio



Figura 126 – Corte A – A'

A proposta traduzir-se-ia do seguinte modo: um espaço para estar, conversar, brincar, descansar, e também funcionar como cenário de fotografias dos casamentos (figura 126).

4.1.2.2 - Proposta 2

A proposta adota as linhas principais da proposta anterior; a linha vertical do cruzeiro com a Igreja Matriz e a linha horizontal na direção do Cruzeiro. Repetiu-se a linha transversal criando um caminho secundário em grelha de enrelvamento. Criaram-se dois espaços distintos em termos de conforto climático: a Oeste do espaço introduziu-se sombra através da vegetação arbórea, fundamental no Verão, e a Este criou-se um espaço livre de vegetação arbórea, introduzindo apenas arbustos e, pontualmente 3 árvores.

Criou-se uma zona de estadia com mesas e cadeiras, a sudoeste do espaço, para os mais idosos puderem jogar às cartas e conversar. Para os mais jovens deixaram-se os tapetes de relva com e sem sombra, bem como bancos nos percursos principais para poderem estar. A vegetação arbustiva também participou, preenchendo zonas com espécies de diferentes texturas, odores e dimensões.

O tipo de pavimento proposto foi a calçada, uma vez que é uma pré-existência na envolvente, promovendo a continuidade com os arruamentos da vila. O percurso secundário formaliza-se através de uma grelha de enrelvamento.

O mobiliário urbano são bancos, de forma circular junto ao cruzeiro e retangulares, com 2 metros de comprimento, junto ao caminho principal. Ambos são em granito.

Nesta proposta eliminou-se o espaço triangular, isolado a sul do espaço. É evidente que esta opção é uma mais-valia para o espaço (figura 127).



Figura 127 – Plano Geral, proposta 2, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

Porque o espaço continha muitas espécies arbóreas criando quase um efeito de mata, pôs-se a hipótese de retirar parte da vegetação arbórea como podemos ver na figura 128, mantendo-se no entanto, as mesmas funções. A distribuição da vegetação também se alterou nesta proposta 2a); isto é, colocaram-se arbustos a delimitar o espaço de forma dispersa.



Figura 128 – Plano Geral, proposta 2 a), sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

4.1.2.3 - Proposta 3

A proposta surgiu na sequência das críticas feitas pelo Presidente à proposta 1. Apresenta as mesmas linhas estruturantes, mas introduz-se a linha transversal da proposta 2 mantendo-se o espaço a sul, que na proposta anterior tinha sido eliminado. Foi nesta proposta que o presidente da câmara verificou que, esteticamente, o pequeno espaço não faria qualquer sentido e concordou em suprimi-lo.

Mantiveram-se as duas zonas de estadia como se pode observar na figura 129, apesar de se ter reduzido a zona a norte. O pavimento alterou-se para calçada como na proposta 2, dando continuidade ao pavimento dos arruamentos da vila. Introduziram-se os arbustos criando uma barreira de material vivo e, a sul, introduziu-se vegetação herbácea de modo a criar um “degradé” de vegetação desde o revestimento em relva, à vegetação herbácea e à arbustiva. Eliminaram-se as micromodelações da 1ª proposta e deixaram-se livres os tapetes de relva.

Apesar do caminho secundário, a norte, poder compartimentar o espaço não se podia eliminar a passagem de Este para Oeste uma vez que é uma direção preferencial.



Figura 129 – Plano Geral, proposta 3, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

5.1.2.4 - Proposta 4

A proposta 4 baseia-se apenas nas sugestões do Presidente: o grande tapete de relva para que as pessoas se possam apropriar livremente, os arbustos a delimitar as áreas de recreio, os dois alinhamentos de árvores nas extremidades mantendo os passeios existentes, passeios em calçada,

na periferia do espaço, e a “ilha”. Dentro das possibilidades respondeu-se a tudo o que foi pedido nesta proposta. A figura 130 traduz esta proposta que, na nossa opinião, não se justifica pois, por exemplo não seria confortável para os utentes mais idosos da vila, que sentiriam dificuldade em percorrer o relvado por ser inseguro. Com a chuva no inverno e a rega no verão tornar-se-ia escorregadio e perigoso atravessá-lo. Para além de que, certamente, não iriam repousar na relva, pois sentiriam dificuldade em fazê-lo. Pessoas com deficiências motoras sentiriam, do mesmo modo dificuldade em atravessar o espaço. Desta forma, as pessoas portadoras destas dificuldades iriam contornar o espaço pela periferia nunca usufruindo do espaço, como o Presidente pretendia. Outros aspetos negativos desta proposta seriam a pouca sustentabilidade do relvado, o isolamento dos passeios face à sebe arbustiva e a falta de sombra no verão.



Figura 130 – Plano Geral, proposta 4, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

4.1.3 - Proposta Final

Apresentadas as 4 propostas, em reunião com o Presidente conseguimos chegar a um consenso. Segundo o Presidente retirou-se o melhor de cada proposta e corrigiu-se o pior, dando por fim o resultado apresentado na figura 131.

- Eliminou-se a “ilha”, introduzindo novas direções e sinalizações rodoviárias;
- Mantiveram-se as linhas principais mais utilizadas pelos residentes da vila e pelos estudantes;
- Criaram-se dois alinhamentos arbóreos de forma a proporcionarem sombra ao espaço;
- De modo a relacionar com o espaço a Norte, introduziram-se arbustos a delimitar o espaço;
- Introduziram-se herbáceas nos limites a Sul do espaço, obrigando o atravessamento do espaço junto ao cruzeiro;
- Tirou-se partido do bebedouro existente no espaço para que as pessoas se possam refrescar, mantendo-o no mesmo sítio onde se encontrava antes, tornando este espaço central;
- O mobiliário urbano é em betão e em forma circular realçando as centralidades;
- O pavimento é calçada, promovendo a ligação com a envolvente.



Figura 131 – Plano Geral, proposta final, sem escala - Proposta de Requalificação no Adro a sul da Igreja Matriz de Alvito – Estudo Prévio

4.1.4 - Reflexão Crítica

Após a conclusão de todo o processo cabe-nos referir que o espaço deveria ter sido considerado como um todo e não em partes (figura 132).



Figura 132 - Como deveria de ser abordada a proposta

Considerações acerca das apreciações feitas às propostas apresentadas:

- A proposta 1 foi criticada porque a sua estrutura estava fortemente ligada à existente. No entanto, era um dado do programa que tinha de ser considerado;
- As modelações da proposta 1 foram criticadas porque o espaço tinha de ser visualmente limpo; contudo foi exigida a plantação de uma sebe arbustiva, que funciona-se como barreira natural, tal como no Largo da Santíssima Trindade, cujas dimensões eram superiores às da modelação;
- A proposta 2 foi criticada por ter um traçado muito “moderno”. No entanto, se a igreja não estivesse ali localizada esta seria a proposta escolhida;
- A proposta 4 foi sugerida como uma provocação, pois representa todas as ideias do presidente para o espaço, as quais tivemos conhecimento nas reuniões de apresentação da proposta 1 e 2. Propos-se então o grande tapete de relva no espaço, com arbustos em volta, tentando demonstrar todas as vantagens e desvantagens da ideia do Presidente. Tal como já foi referido, as desvantagens superaram os aspectos positivos desta proposta. Alertou-se ainda para o facto de não se dever instalar bancos em cima do relvado pois, pela carga de utilização, iriam criar “peladas” no relvado, onde se criaria lama, quando chovesse, prejudicando funcionalmente e visualmente o espaço.

Críticas ao Largo da Santíssima Trindade:

- Não existem remates no relvado o que irá danificar rapidamente o tapete e causar um aspeto estético desagradável. Na figura 133, podemos observar o aspeto da relva que foi semeada há cerca de 4 meses.



Figura 133 – Canteiro de relva

A variedade de espécies que foi plantada nos canteiros não apresenta um critério, nem lógica, nem sequência tanto ao nível da cor, como da textura ou dimensões. Estão plantadas de um modo casuístico.



Figura 134 – Plantações do Largo

As entradas não estão devidamente sinalizadas nem identificadas. O pavimento não tem um remate que impeça o saibro, solto, de invadir a faixa rodoviária. Também ao nível da segurança, não se mostra eficaz.



Figura 135 – Entrada Principal do Largo

4.2 – Intervenção Paisagística no Campo de Futebol José Joaquim Branquinho “O Professor” – Estudo Prévio

4.2.1 – Análise e Caracterização

O espaço localiza-se a Norte de Alvito, junto ao campo de futebol. O campo encontra-se atualmente vedado com uma rede frágil em arame e tem duas entradas, a principal a sul do campo e a secundária, a oeste do campo.

O nome do campo de futebol foi atribuído pelo Presidente da Câmara de forma a homenagear um treinador de futebol de Alvito - o Professor José Joaquim Branquinho - que é muito reconhecido na vila pela sua dedicação ao clube de futebol de Alvito.

Quando há jogos de futebol os carros entram pela estrada nacional e estacionam no terreno, a oeste, pela proximidade e pelo fácil acesso ao campo. O espaço tem um projeto de estacionamento, mas ainda não foi possível a sua construção por falta de verbas. Encontra-se atualmente em “terra batida”, com um alinhamento de árvores (Mélias) que acompanham a estrada nacional 257 e arbustos (Loendros) no mesmo alinhamento, como se pode verificar na figura 142.



Figura 136 – Localização da proposta



Figura 137 – Estrada do Campo de Futebol



Figura 138 – Alinhamento arbóreo



Figura 139 – Portão existente



Figura 140 – Placar informativo



Figura 141 – Vedação do campo de futebol



Figura 142 – Alinhamento de Loendros/Parque de estacionamento

4.2.2 – Propostas

Inicialmente, foi pedido pelo presidente um simples muro junto ao portão da entrada secundária a oeste, com o nome do campo de futebol. Na apresentação da proposta do muro, foi pedido um muro em alvenaria até meio do campo de futebol, pintado de branco e um portão na entrada secundária a oeste, adjacente à estrada nacional 257. O muro teria como propósito “embelezar” a entrada do campo de futebol e homenagear o Professor José Joaquim Branquinho.



Figura 143 – Vista para o campo de Futebol

4.2.2.1 – Proposta 1

A proposta 1 consiste na construção de um pequeno muro com um letreiro informativo onde se lê “Campo de Futebol José Joaquim Branquinho, o Professor, conforme indicação da Câmara. O material proposto (pedra mármore verde de Viana do Alentejo) foi pensado tendo em conta o contexto “rural” onde se insere. A localização do muro e a placa com o nome é sugerida a norte do portão existente, voltado para a via rodoviária de modo a estar mais próximo e mais visível a quem entra no espaço.



Figura 144 – Ilustração do Muro de pedra

O muro em pedra irregular é característico da região, tem as dimensões de 2 x 1.20 x 0.50 metros - mármore verde de Viana do Alentejo.

Uma vez que a construção do muro tinha como fim homenagear “O Professor ” José Joaquim Branquinho propôs-se a fixação de uma placa em aço inox no muro por forma a evitar o seu enferrujamento. As dimensões da placa seriam de 0.80 x 1 x 0.05 metros. A designação «Campo de Futebol José Joaquim Branquinho “O Professor”» seria inscrita em letras vazias na placa de Aço inox, com o intuito de se poder visualizar o material de construção do muro através da placa.



Figura 145 – Proposta 1

Em termos de processo construtivo deverá ser considerada a seguinte sequência de trabalhos:

- Escavação de caboucos, com meios mecânicos para fundações em solo de areia densa, remoção dos materiais escavados e carregamento em camião.
- Colocação de camada de betão de limpeza C16/20 (X0(P); D12; S3; Cl 1,0), com 10 cm de espessura preparado em obra, e betonagem com meios manuais.

- Colocação de sapata de betão simples, realizada com betão C16/20 (X0(P); D12; S3; Cl 1,0), preparado em obra e betonagem com meios manuais.
- Construção do muro em blocos irregulares de mármore verde de Viana do Alentejo, assente com argamassa de cimento confeccionado em obra, com 250 kg/m³ de cimento, cor cinzento, dosificação 1:6.
- Instalação da placa de Aço inox no muro

4.2.2.2 – Proposta 2

A Proposta 2 baseia-se simplesmente na instalação de um pequeno muro em alvenaria, pintado de branco, com um letreiro em aço inox, que diz «Campo de Futebol José Joaquim Branquinho “O Professor”».

As dimensões do muro são de 2 metros de altura por 4 metros de comprimento de cada lado do portão existente. A localização do letreiro pode variar consoante a vontade do presidente da câmara. Privilegiando-se a parte superior do muro uma vez que é mais legível a quem passa.



Figura 146 – Proposta 2



Figura 147 – Proposta 2

4.2.2.3 – Proposta 3

A proposta 3 consiste num muro de 108 m de comprimento. Junto ao portão, e numa extensão de 4 metros para cada lado, o muro será em pedra de granito. À esquerda do portão este muro terá 3 m de altura e uma placa em aço cortén, que diz «Campo José Joaquim Branquinho “O Professor”». Do lado direito do portão o muro terá 1,5 m de altura ao qual se sobrepõe um gradeamento de 1,5 m em aço inox. O restante muro será em Alvenaria de tijolo pintado de branco. O portão terá 4,5 m de comprimento por 2 de altura e será em aço cortén. O material selecionado foi pensado para minimizar os gastos na manutenção da entrada do campo.



Figura 148 – Proposta 3

4.2.3 – Proposta Final

O Presidente da Câmara aprovou a proposta 3. O muro e o portão em 4 tipos de material, a alvenaria pintada de branco, a alvenaria revestida em pedra de granito, o gradeamento em aço inox e o portão em aço cortén. A placa do letreiro é também em aço cortén.

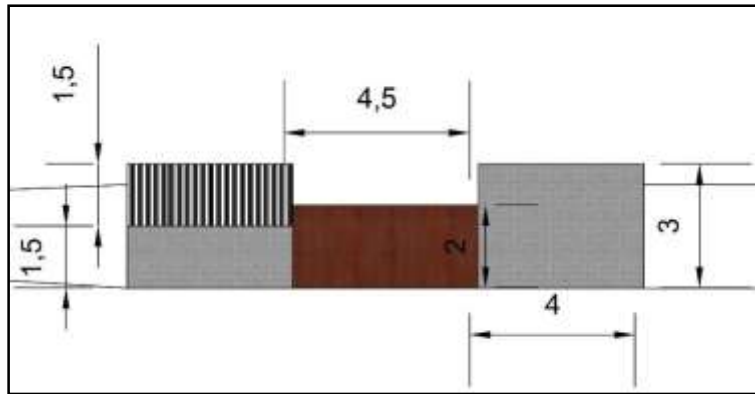


Figura 149 – Alçado Frontal

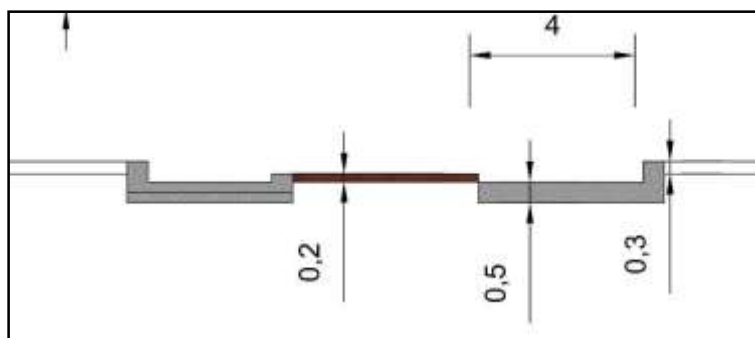


Figura 150 - Planta

4.2.4 – Reflexão Crítica

Como em todas as propostas apresentadas verificou-se uma falha ao nível da comunicação do que se pretendia por parte do Presidente da Câmara quando nos pediu a nossa opinião sobre a obra. Isto é, nunca foi claro o que era pretendido com esta intervenção. Inicialmente, foi pedido um muro com uma placa informativa mas, à medida que as propostas se iam apresentando o Presidente da Câmara criticava-as sem definir, de forma clara, o que era pretendido. A justificação apresentada era que não queria influenciar as propostas. No entanto, torna-se complicado projetar sem objetivos claramente definidos pois torna-se difícil chegar a um consenso (também na Universidade os estudantes trabalham individualmente, no mesmo terreno, com os mesmos objetivos e exigências, apresentadas pelos professores; apesar disso o resultado final é diferente em cada estudante, pelo que aqui deveria ter existido este entendimento).

Consideramos que o estabelecimento de um programa prévio contribuiria, em muito, para o desenvolvimento do projeto.

A proposta 1 apesar de não corresponder ao esperado, respondia ao que inicialmente foi pedido: um muro informativo.

A proposta 2 também não correspondeu às expectativas do Presidente. Foi então que apresentou o programa de um muro em alvenaria que fechasse todo o campo com uma entrada com um portão grande e visível.

A proposta 3 surgiu como resultado de um diálogo com o Presidente. Esta foi aceite e aprovada.

Resumindo, a maior dificuldade desta proposta foi a ausência de um programa por parte da Câmara Municipal. Isto porque o Presidente pretendia algo cuja imagem também não era clara. Assim quando as propostas não correspondiam a esta imagem, e que desconhecíamos, eram recusadas.

4.3 - Intervenção Paisagística no espaço aberto que acolhe o nicho de Nossa Senhora de Fátima localizado à entrada de Alvito – Estudo Prévio

4.3.1 – Análise e Caracterização

O espaço localiza-se a Norte de Alvito, a Oeste do Campo de Futebol José Joaquim Branquinho e adjacente à Estrada Nacional nº 257.



Figura 151 – Localização do nicho



Figura 152 – Nicho antes da intervenção

Este espaço sofreu recentemente uma intervenção. Os passeios e a estrada nacional que atravessa Alvito em direção a Beja foram intervencionados pela Câmara Municipal de Alvito. Como mostra a figura 152, a entrada principal de Alvito necessitava realmente de uma intervenção de requalificação.



Figura 153 – Estrada Nacional antes de ser intervencionada

Em Dezembro, quando chegámos à Câmara a obra já estava quase a ser terminada. A vegetação que iria ser plantada no local já estava pensada e requisitada às empresas. Mais uma vez toda a obra teve a supervisão do Presidente da Câmara Municipal com o apoio do Engenheiro Civil. O espaço onde estava implantado o Nicho de Nossa Senhora de Fátima não tinha ainda proposta, tendo-nos sido solicitada a sugestão de espécies de herbáceas anuais bem como a sua distribuição no canteiro. Com a nova intervenção, feita pela Câmara, o nicho passou a estar localizado num canteiro com relvado e herbáceas sendo o nicho o elemento central.

A relva apresenta uns recortes em forma de coração que se justificam pela inspiração no símbolo de Alvito. Em Portugal todos reconhecem Alvito como sendo a vila mais central do país, por isso a câmara reconheceu a localização da vila no mapa como sendo o coração de Portugal e atribuiu um coração ao logotipo da câmara. Desta forma o Presidente da Câmara justificou a existência de corações na relva na entrada de Alvito.



Figura 154 – Estrada Nacional requalificada

Num contexto histórico o elemento construído existente é denominado, pela população, de Nicho, que sempre lhe ouviu chamar assim. Em 1982, quando o Papa João Paulo II veio a Portugal todas as localidades, (vilas, aldeias e cidades) colocaram na sua entrada uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. O mesmo ocorreu em Alvito. Esta é a história que conta da sua origem. Na altura o atual presidente de câmara escolheu para altar da imagem a pedra mármore verde proveniente da pedreira de Viana.

4.3.2 – Propostas

Para o desenvolvimento desta proposta foi logo esclarecido, pelo Presidente da Câmara, que o canteiro tinha de ser todo em relva, com uns corações recortados onde seriam instaladas espécies anuais. Para esta proposta surgiram 2 ideias que foram propostas ao Presidente. A primeira foi pensada tendo como objetivo a minimização de gastos de manutenção. A segunda foi pensada de acordo com as ideias sugeridas pelo Presidente mas sempre com o objetivo de minimizar os gastos na manutenção.

4.3.2.1 – Proposta 1

A proposta 1 consiste um canteiro revestido em prado florido e a instalação de uns corações em material inerte (ferro), que seriam construídos por um artesão local. Toda esta proposta visava minimizar os gastos em manutenção.

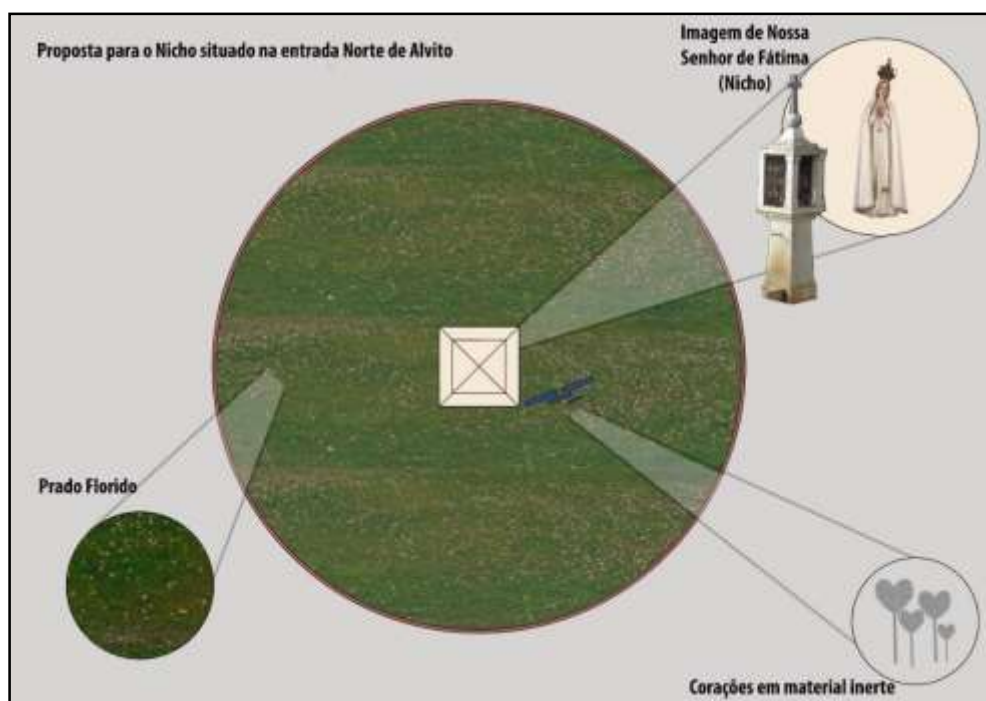


Figura 155 – Plano Geral, proposta 1

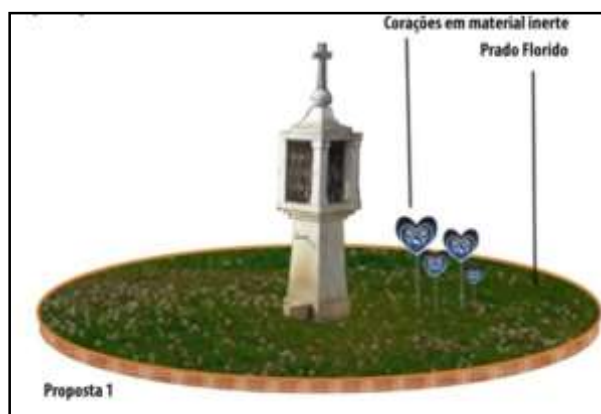


Figura 156 – Ilustração da Proposta 1

4.3.2.2 – Proposta 2

A proposta 2 baseou-se na sugestão do Presidente, mas com uma diferença: os corações, em vez de serem recortados na relva eram desenhados através da plantação de uma espécie herbácea no relvado, como ilustra a figura 157. A ideia do Presidente da Câmara era manter o canteiro verde a maior parte do ano.

O desenho dos corações também teve a sua intervenção como podemos verificar na figura 158, o início dos corações coincide com os bicos do altar de mármore.

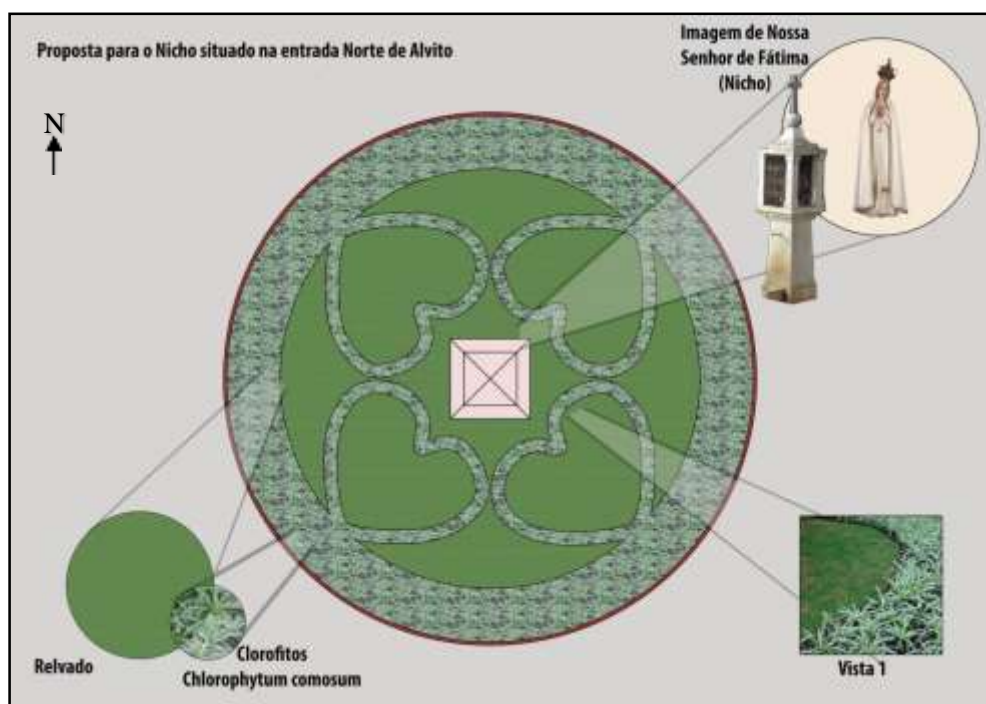


Figura 157 – Plano Geral, proposta 2, sem escala

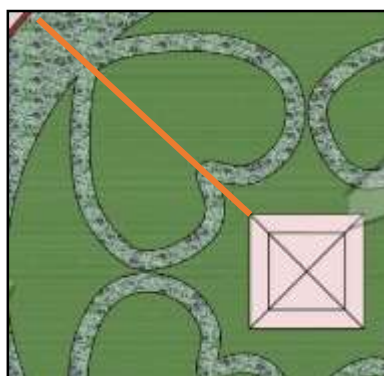


Figura 158 – Implantação dos corações

4.3.3 – Proposta Final

As propostas apresentadas não foram aceites. O presidente apresentou então a sua proposta, tendo sido esta a final: a totalidade do canteiro plantado com relvado e os corações com *Felicia amelloides*, uma herbácea sub-lenhosa. O canteiro foi devidamente cotado e desenhado em Autocad, e enviado para o carpinteiro da Câmara municipal que por sua vez procedeu à construção dos moldes (figura 159 e 160).

Como as propostas apresentadas não foram aceites, o nosso trabalho foi o de desenhador. Assim, com as críticas feitas pelo presidente, bem como com as sugestões dadas, foi feita uma nova proposta correspondente à proposta do Presidente, que foi aprovada na última reunião. Apenas a dimensão do coração foi aproveitada.

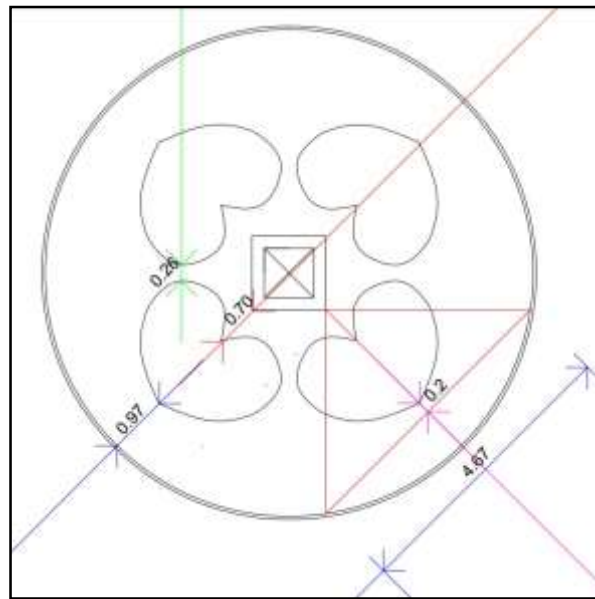


Figura 159 – Proposta final aprovada em reunião

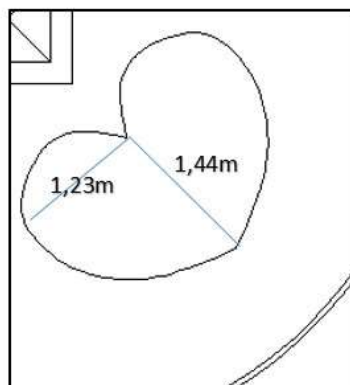


Figura 160 – Pormenor construtivo, Dimensões do coração



Figura 161 – Corações recortados no relvado



Figura 162 – Nicho



Figura 163 – Resultado final

4.3.4 – Reflexão Crítica

Esta proposta teve, desde o início, uma intenção do Presidente. Apesar de ter sido solicitada a nossa opinião (sugerimos 2 propostas diferentes) foi a proposta do Presidente que prevaleceu. O que acontece é que as propostas apresentadas por nós teriam em consideração a manutenção do espaço, enquanto as do Presidente não o fazem, sendo apenas baseadas no gosto próprio.

Quando se entregaram os desenhos ao encarregado da obra, foi dito como seria a implantação dos corações no relvado. O encarregado sugeriu que, antes da plantação da relva fossem projetados os corações e só depois fosse plantada a relva em volta dos mesmos. Considerámos, contudo, que a relva ficaria danificada para além de dar muito mais trabalho aos jardineiros. O correto seria instalar a relva, regar bem e só quando viessem as espécies escolhidas pelo Presidente se cortariam os corações na relva. Caso se implantassem primeiro os corações e, com o tempo que as plantas levariam a chegar, já os corações se encontravam com infestantes. Este é um dos problemas que os jardineiros vão encontrar na manutenção deste espaço.

No entanto, quando a obra foi terminada, a disposição dos corações, aprovada em reunião, tinha sido alterada por parte do Presidente durante a própria obra. Resumindo, o único pormenor que permaneceu, proposto pela técnica, foi a dimensão dos corações. Mais uma vez se justifica o facto de a Câmara não ter um Arquiteto Paisagista a trabalhar para Alvito, o Presidente faz o seu trabalho.

4.4 - Proposta de intervenção no espaço aberto situado num gaveto que cruza a Rua Professor Egas Moniz e a Rua Dr. Ernesto Góis – Estudo Prévio

4.4.1 – Análise e Caracterização

O local de intervenção localiza-se na freguesia de Vila Nova da Baronia. É, mais precisamente um terreno localizado num gaveto a Norte e a Nascente, numa zona consolidada do perímetro urbano, no cruzamento das ruas Professor Egas Moniz, a Este do espaço, e a Rua Dr. Ernesto Góis, a Norte.



Figura 164 – Localização do espaço

O terreno é de natureza urbana e sem qualquer utilização agrícola. É um terreno de forma retangular, com uma pendente de Oeste para Este e possui uma estrutura de solos arenosos e siltosos. Sendo ele de natureza urbana tem infraestruturas: eletricidade, telefones, rede de água potável e arruamento pavimentado em pedra irregular. Carece, no entanto, de uma rede de esgotos. A área total do terreno é de 532.60 m².

Destaca-se, como elemento construído a considerar, a presença de um poço; relativamente à vegetação presente existem somente dois elementos arbóreos (*Melia azedarach*) e infestantes.



Figura 165 – Presença do Poço

Na rua Dr. Ernesto Góis, a norte do espaço, existe uma padaria que confere movimento ao espaço, no período da manhã. A restante envolvente é constituída por habitações.

O espaço é calmo verificando-se, de manhã, um pouco mais ruído devido à existência da padaria. Em termos das relações visuais consegue ver-se a Igreja Matriz da Vila Nova da Baronia, a partir da zona a este do espaço.

Com o objetivo de interpretar a relação do espaço com a envolvente realizou-se um levantamento do edificado comercial, habitacional e das vias principais. Na envolvente do espaço encontram-se maioritariamente residências e, a oeste do espaço, encontra-se um único espaço comercial, como já foi referido.



Figura 166 – Muro em alvenaria



Figura 167 – Carros estacionados no espaço

O terreno não tem uma tipologia de espaço definida. No entanto, os moradores da envolvente apropriam-se dele para estacionar os carros. Por causa da padaria, as pessoas atravessam o espaço na diagonal (figura 168).

Analisaram-se então os trajetos mais comuns e consideraram-se os mais importantes para a proposta, tendo em consideração as várias possibilidades de acesso direto ao estabelecimento comercial.



Figura 168 – Esquema de usos do espaço/circulação

A pedido do Presidente da Câmara Municipal, deveríamos ser criativas tendo em conta os usos e funções atribuídos ao espaço. A única exigência era que as espécies de vegetação escolhidas, bem como o material inerte, fossem de menor manutenção e custo possível.

4.4.2 – Propostas

As propostas que se seguem surgiram após a análise feita ao espaço e à sua envolvente. Por isso consideraram-se as características físicas do espaço assim como os moradores dos arredores que são os maiores utilizadores do mesmo. Com base nisto criou-se um sistema de mobilidade pedonal que possibilitasse o atravessamento do espaço e enquadrou-se o mesmo na envolvente.

Propôs-se um modelo de organização espacial que possibilitasse a coexistência de espaços permeáveis e espaços impermeáveis, com ambiências diferentes. Introduziram-se, ainda, várias funções no espaço, nomeadamente zonas de estadia e zonas para brincar e jogar.

4.4.2.1 – Proposta 1

A primeira proposta visa manter a função inicial que os moradores atribuíram a este espaço: estacionamento e passagem pedonal. O desenho de projeto manteve a ortogonalidade da envolvente.

Optou-se por se criar dois espaços com diferentes funções: Como um dos limites do espaço é feito por um muro sugeriu-se a plantação de arbustos neste limite, de modo a desmaterializar a rigidez do muro inerte. Para se tirar partido da existência do poço criou-se uma zona de estadia com mesas e cadeiras para que os moradores pudessem usufruir do espaço e da sombra existente. Depois, e de acordo com as marcas no terreno, criou-se um percurso pavimentado para que as pessoas pudessem atravessar o espaço de forma confortável, e fazerem o seu trajeto Casa – Padaria. Surgiu a ideia de se criar um “degradé” de alturas com a vegetação nos canteiros (relva, herbáceas e arbustos), de forma a criar movimento no espaço. Por fim criaram-se 7 lugares de estacionamento, com um alinhamento de árvores para lhes proporcionar sombra (Figura 169).

A Proposta 1 foi pensada somente nas necessidades dos moradores e utilizadores.



Figura 169 – Plano geral, proposta 1, sem escala

4.4.2.2 – Proposta 2

A proposta 2 compreende as mesmas linhas projetuais da proposta anterior. A única diferença é ter-se eliminado o estacionamento, substituindo-o por canteiros, tal como acontece Oeste do espaço, sempre com o mesmo compasso e sequência de vegetação: relva, herbáceas e arbustos, criando um “degradé” visual ao nível das alturas. No entanto, considerámos que o espaço ficava demasiado compartimentado.



Figura 170 – Plano Geral, proposta 2, sem escala

4.4.2.3 – Proposta 3

A proposta 3 apresenta uma outra sugestão. Introduziu-se uma linha transversal, tradutora do percurso feito pelos moradores. Mais uma vez considerámos que o espaço ficava muito compartimentado. Substituíram-se alguns canteiros, a sul, por uma maior área de relvado para que os mais jovens pudessem utilizar este espaço.

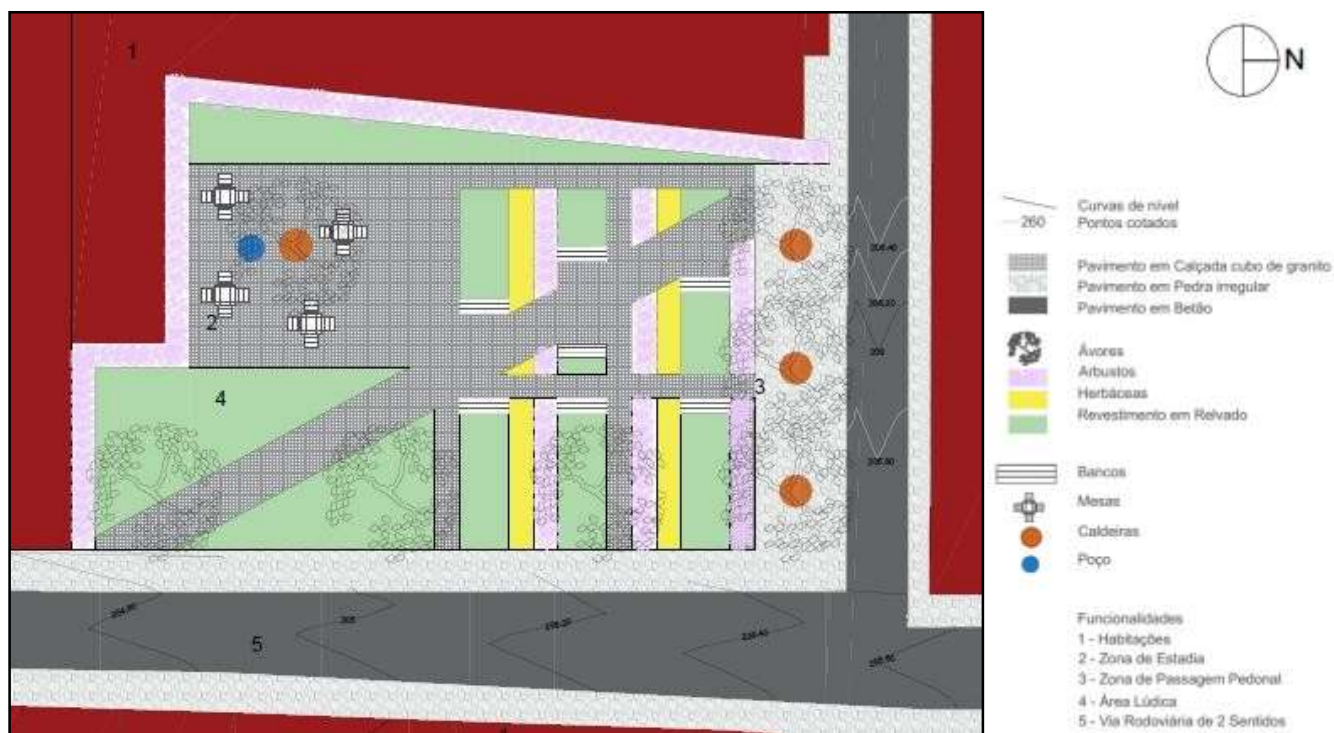


Figura 171 – Plano Geral, Proposta 3, sem escala

4.4.2.4 – Proposta 4

A proposta 4 é o somatório das propostas anteriores. Tentou-se, mais uma vez, criar zonas de estadia e de atravessamento e eliminou-se, em seguida, a possibilidade de haver estacionamento, uma vez que o espaço é privado não sendo essa função prioritária.

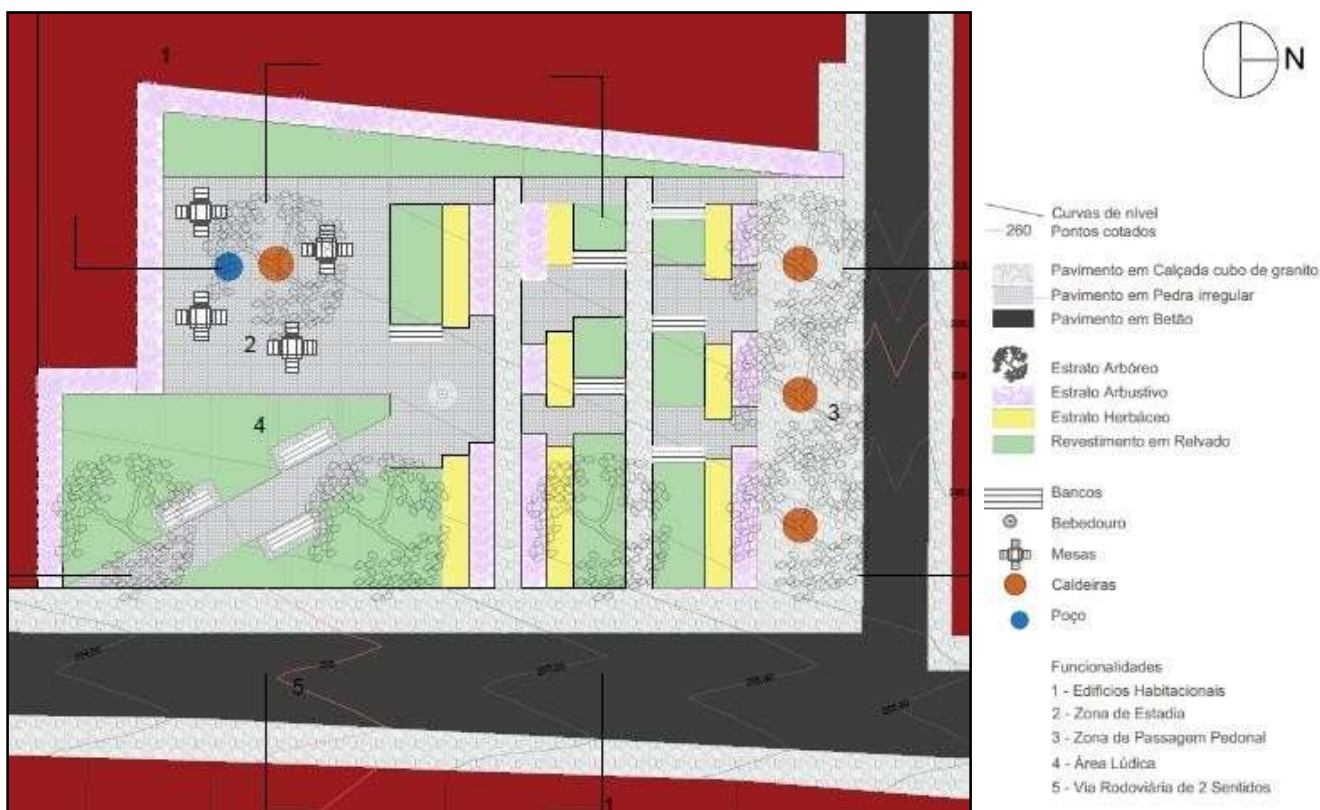


Figura 172 – Plano Geral, Proposta 4, sem escala

Esta proposta tem como objetivo principal reproduzir a ortogonalidade do contexto urbano onde se insere a área de intervenção. São criadas linhas horizontais, verticais e uma linha diagonal, sendo a partir dessas linhas que o espaço se organiza e compõe. Com o auxílio da vegetação criaram-se contrastes de cheios e vazios de modo a dinamizar o espaço.

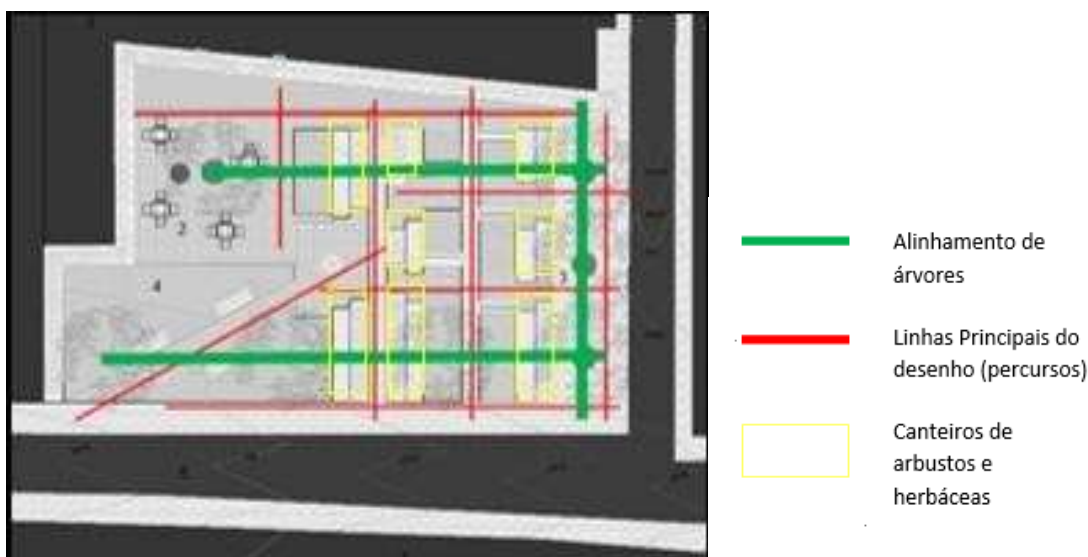


Figura 173 - Esquema das linhas base do projeto, sem escala

A disposição do estrato arbóreo encontra-se igualmente enquadrada e disposta numa retícula, de modo a proporcionar sombra aos caminhos. Optou-se por escolher a mélia como estrato arbóreo pela existência de duas mélias em bom estado fitossanitário, das quais tirou partido, e mantendo-as no espaço.

Relativamente aos canteiros de vegetação, de estrato arbustivo e de estrato herbáceo, organizam-se de forma paralela aos percursos secundários, que são em calçada irregular. A escolha das espécies a utilizar teve como base o nome das ruas que se cruzam a Norte e a Este do espaço, Dr. Ernesto Gois e o Professor Egas Moniz¹, ambos médicos de profissão. Daí surgiu a ideia de introduzir espécies medicinais e aromáticas no espaço.

Para criar ritmo surgiu a ideia de conjugar o nome da rua a Este - Rua Professor Egas Moniz - e o jogo quebra-cabeças atribuindo diferentes dimensões ao comprimento dos canteiros de forma a encaixarem visualmente uns nos outros, pelo facto do jogo em questão fazer com que as pessoas exercitem o seu cérebro. Para além de criar ritmo suscita também proximidade e afastamento das espécies vegetais, quando a pessoa percorre os caminhos secundários longitudinais (Figura 174).

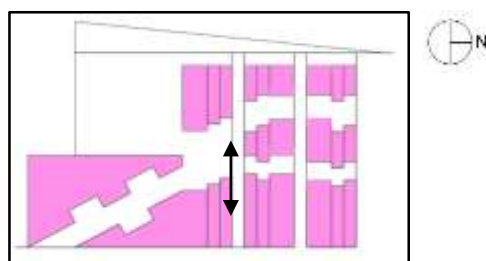


Figura 174 - Representação esquemática do jogo Quebra-cabeças

⁽¹⁾ Nasceu em Avanca em 29 de Novembro de 1874 e faleceu em Lisboa a 13 de Dezembro de 1955. Foi um médico, neurologista, investigador, professor, político e escritor português

Estes dois estratos, em conjunto com o revestimento em relvado, formam uma sequência de alturas, ora de forma crescente ora de forma decrescente, como podemos verificar no esquema abaixo (Figura 175). Quando a vegetação se apresenta de forma decrescente (arbustos-herbáceas-relvado) relativamente ao utilizador este sente-se protegido (fase I), ao contrário (relvado-herbáceas-arbustos) sente-se mais exposto e liberto (fase II).

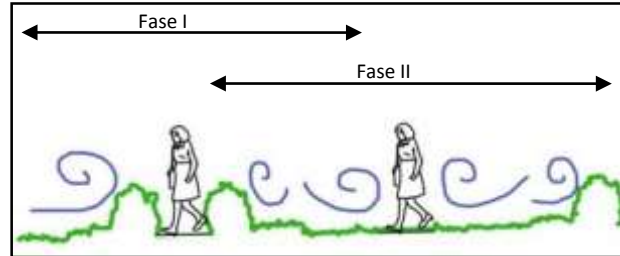


Figura 175 - Esquema do estrato arbustivo, herbáceo e revestimento

Foram definidas áreas com diversas funções. Assim, criou-se uma zona de estadia com mesas e cadeiras, na extremidade a oeste do espaço, para que as pessoas pudessem descansar, conversar jogar às cartas e ler o jornal, entre outras atividades.

A existência de um relvado, em canteiros de forma triangular e retangular, teve como fim a sua utilização de forma lúdica, ou seja, as pessoas podem desfrutar da sua existência utilizando os canteiros.

Os restantes canteiros são de forma retangular, paralelos aos percursos e serão plantados com arbustos e herbáceas de espécies medicinais e aromáticas. O objetivo das áreas plantadas seria o usufruto das mesmas, pelos moradores, colhendo para uso próprio e cuidando delas.

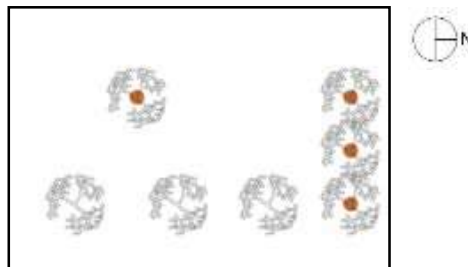


Figura 176 - Esquema da localização das árvores



Figura 177 – Esquema da localização dos arbustos

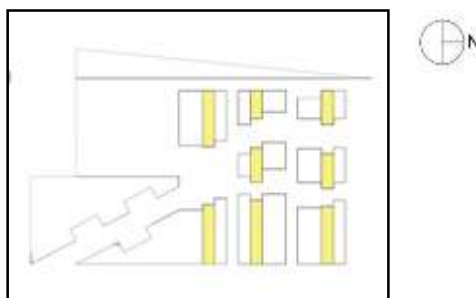


Figura 178 - Esquema da localização das herbáceas

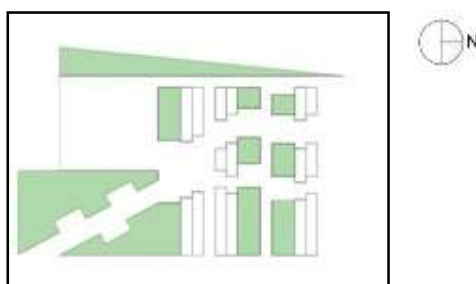









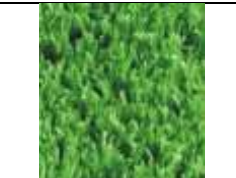


Figura 179 - Esquema da localização do relvado

Tabela 3 – Espécies sugeridas

	Nome comum	Nome Científico	
Estrato Arbóreo	Mélias	<i>Melia azedarach</i>	
Estrato Arbustivo	Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	
	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	
	Erva do caril	<i>Helychrisum italicum</i>	
	Tomilho	<i>Thymus vulgaris</i>	
Estrato Herbáceo	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	

	Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>	
	Camomila	<i>Matricaria recutita</i>	
	Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	
Revestimento	Relvado	70% de Festuca arundinácea 20% de Lolium perenne 10% - Poa pratensis	

A proposta de pavimento advém da existência do ligeiro declive do espaço e da existência do passeio informal. A proposta seria reabilitar o passeio com pedra irregular de granito e, trazendo ainda o mesmo material nos dois percursos Este e Oeste para o interior do espaço de forma a criar uma ligação de coerência entre a envolvente e o espaço. Propõe-se ainda, em pedra de granito, um troço em forma circular na zona central do espaço de forma a enfatizar o bebedouro que para ali se propõe; a forma circular é inspirada no poço.

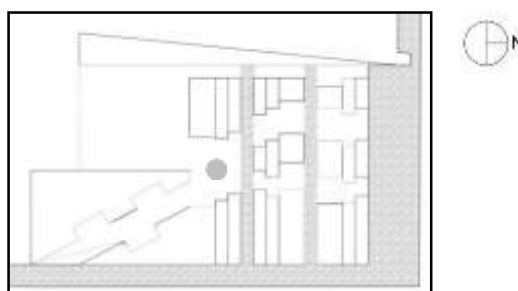


Figura 180 - Esquema da localização do pavimento – pedra irregular de granito

O tipo de pavimento que se propõe no restante espaço é a calçada regular de granito azul Évora (0,05x0,05x0,05m), como exemplifica a figura 181.

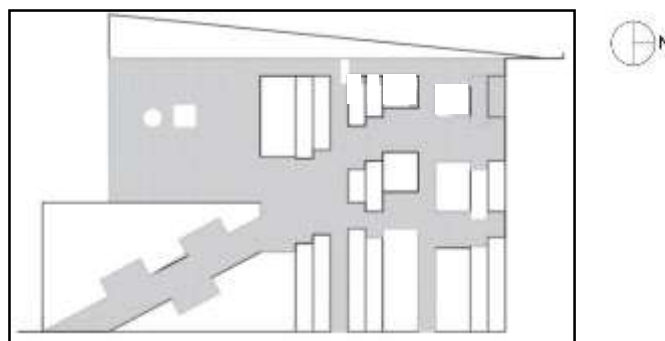


Figura 181 - Esquema da localização do pavimento – calçada de granito azul Évora

O mobiliário urbano escolhido têm forma regular e ortogonal tal como a estrutura do projeto. Os bancos serão com encosto, com um desenho retilíneo e simples, que se adequa à linguagem adotada no projeto. As suas dimensões são de 2 m de comprimento. Nas mesas utiliza-se o mesmo desenho simples e retilíneo de dimensões de 1x1x0,71m e as cadeiras são com encosto. As papeleiras são de forma circular opondo-se à linguagem retilínea do restante mobiliário têm 1,16m de altura e 0,56m de diâmetro de boca.

O material proposto para o mobiliário seria a madeira exótica pois resiste às fortes amplitudes térmicas do local. Quanto ao suporte dos equipamentos seria em aço. O bebedouro está localizado numa zona mais central. Para a instalação do bebedouro será feita a sua adução à rede pública de água. A forma das caldeiras das árvores é também circular.

O material proposto para as caldeiras e bebedouro é o aço, por ser um material resistente e esteticamente agradável. (Na figura 182 podemos ver a localização dos equipamentos.)

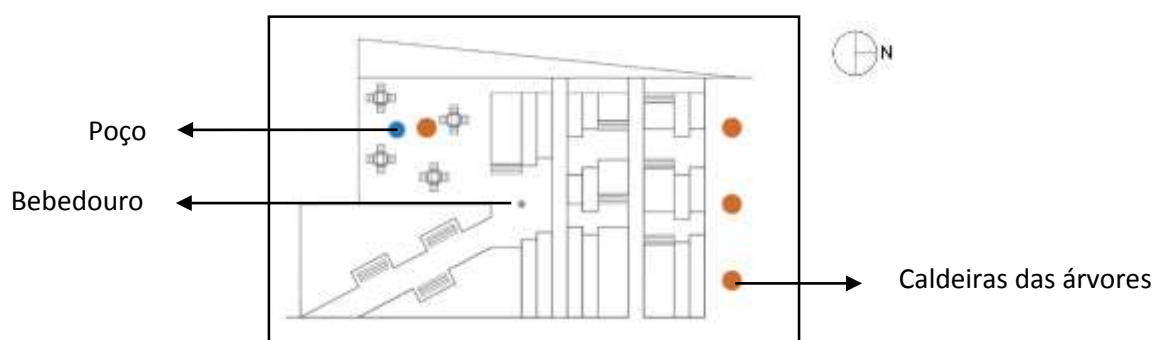







Figura 182 - Esquema da localização do mobiliário urbano

Tabela 4 – Mobiliário urbano sugerido

Mobiliário Urbano	Tipo ou equivalente
Bancos	
Mesas e cadeiras	
Bebedouro	
Caldeiras das árvores	
Papeleiras	

Vistas:



Figura 183 – vista 1, proposta 4



Figura 184 – vista 2, proposta 4



Figura 185 – vista 3, proposta 4



Figura 186 – vista 4, proposta 4

4.4.3 – Proposta Final

A proposta final conjuga a proposta 4 com a proposta 1, isto é a proposta 4 com a inclusão do estacionamento. Apesar de a Câmara ser a promotora da obra, o terreno foi concedido pelos dirigentes da casa do povo. Inicialmente o terreno estava destinado à construção de uma escola mas por falta de verbas e alunos, não foi construída. Então os proprietários do terreno pediram auxílio à Câmara Municipal de Alvito pois o espaço encontrava-se abandonado e em degradação. Foi apenas nesta altura (na proposta final) que tivemos conhecimento deste facto. Foi-nos então solicitada uma proposta para este espaço. O objetivo seria a Câmara construir o espaço e mantê-lo. Na figura 187, temos o resultado final das propostas apresentadas e adaptadas, consoante as críticas feitas pelo Presidente de Câmara e pelos proprietários do terreno.

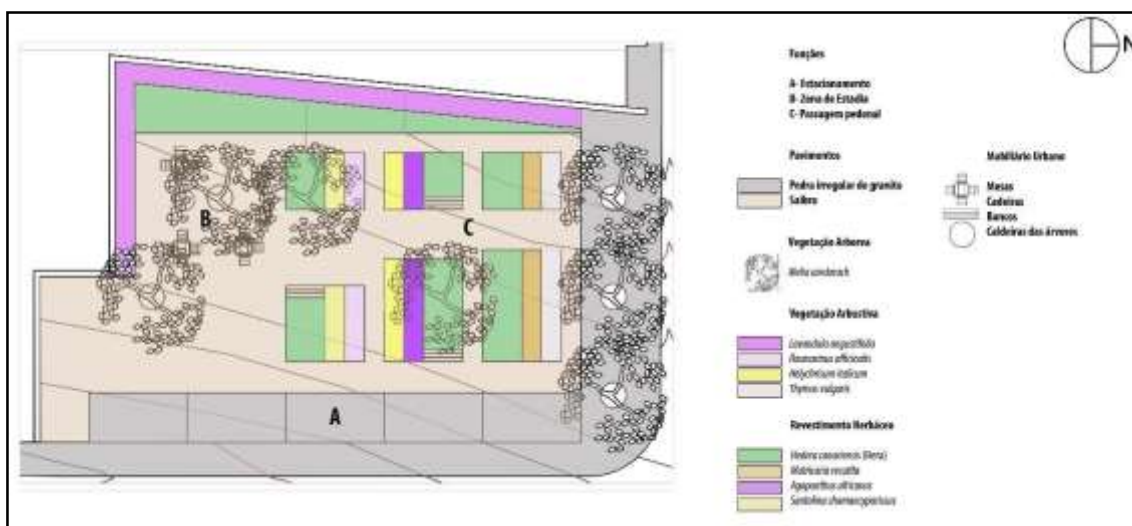


Figura 187 – Plano Geral, proposta final, sem escala

4.4.4 – Reflexão Crítica

Esta foi a proposta de mais difícil concepção e onde se sentiu mais dificuldade em explicar as intenções que se tinham para o espaço.

Inicialmente foi solicitada apenas criatividade. Ao longo das reuniões começaram a ser postas condições, nomeadamente a eliminação do estacionamento do espaço.

Mais uma vez teria sido mais fácil a existência de um programa inicial, claro e objetivo.

4.5 - Proposta de Requalificação no Jardim da Casa do Povo de Vila Nova da Baronia – Plano de Plantação

4.5.1 – Análise e Caracterização

O jardim localiza-se a Este de Vila Nova da Baronia e pertence à casa do povo da vila. No entanto, é a Câmara Municipal de Alvito quem faz a manutenção deste espaço.

O espaço, a sul do edifício inclui equipamento infantil, um campo de futebol e áreas de estadia. Atualmente, o espaço carece de vegetação; a que existe está em mau estado fitossanitário pois os canteiros têm areia fina. Os grandes poros entre os grãos de areia facilitam com relatividade a circulação de água e ar. A areia foi o modo de controlar as infestantes, acabando por prejudicar as espécies plantadas. O espaço raramente é utilizado pelos mais jovens. Uma vez por outra surgem jovens para jogar futebol, ou pais e avós com os mais pequenos para brincar. O equipamento infantil encontra-se degradado pela exposição ao clima.

O espaço a Norte do edifício foi requalificado em Junho de 2001, pela Câmara Municipal de Alvito. Este espaço é muito utilizado pelos utentes do Lar de 3º idade e pelos moradores da envolvente. Aqui, os mais idosos conversam, jogam às cartas, ao dominó e à malha. O espaço é bastante ensombrado e tem canteiros com muita variedade de espécies arbustivas e herbáceas nos canteiros.



Figura 188 – Localização do jardim da casa do povo



Figura 189 – Zona de estadia



Figura 190 – Localização dos wc's



Figura 200 – Bancada do Campo



Figura 201 – Bebedouro em inox



Figura 202 – Equipamento infantil



Figura 203 – Percurso do Jardim



Figura 204 – Campo de Futebol



Figura 205 – Estado dos canteiros



Figura 206 – Zona de estadia com mesas e bancos



Figura 207 – Estrutura de ensombramento

4.5.2 – Proposta

A proposta visa promover a qualidade visual do jardim da casa do povo. Foi-nos pedido um plano de plantação de pouca manutenção, mas com espécies que chamassem à atenção dos utilizadores do espaço, tanto pela cor, como pela textura, odor e volume. Foi também solicitada a implantação de equipamento geriátrico no jardim.

Surgiu então a ideia de se utilizarem espécies que potenciasses e dinamizasses todo o jardim. Com base no nosso conhecimento das espécies e da sua paleta das cores sugeriram-se as seguintes espécies:

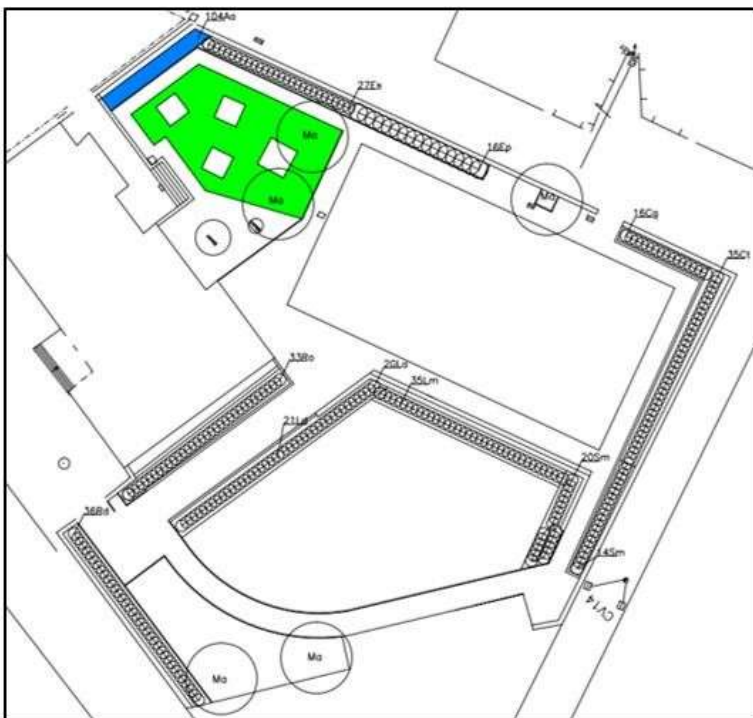


Tabela 5 – Espécies sugeridas

Vegetação Arbustiva			
	Nome Científico	Nome comum	Quantidade
Ct	<i>Cordyline terminalis</i>	Dracena vermelha	35
Cg	<i>Coronilla glauca</i>	Coronilla	16
Es	<i>Euphorbia schillingii</i>	Euforbia	27
Ep	<i>Euryops pectinatus</i>	Margarita amarela	16
Lm	<i>Lantana montevidensis</i>	Lantana	35
La	<i>Lavandula angustifolia</i>	Alfazema	20
Ld	<i>Lavandula dentata</i>	Alfazema	21
Rd	<i>Rhaphiolepis delacourii</i>	Rapiolepis	36
Ro	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	33
Sm	<i>Salvia mycrofila</i>	Rapazinhos	42

Vegetação Herbácea			
	Nome Científico	Nome comum	Quantidade
Aa	<i>Agapathus africanus</i>	Agapanto	104

Figura 208 – Plano de Plantação, sem escala

Equipamento geriátrico

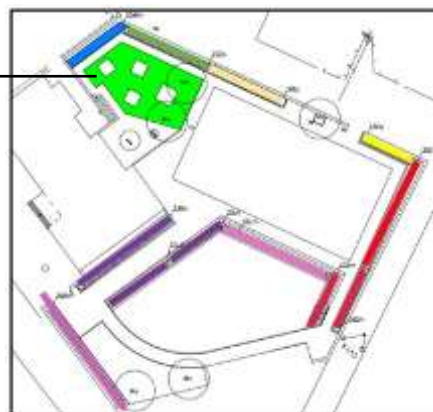


Figura 209 - Esquema das cores da vegetação

Para a implantação do equipamento geriátrico sugeriu-se a entrada, a Norte do espaço, por estar mais próximo do Lar de 3º idade e do local onde os mais idosos se encontram diariamente. Para tornar o espaço mais confortável e fresco sugeriu-se que se instalasse relva na área do futuro equipamento geriátrico – Anexo 11.

4.5.3 – Proposta Final

A Proposta foi aceite pelo Presidente da Câmara. Apenas foi questionado o revestimento em relvado proposto para a área onde o equipamento geriátrico se irá situar. Assim, a ideia do relvado foi eliminada pelo facto de ter muitos gastos em manutenção.

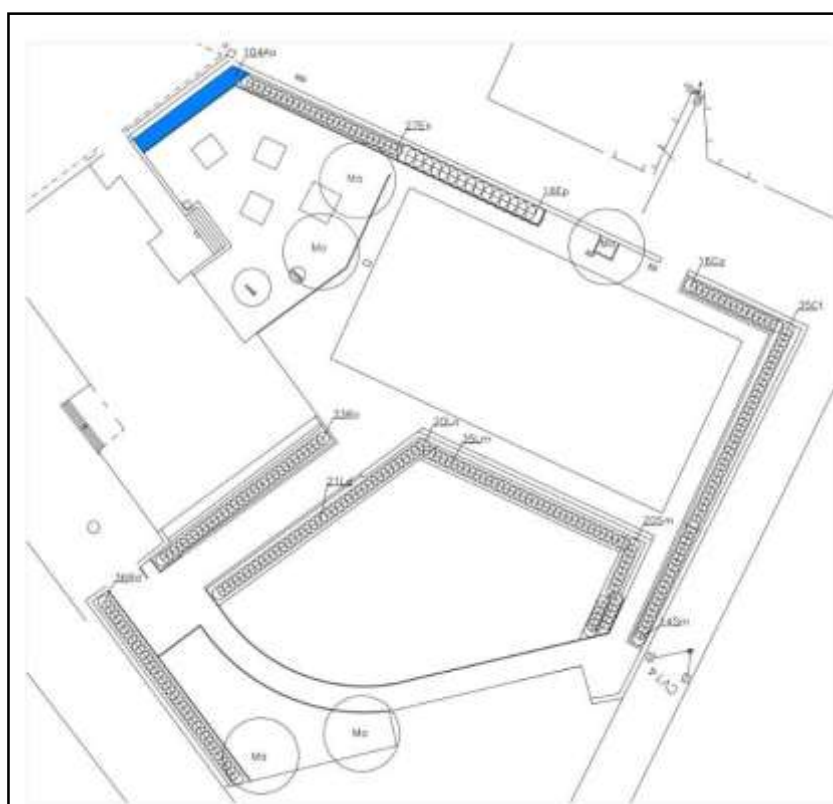


Figura 210 – Plano de Plantação Final, sem escala

Tabela 6 – Vegetação final aprovada

Vegetação Arborea			
	Nome Científico	Nome comum	Quantidade
Ma	<i>Melaleuca azedarach</i>	Melaleuca	5

Vegetação Arbustiva			
	Nome Científico	Nome comum	Quantidade
Ct	<i>Carolyine terminalis</i>	Gracema vermelha	35
Cg	<i>Coronilla glauca</i>	Coronilla	16
Es	<i>Euphorbia schillingii</i>	Euphorbia	27
Eg	<i>Euryops pectinatus</i>	Margarita amarela	36
Lm	<i>Lantana montevidensis</i>	Lantana	35
La	<i>Lavandula angustifolia</i>	Alfazema	20
Ld	<i>Lavandula dentata</i>	Alfazema	21
Rd	<i>Rhopalaegia delicatula</i>	Rapalepis	36
Ro	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	33
Sm	<i>Salvia myrsinifolia</i>	Rapazinhos	42

Vegetação Herbácea			
	Nome Científico	Nome comum	Quantidade
Ag	<i>Agapanthus africanus</i>	Agapanto	104

4.5.4 – Reflexão Crítica

Nesta proposta não ocorreu grande dificuldade. O Presidente concordou com as espécies propostas e com a localização do equipamento geriátrico. Espera-se, então, que as espécies arbustivas e herbáceas que foram propostas sejam devidamente mantidas pois, apesar de serem espécies que requerem pouca manutenção, necessitam de água e de corte. O relvado proposto na primeira proposta foi substituído por pavimento em gravilha.

À medida que se iam apresentando as espécies o presidente ia-as reconhecendo demonstrando o seu conhecimento ao nível da vegetação.

4.6 - Proposta de Intervenção junto ao mercado de Vila Nova da Baronia – Plano de Plantação

5.6.1 – Análise e Caracterização

O espaço localiza-se a oeste de Vila Nova da Baronia, em frente ao antigo mercado. O projeto e a obra foram da autoria Câmara Municipal de Alvito no ano 2007.



Figura 211 – Localização do espaço de intervenção

O espaço tem 9 lugares de estacionamento. A zona central do estacionamento inclui o seguinte mobiliário urbano: tem 3 bancos retangulares em tijolo, um poste de eletricidade e um cesto de lixo. A proposta que se segue, representa o plano de plantação do projeto original. Neste a vegetação proposta foi a seguinte: o *Populus alba*, a *Melia azedarach*, a *Citrus sinensis* e o *Celtis australis*. Foi ainda utilizada a casca de pinheiro para revestir os canteiros.

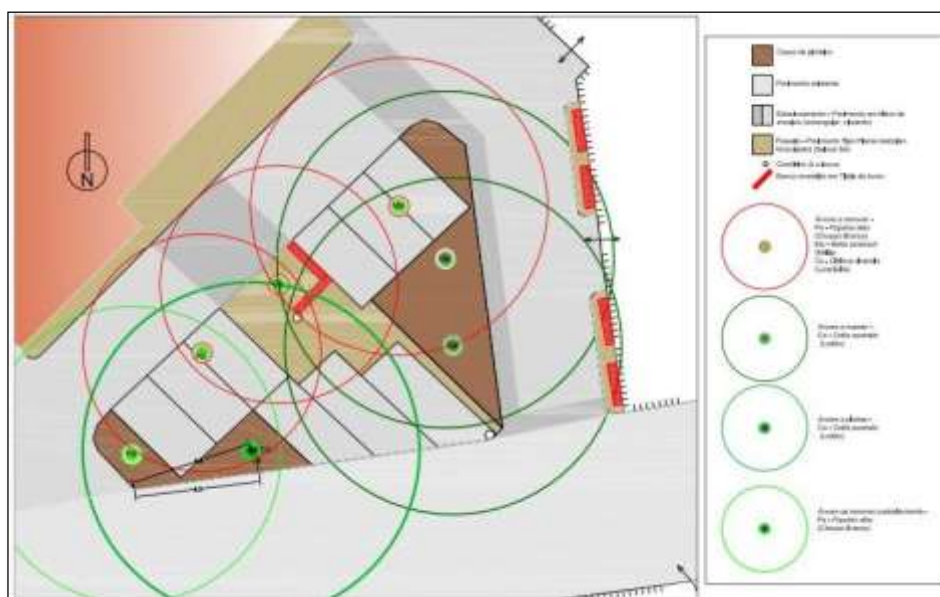


Figura 212 – Plano de Plantação (Anexo 12)

A nossa proposta para este espaço foi considerada um projeto “flash”. Foi-nos pedido que colaborássemos na implantação de uma escultura junto ao mercado de Vila Nova da Baronia, em meados de Maio. A obra tinha de estar pronta no dia 10 de Junho de 2015, data marcada para a sua inauguração. A escultura seria em homenagem aos soldados de Portugal. Forneceram-nos os documentos em dwg, mostraram-nos o local e deram as dimensões do elemento (0.7mx0.7m).



Figura 213 – Espaço anterior à instalação da escultura

5.6.2 – Proposta

Sugeriu-se a eliminação dos 3 lugares de estacionamento a sul, ficando com apenas 6 lugares a norte. A escultura localizar-se-ia no centro, a sul do espaço, como demonstra a figura 213.

Propôs-se, também, a alteração da localização dos bancos de betão, que antes se localizavam no centro do espaço, entre os estacionamentos a norte, para junto do edifício do mercado. Na envolvente da escultura propôs-se um canteiro com relva, herbáceas e saibro. Não se propôs qualquer intervenção nos canteiros existentes, pois o Presidente já tinha pensado o que fazer com eles. Esta proposta foi aceite pelo Presidente (figura 214).

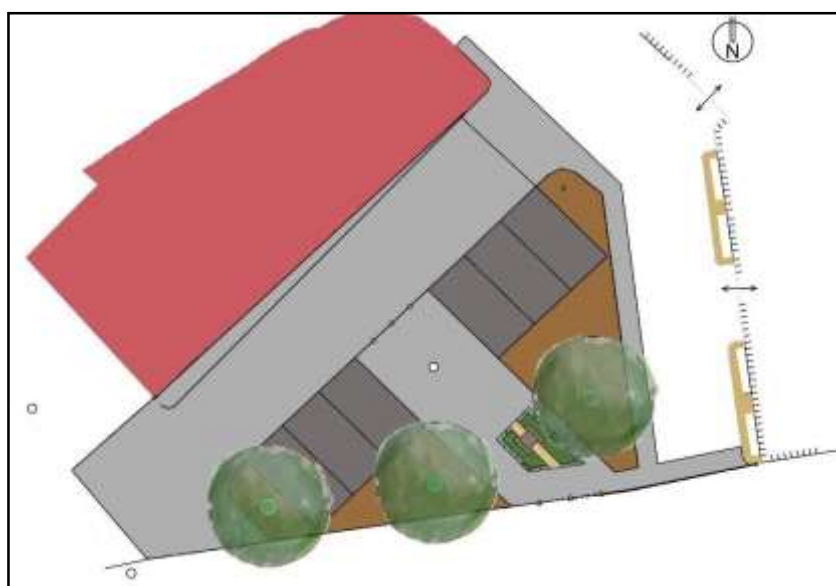


Figura 214 – Proposta da instalação da escultura, sem escala

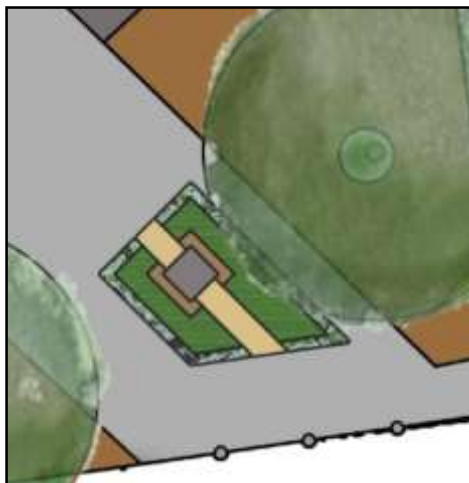


Figura 215 – Proposta final, sem escala

5.6.3 – Proposta Final

Como foi referido, a proposta foi aceite pelo presidente. Mas, mais uma vez, quando se chegou ao espaço a proposta tinha sido alterada. As fotografias abaixo demonstram o aspeto final da obra. O canteiro com as herbáceas, o relvado e o saibro proposto e aceite em reunião, foi substituído por um pavimento em mármore. Da proposta aceite foi mantida a forma do canteiro e a eliminação do estacionamento a sul.



Figura 216 – Estacionamento a Norte



Figura 217 – Implantação da escultura



Figura 218 – Canteiros floridos



Figura 219 - Estacionamento



Figura 220 - Escultura



Figura 221 – Calçada

5.6.4 – Reflexão Crítica

Mais uma vez, o projeto foi alterado em obra. O desenho que tinha sido proposto para a envolvente da escultura não foi concretizado. O presidente alterou a proposta, em obra, substituindo o canteiro com relva, herbáceas e saibro por um pavimento em pedra mármore cinzenta, diretamente sob a calçada como se de um tapete se tratasse, figura 222 e 223.

Em nossa opinião era preferível deixar a escultura diretamente na calçada, uma vez que as vantagens não são visíveis e sempre se diminuam os gastos da obra.



Figura 222 – Pavimento em mármore



Figura 223 – Aspeto visual

4.7 - Intervenção Paisagística no jardim do PULA em Alvito – Estudo Prévio

4.7.1 – Análise e Caracterização

O espaço de intervenção localiza-se a Oeste de Alvito. Junto ao centro de saúde de Alvito e o serviço local da Segurança Social. O espaço inclui dois campos de futebol, equipamento infantil, um elemento de água com repuxo e um lago, zonas de estadia, uma estrutura de ensombramento que realça a entrada principal do espaço, a Sul, e ao mesmo tempo proporciona sombra aos utilizadores. Inclui ainda grandes zonas de relvado onde os mais novos podem brincar livremente (figura 224 e 225).



Figura 224 – Localização do Jardim do PULA

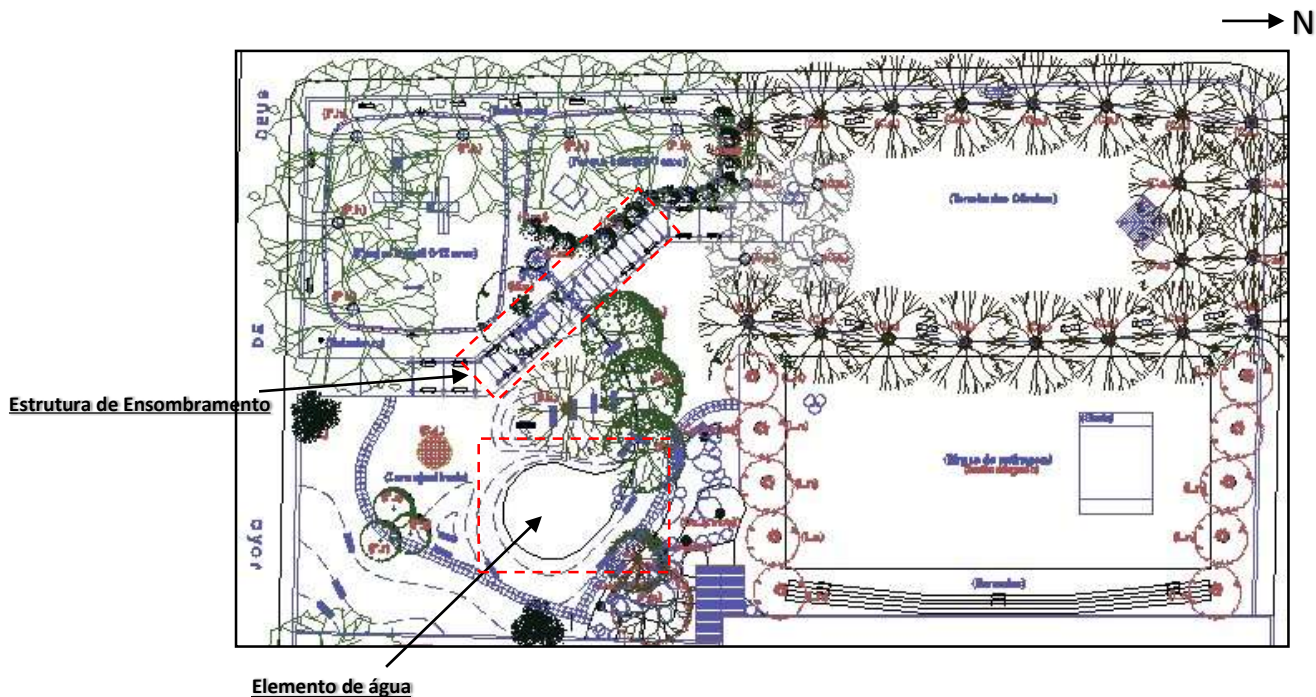


Figura 225 – Plano Geral do Jardim do PULA, sem escala (Anexo 13)



Figura 226 – Elemento de água inactivo



Figura 227 – Envoltente do elemento de água



Figura 228 – Estrutura de Ensombramento

Figura 229 - *Wisteria sinensis*

4.7.2 – Propostas

As seguintes propostas são de intervenções pontuais e centram-se na requalificação da estrutura de ensombramento e do elemento de água, ambos bastante degradados.

A estrutura de ensombramento está de tal maneira danificada que põe em perigo os utilizadores do espaço. A estrutura é constituída em madeira, como se pode confirmar na figura 228. Tem associada uma trepadeira de grande porte (*Wisteria sinensis*) que se pensa ser a causa da danificação da estrutura, que não suporta o peso da trepadeira.

O elemento de água consiste num repuxo cuja água é encaminhada para o lago. Devido aos custos de manutenção o repuxo foi desativado tendo sido o lago ocupado por infestantes pela ausência da água.

Foi-nos pedido a proposta de uma nova estrutura de ensombramento, com material resistente, diferente da estrutura existente em madeira. Foi-nos ainda pedido o nosso parecer sobre o lago, onde o presidente pretendia introduzir espécies aquáticas, tanto de fauna como de flora, para tornar o jardim mais atrativo.

4.7.2.1 – Proposta 1

A proposta 1, para a estrutura de ensombramento, consiste na instalação de vários toldos, em forma de triângulo, suspensos em varões de aço inox e esticados com esticadores, como demonstra a figura 230. O elemento de água atual tem 90 cm de profundidade, sendo o objetivo desta proposta a sua redução para 40 cm de profundidade, por questões de segurança, como mostra a figura 231. A tabela 7 mostra a proposta de vegetação que se pretende implantar no elemento de água.

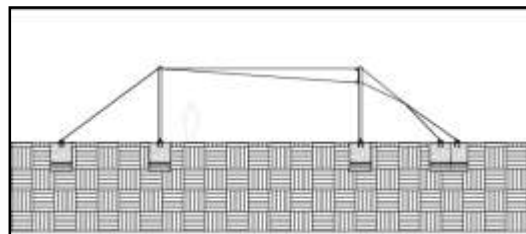


Figura 230 – Proposta 1, estrutura de ensombramento

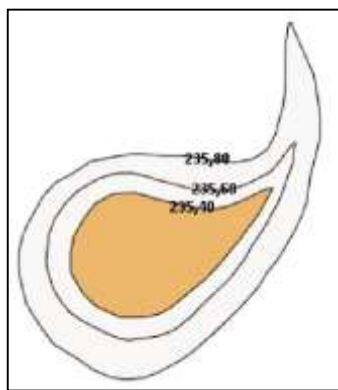


Figura 231 – Proposta 1, Elemento de água, sem escala

Tabela 7 – Proposta da vegetação

	<i>Nymphaea caerulea</i>
	<i>Nymphaea alba</i>
	<i>Cyperus alternifolius</i>
	<i>Junus effusus</i>
	<i>Iris pseudacorus</i>

4.7.2.2 – Proposta 2

A Proposta 2 foi mantido o elemento de água por ter sido logo aceite. Relativamente à estrutura de ensombramento esta será constituída por varões em aço inox tanto na vertical como na horizontal como mostra a figura 231. O material da estrutura de ensombramento é resistente a altas temperaturas assim como à humidade.

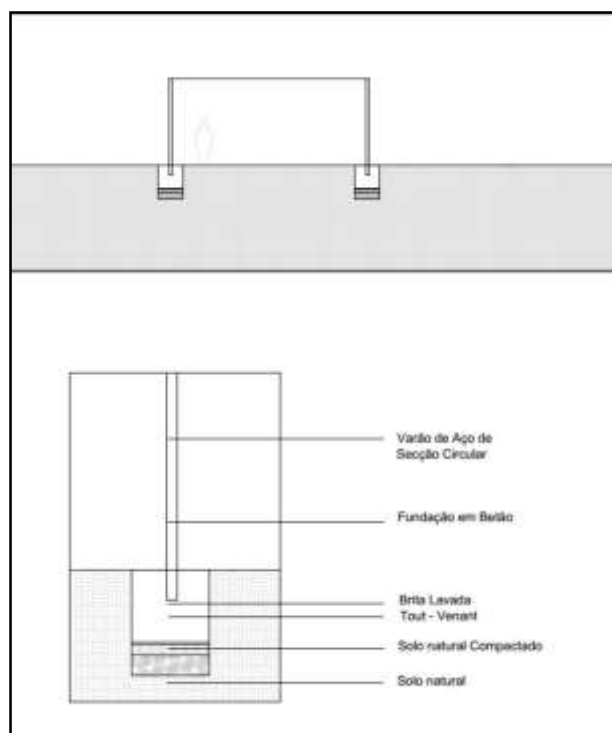


Figura 232 – Proposta 2, sem escala

4.7.3 – Proposta Final

O elemento de água, como já foi referido é o da proposta 1. O Presidente achou a ideia da fauna e da flora positiva, visto que o jardim precisa de algum dinamismo e atratividade.

Relativamente à estrutura de ensombramento, foi aceite a proposta 1, mas com uma pequena alteração. Os esticadores não poderiam ficar na superfície do solo mas sim no alto da estrutura de ensombramento.

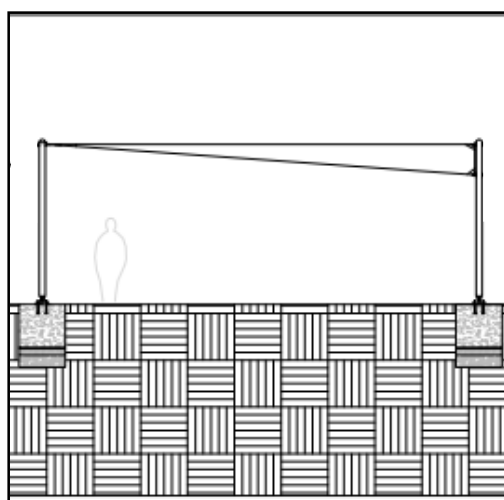


Figura 233 – Proposta final, estrutura de ensombramento

4.8 - Intervenção Paisagística junto ao cemitério de Vila nova da Baronia – Estudo Prévio



4.8.1 – Análise e Caracterização

O espaço de intervenção localiza-se a oeste de Vila Nova da Baronia, junto ao cemitério, e adjacente à Estrada Nacional 383. O local encontra-se sem desenho definido. É apenas utilizado como estacionamento quando há funerais ou quando os familiares visitam as campas dos seus entes queridos. O Presidente pretende criar um estacionamento formal, com lugares definidos e devidamente estruturados. O cemitério tem 3 entradas orientadas para a estrada Nacional. O espaço tem ainda um alinhamento de árvores na entrada do cemitério adjacente ao alçado principal.



Figura 234 - Localização do estacionamento no cemitério de Vila Nova da Baronia



Figura 235 – Estrada Nacional 383



Figura 236 – Limite do passeio vindo da Vila



Figura 237 – Espaço de intervenção



Figura 238 – Entrada principal do cemitério

4.8.2 – Propostas

As propostas são então para o estacionamento pretendido junto ao cemitério. Como o espaço se encontra próximo da Estrada Nacional 383 as viaturas não podem estacionar vindos diretamente desta. Por isso, em ambas as propostas, os carros têm que entrar na chamada via de segurança e só depois estacionarem.

4.8.2.1 – Proposta 1

A proposta 1 consiste no estacionamento em espinha de 22 carros. Os lugares são definidos e individualizados através do pavimento. Como o pavimento existente era calçada de granito irregular optou-se por continuá-lo por todo o espaço de estacionamento. Criou-se uma plataforma de segurança em redor do estacionamento, em betão, com passeio também em betão. No desenvolvimento da proposta, devido às dimensões dos lugares de estacionamento, verificou-se que seria uma falha a ausência de sombra no espaço. Como se pode verificar na figura 239, a entrada principal do cemitério deixou-se como inicialmente estava tal como era requerido pelo Presidente como podemos visualizar na figura 238.



Figura 239 – Proposta 1, estacionamento junto ao cemitério, sem escala

4.8.2.1 – Proposta 2

A proposta 2 veio na sequência da proposta anterior. Propuseram-se espécies arbóreas nas extremidades do estacionamento e, ao centro, optou-se por remover 3 lugares do estacionamento e plantar-se 2 árvores de modo a proporcionarem sombra. Instalaram-se também dois bancos junto à entrada. Os estacionamentos são individualizados através de uma pintura na calçada irregular de granito.

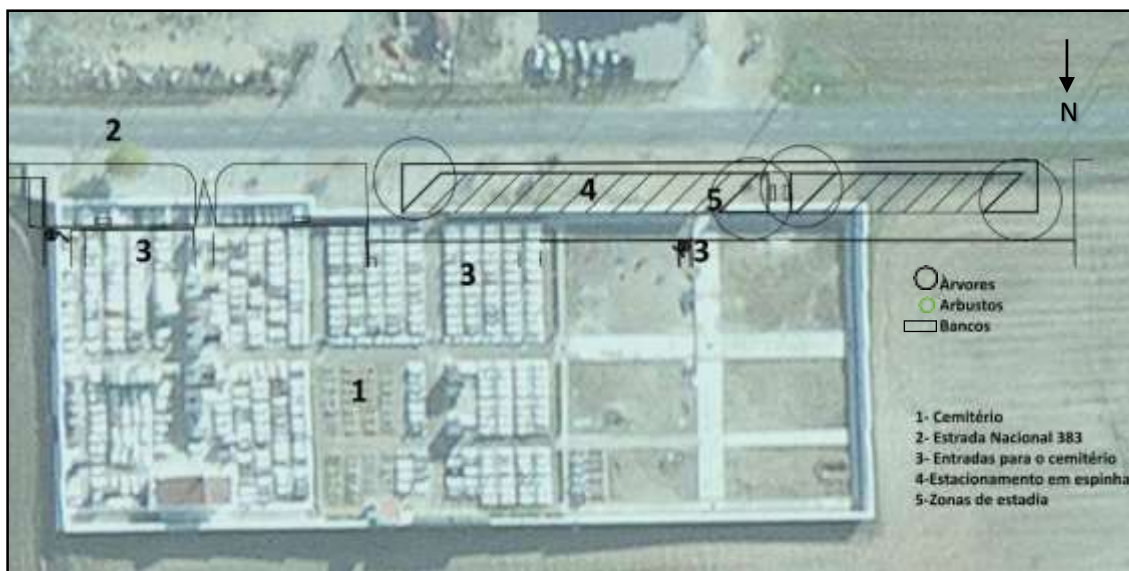


Figura 240 – Proposta 2, estacionamento junto ao cemitério, sem escala

4.8.3 – Proposta Final

A proposta final é resultado da conjugação das propostas anteriores. O estacionamento é em espinha. O sentido de circulação dos carros é obrigatório e faz-se de Oeste para Este. Criaram-se duas bolsas de estadia com bancos e árvores eliminando alguns lugares de estacionamento da proposta 1. Optou-se, também, propor a plantação de alinhamento de arbustos junto ao estacionamento de modo a delimita-lo, separando-o da estrada e, ao mesmo tempo, propiciar uma melhoria da imagem deste espaço.

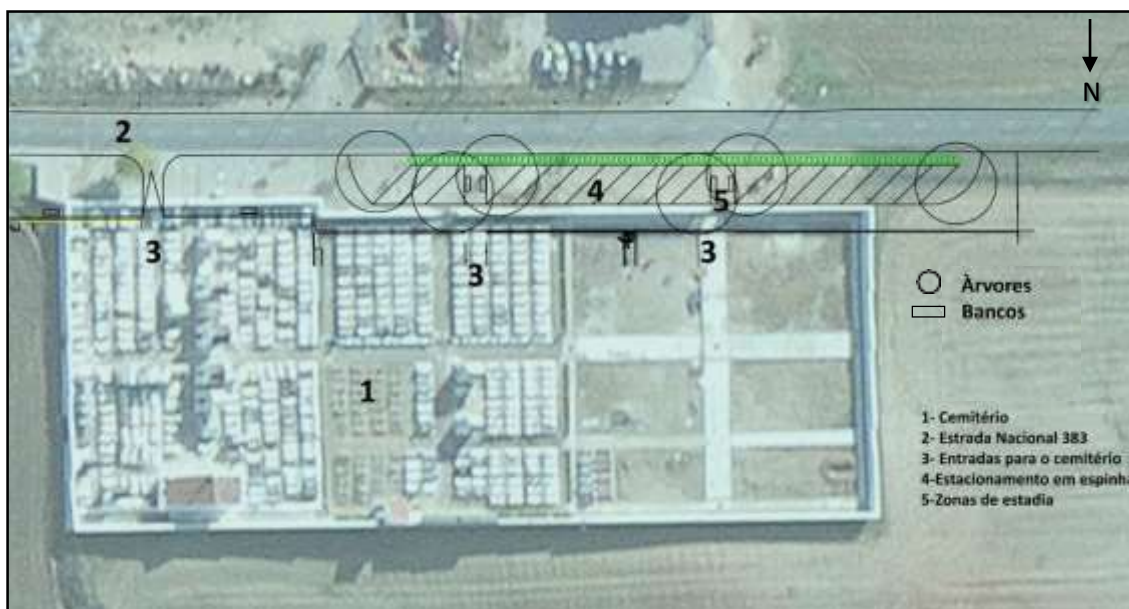


Figura 241 – Proposta final, estacionamento junto ao cemitério, sem escala

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser a primeira vez que o Presidente da Câmara Municipal de Alvito António João Valério recebe um estagiário de Arquitetura Paisagista sentiu-se uma forte necessidade de definir o que é esta área de conhecimento. Por esse motivo optou-se fazer uma contextualização (enquadramento teórico) onde foi abordada esta questão. Assim, e segundo Caldeira Cabral a Arquitetura Paisagista é uma arte, cujo material de trabalho é vivo ou depende da vida, o que faz com que o método de trabalho e de estudo desta profissão se aproxime da arte política. A arquitetura paisagista é então uma arte muito subtil, com uma técnica muito apurada e que se apoia numa ciência muito vasta. A arte e ciência estão inteiramente ligadas.

O trabalho do Arquiteto Paisagista é substituído, na Câmara de Alvito, pelo dirigente da UMOU o Engenheiro Civil David Ramos, que serve de intermediário entre o Presidente da Câmara e o Encarregado de Obra que se encarrega de manter os espaços abertos com o auxílio dos jardineiros da Câmara Municipal de Alvito. Desta forma, todos os trabalhos desenvolvidos no período de estágio foram acompanhados pelo Presidente da Câmara (Historiador) e pelo Engenheiro Civil, coorientadores por parte da entidade onde se desenvolveu o estágio, e pela Arquitecta Paisagista Rute Sousa Matos, por parte da Universidade de Évora.

A realização deste estágio de 6 meses na Câmara Municipal de Alvito constituiu uma importante etapa na nossa formação, pois permitiu complementar a formação teórica adquirida na universidade, com a experiência profissional. A adaptação foi gradual. Nos primeiros dias conheceu-se o serviço, a equipa de trabalho e, depois, todos os espaços que se iriam trabalhar, quer em termos de requalificação quer em termos de novas propostas. As propostas desenvolvidas não passaram do estudo prévio, à exceção de dois casos, em que foi possível participar desde o estudo prévio até à sua execução: a entrada de Alvito – Nicho de Nossa Senhora - e o espaço aberto junto ao mercado em Vila Nova da Baronia.

Podemos referir que foi uma experiência gratificante que permitiu a aquisição de novos conhecimentos e competências. Ao mesmo tempo apercebemo-nos como funcionam os projetos numa câmara pequena onde todas as decisões, antes da aprovação, passam pelas mãos do Presidente da Câmara e são por ele alterados sem o projetista tomar conhecimento. Só no final da obra é que o projetista se apercebe que o projeto pode ter sido completamente alterado.

Um dos fatores mais chocantes deste estágio de mestrado foi a indiferença da população perante os trabalhos realizados. Relativamente às obras de espaços abertos, a população chega a comentar “para ver verde vou à minha quinta”. Por um lado compreende-se pois a vila é pequena e muito rural. Não se pode comparar com uma grande cidade onde o espaço edificado domina. Por mais que o Presidente aceite a proposta de novas obras de espaços abertos, a população tem de tal forma os seus hábitos de utilização do espaço que não adere aos novos espaços novos, ficando estes ao abandono sem utilizadores. Tudo isto foi um grande desafio para nós, em todos os projetos realizados.

Surgiram também outras dificuldades no que diz respeito à transição da formação académica para a atividade profissional, à adaptação à equipa de trabalho e a insegurança quanto às decisões a tomar. Por um lado, devido à população difícil e, por outro, à inexistência de um profissional da área de Arquitetura Paisagista no local de trabalho. Sempre que ocorriam dúvidas tínhamos de contactar a orientadora de estágio da universidade.

Uma outra dificuldade ocorreu logo num primeiro contacto: no primeiro projeto utilizou-se a metodologia tal como aprendemos na universidade: a análise do concelho, visitas aos espaços de estudo, elaboração de esboços e esquemas. Isto é, todos os trabalhos inerentes a um estudo prévio. A discordância entre o que aprendemos na universidade (nomeadamente a pouca importância que se dá à análise) e o que realmente se faz fora dela existe e isso torna-se um entrave. É claro que todos os trabalhos anteriores à proposta contribuíram para uma melhor interpretação do espaço mas na universidade é necessário apresentar a análise feita para melhor justificação da proposta, enquanto no mundo profissional essa apresentação não existe (mas deveria existir pois facilita a explicação da proposta de projeto).

Em termos de trabalho do projeto desenvolvido apenas ocorreu, na fase de estudo prévio, uma vez que os trabalhos não passam dessa fase. Um único espaço aberto que passou a projeto de execução, e do qual tivemos conhecimento, foi o “parque de feiras e exposições” objeto de concurso. E assim funciona esta instituição pública: projetos de grande dimensão vão para concurso público, projetos de pequenas dimensões ou os ditos “arranjos” de “espaços verdes” são da autoria da Câmara Municipal, aproveitando os estagiários ou da autoria do Presidente, juntamente com a Arquitecta e o Engenheiro Civil. Teria sido bom ter participado em todas as fases de projeto - estudo prévio, projeto de execução e obra. O facto de ser uma Câmara pequena fez com que facilmente tivéssemos acesso a qualquer documento e também aos processos de projeto.

Durante o estágio fomos questionando os responsáveis, acerca do processo de elaboração dos projetos, de um modo geral, De como decorria o mesmo, desde a sua concessão à sua execução. A resposta foi que, como era uma Câmara pequena e com uma equipa relativamente fraca em termos de conhecimentos em projeto de execução, partiam do estudo prévio diretamente para a obra, visto que se se tratavam de obras de pequena dimensão.

Inicialmente foi pedida a nossa criatividade. No entanto, à medida que as propostas iam sendo apresentadas a única sugestão recebida era que as espécies escolhidas tivessem o mínimo de manutenção e que simultaneamente surpreendessem a população do concelho de Alvito. Começou-se sempre por se fazer uma análise e depois partir para a fase de esboço das ideias, todas elas baseadas no próprio espaço e no comportamento das pessoas no mesmo, assim como na preocupação da sustentabilidade das espécies e materiais propostos. No final, cada proposta foi discutida com o Presidente da Câmara Municipal. Todas as propostas foram criticadas negativamente pelo Presidente da Câmara que demonstrava ter conhecimento, por exemplo das espécies de vegetação por as ter na sua quinta, ou por fazer experiências com as mesmas, apesar do contexto urbano ser diferente de uma quinta.

Consideramos que, frequentemente, as críticas feitas aos projetos resultaram da existência de uma imagem pré-estabelecida pelo Presidente da Câmara. Normalmente, os clientes apresentam um programa e referem objetivos. Neste caso, era apenas solicitada a nossa criatividade, que era em seguida criticada por não coincidir com uma sua ideia pré estabelecida.

Na proposta para o espaço que cruza a rua Dr. Ernesto Gois e a Rua Professor Egas Moniz, em Vila Nova da Baronia houve dificuldade da nossa parte em compreender as críticas. Uma das propostas foi até considerada “muito complexa” para o espaço em questão pois não pretendiam gastar muito dinheiro naquela área. No entanto detetou-se, em reunião, uma contradição entre o

Presidente da Câmara e os donos do terreno. O primeiro pretendia um jardim enquanto que os segundos pretendiam apenas vedar a área e tratar das infestantes para que as pessoas não estacionassem o seu carro, visto ser um espaço privado, pertencente à casa do povo. Como foi referido, a área estava reservada para a construção de uma escola mas, como não houve financiamento, não avançaram com a proposta, até porque não existem crianças suficientes para o fazer, há mais de 20 anos. Por causa da escola não queriam hábitos de estacionamento. No final, aprovaram uma proposta que, a seu ver, era a mais indicada e até sugeriram que se introduzisse equipamento geriátrico que, na nossa opinião, não era o mais indicado. Entretanto é da própria direção da casa do povo que surge a ideia da introdução de estacionamento, negado à partida.

O espaço do Nicho de Nossa senhora de Fátima e o espaço do mercado da casa do Povo foram dois projetos relativamente semelhantes. Foram solicitadas propostas criativas. As propostas foram feitas e apresentadas. Como todas as outras foram criticadas e melhoradas relativamente às sugestões. No final foram aprovadas as propostas mas, como não foi possível acompanhar as obras, apenas vimos o resultado do nosso projeto quando a obra finalizou. Surpreendentemente, em ambos os projetos foram alteradas a estrutura principal que antes tinha sido aprovada. Apesar das ideias serem aprovadas podem ser alteradas em obra.

No Adro, junto à Igreja Matriz, houve mais uma vez dificuldade em entender o que tinha sido idealizado pelo Presidente. Como era hábito foi pedido toda a nossa criatividade, ou seja, não havia condicionantes nem sugestões, apenas queriam um espaço que fosse um “Jardim” e que atraísse a população mais jovem. Durante a apresentação das várias propostas para este espaço houve sempre discordância de ideias, até que questionamos quais eram as ideias que o Presidente tinha para esse espaço, pois assim seria mais fácil apresentar uma proposta. Assim se chegou a um consenso e assim se conseguiu demonstrar que a ideia que o Presidente tinha em mente não era a melhor opção para aquele espaço. E a nossa proposta vingou.

Relativamente às propostas para a Casa do Povo de Vila Nova da Baronia, para o Jardim do Pula, para o estacionamento junto ao cemitério em Vila Nova da Baronia e para a entrada do campo de Futebol José Joaquim Branquinho foram todas elas alvo de projeto de execução pontual. Para a primeira foi feito um plano de plantação. Para a segunda o objetivo era substituir a estrutura de ensombramento e requalificar o lago degradado. Junto ao cemitério de Vila Nova da Baronia o objetivo era um estacionamento. E a entrada do campo de futebol em Alvito foi uma outra pequena intervenção onde o Presidente sugeriu apenas uma entrada “Embelezada” para receber os jogadores e, ao mesmo tempo, homenagear o Professor José Joaquim Branquinho.

Também foi possível ver que as questões de cariz económico se sobrepõem à conceção de determinado espaço quer sob o ponto de vista estético, quer funcional quer ecológico. Contudo, e apesar de todas as dificuldades, o estágio foi enriquecedor para a nossa aquisição de conhecimentos e competências. Mais uma vez se reforça que o estágio poderia ter tido melhores resultados se existisse um Arquiteto Paisagista na equipa de trabalho, que compreendesse as nossas ideias e sugestões. Muitas vezes, os outros elementos da equipa de trabalho ridicularizavam as nossas propostas e a sua justificação, não chegando a perceber as nossas intenções e objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA



- Barros, M.** (2009). “*Alvito: Histórias e Histórias*”. Alvito: Câmara Municipal de Alvito.
- Caldeira Cabral, F.** (1993). “*Fundamentos de Arquitectura Paisagista*”. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Cancela D’Abreu, A; Correia, T; Oliveira, R.** (2004). “*Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*”. - Volume IV: Grupos de Unidades de Paisagem K-Q (Maciços Calcários da Estremadura a Terras do Sado). Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimentos Urbano.
- Magalhães, M.** (2001). “*A Arquitectura Paisagista – Morfologia e Complexidade*”. Lisboa: Estampa.
- Magalhães, M.** (2007). “Paisagem – Perspectiva de Arquitectura Paisagista”. Centro de Filosofia. pp.103-113
- Matos, R. S.** (2011). “*A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões*”, (Dissertação de tese de doutoramento). Universidade de Évora, Évora.
- Mota, A.** (Abril de 2008). Entrevista a Gonçalo Ribeiro Telles, “*A minha vida interior é a cidade tudo o resto é a paisagem*”.
- Santos, F.** (2012). “*O jardim de flores. O jardim de cor*” (Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista). Universidade de Évora, Évora.
- Silva, J.** (2000). “*100 Anos de Memórias*”. Alvito: Câmara Municipal de Alvito
- Valério, A.** (1994). “*Arte e História no Concelho de Alvito. Guia para uma Visita*”. Alvito: Câmara Municipal de Alvito.

Plano Diretor Municipal de Alvito, em execução (2014)

<http://www.cm-alvito.pt/pt/Default.aspx>, consultada em Maio de 2015

<http://www.vilanovadabaronia.freguesias.pt/>

<https://www.ine.pt>

Anexos

